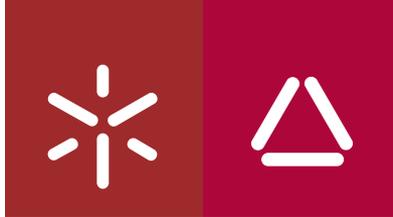


Universidade do Minho
Instituto de Ciências Sociais

Ana Rita Moreira Vilaça

**A representação da dor na imprensa nacional:
análise da relação entre os *media* e as fontes
de informação durante a experiência de
estágio no Jornal de Notícias**



Universidade do Minho
Instituto de Ciências Sociais

Ana Rita Moreira Vilaça

**A representação da dor na imprensa nacional:
análise da relação entre os *media* e as fontes
de informação durante a experiência de
estágio no Jornal de Notícias**

Relatório de Estágio
Mestrado em Ciências da Comunicação
Área de Especialização em Informação e Jornalismo

Trabalho realizado sob a orientação da
**Professora Doutora Sandra Cristina dos Santos
Monteiro Marinho**

DECLARAÇÃO

Nome

Ana Rita Moreira Vilaça

Endereço electrónico: ritamvilaca@gmail.com

Número do Bilhete de Identidade: 13820650

Título do relatório de estágio em empresa

A representação da dor na imprensa nacional: análise da relação entre os *media* e as fontes de informação durante a experiência de estágio no Jornal de Notícias

Orientadora: Professora Doutora Sandra Cristina dos Santos Monteiro Marinho

Ano de conclusão: 2013

Designação do Mestrado : Mestrado em Ciências da Comunicação – Área de Especialização em Informação e Jornalismo

É AUTORIZADA A REPRODUÇÃO INTEGRAL DESTES RELATÓRIOS DE ESTÁGIO APENAS PARA EFEITOS DE INVESTIGAÇÃO, MEDIANTE DECLARAÇÃO ESCRITA DO INTERESSADO, QUE A TAL SE COMPROMETE;

Universidade do Minho,

Assinatura: _____

“Time and again I’m surprised at the response pictures manage to elicit; people feel outraged, insulted, embarrassed, unsettled, confused, and even threatened by a piece of canvas and several milligrams of pain spread on it. They well know that what they see in my pictures is only fiction. Even so, they are able to watch war, murder, torture, and dead people on television without having any problem with it.

Yet they are thrown of track by a piece of canvas.”

Gottfried Helnwein

Pintor e fotógrafo

Agradecimentos

*Aos meus pais, pelos sacrifícios,
Aos meus avós e irmão, pelo carinho,
Ao Ivo, pela dedicação, paciência e incentivo,
Aos amigos, pelo apoio,
Às mascotes de quatro patas, pela companhia nas tardes de trabalho.
Um especial obrigada à professora doutora Sandra Marinho, pela orientação,
E um agradecimento, carregado de carinho e admiração, aos jornalistas do JN, em especial do
'Grande Porto', pela experiência magnífica e inesquecível.*

Resumo

Tendo sempre como base a experiência enquanto estagiária na secção Grande Porto do Jornal de Notícias, neste relatório pretende-se refletir sobre a forma como os jornalistas abordam e tratam situações de dor. Acidentes, mortes e perda de bens foram alguns dos temas trabalhados durante o período de estágio. Foi-me possível acompanhar, na primeira pessoa, todo o processo noticioso referente a assuntos deste âmbito. Refletir sobre o tipo de abordagem destes temas e sobre a forma de contacto com as próprias fontes foram os objetivos traçados logo na primeira fase de realização deste relatório de estágio.

Deste modo, a primeira parte do trabalho será sobre o Jornal de Notícias: a sua evolução e a sua posição atual como diário nacional. Já na segunda parte deste relatório são descritas algumas experiências e dada uma perspectiva mais pessoal sobre a fase de adaptação. Ao longo da terceira parte do trabalho será feita uma reflexão teórica sobre o tema em questão, sempre aliando a experiência enquanto estagiária. Finalmente, na quarta parte do trabalho serão descritas algumas experiências que me foram proporcionadas enquanto ocupava a posição de jornalista estagiária, englobando uma reflexão mais detalhada dos trabalhos desenvolvidos, tendo sempre uma base teórico-prática. Confrontar investigações, teorias e ideias com experiências práticas e concretas foi sempre o objetivo deste relatório.

Palavras-chave: Jornalismo; Jornal de Notícias; Dor; Fontes de informação.

Abstract

Always focused on the experience as an intern at Grande Porto section of Jornal de Notícias, this report aims to reflect how journalists treat information in situations of pain. Accidents, deaths and property loss, were some of the subjects that I worked on during the internship period. I was able to follow, personally, all the process of news production concerning to these matters. It will be made a reflection about how to approach these issues and how to contact sources themselves. These were the goals that I set in the early begin of this internship report.

Thus, the first part of the work it's about Jornal de Notícias: its evolution and its current position as a national daily newspaper. In the second part of this report, I will describe some experiences and it's given a personal perspective about the adaptation phase. During the third part of this report, a theoretical reflection will have place, always combining the experience as an intern. Finally, in the fourth part of the paper, some experiences will be described, encompassing a more detailed reflection about the work done, having always a theoretical and practical basis. Confronting investigations, theories and ideas with concrete and practical experiences has always been the core of this report.

Key-words: Journalism; Jornal de Notícias; Pain; Sources of information.

ÍNDICE

| | |
|---|-----------|
| Introdução | 1 |
| | |
| 1. O Jornal de Notícias: percurso e organização | 5 |
| 1.1. Do Porto para o Mundo | 5 |
| 1.2. Os desafios permanentes da atualidade | 6 |
| | |
| 2. Quotidiano: como é trabalhar no Jornal de Notícias | 9 |
| 2.1. As voltas | 12 |
| 2.2. O piquete | 13 |
| 2.3. O primeiro dia | 14 |
| 2.4. Os primeiros passos..... | 16 |
| 2.5. Vou sozinha em serviço, e agora?..... | 17 |
| 2.6. As situações de dor: o primeiro trabalho | 19 |
| 2.7. O último dia: adaptação 99% concluída | 21 |
| 2.8. Síntese..... | 22 |
| | |
| 3 Jornalismo em situações de dor: reflexões sobre um território sinuoso | 25 |
| 3.1. A informação de proximidade | 25 |
| 3.2. A tragédia | 29 |
| 3.2.1. <i>O jornalismo em tempos de tragédia</i> | 33 |
| 3.2.2. <i>A imagem</i> | 36 |
| 3.2.3. <i>As emoções</i> | 40 |
| 3.2.4. <i>A dor</i> | 45 |
| 3.2.5. <i>As vítimas</i> | 48 |
| 3.3. Síntese..... | 51 |
| | |
| 4. Noticiar a dor: reflexão sobre o percurso no Jornal de Notícias | 53 |
| 4.1. Questões orientadoras | 53 |
| 4.2. Critérios e Modelo de Análise | 54 |
| 4.3. Notícias relacionadas com a dor | 56 |
| 4.3.1 <i>Notícias selecionadas para comparação</i> | 57 |
| 4.4. Dor vs outros temas: o assunto, as vítimas, as fontes e o uso da imagem nas notícias produzidas sobre a temática da dor | 57 |
| 4.5. Reflexões sobre o processo de construção noticiosa..... | 62 |
| | |
| 5. Considerações finais | 67 |
| | |
| Bibliografia | 69 |
| | |
| Anexos | 73 |

Introdução

Como revelam os dados da Associação Portuguesa para o Controlo de Tiragem e Circulação (APCT), o panorama da imprensa nacional já viu melhores dias. Os leitores são cada vez menos e a internet veio acentuar o decréscimo na compra de jornais. As previsões mais pessimistas apontam mesmo para o final dos jornais impressos.

Os primeiros a sentir esta crise, a que alguns teóricos chamam apenas de 'mutação', foram os jornais regionais. Mas nem só os jornais regionais sofreram com a falta de leitores e com a falta de dinheiro dos leitores. Também os jornais nacionais tiveram quebras que rondam os 10%, entre 2011 e 2012, o que se traduz num decréscimo de 28.295 jornais vendidos por dia, segundo dados da APCT.

Os responsáveis pelos jornais diários desdobram-se em soluções para aumentar as vendas e superar a crise. No leque de soluções, um possível caminho, que parece ser já o adotado por alguns órgãos, é o recurso ao sensacionalismo. Capas chamativas com títulos a letras gordas, fotografias chocantes e cores apelativas. Ora, o sensacionalismo sempre esteve do outro lado da ténue barreira entre a informação e o entretenimento.

A busca do sensacional e do espetacular, como forma de apelar ao sentimento do público e de chamar a atenção do leitor, é uma técnica utilizada por vários jornais. Todavia, é um processo desenvolvido maioritariamente por órgãos de comunicação considerados sensacionalistas e pelos conhecidos 'tabloides' (Uribe & Gunter, 2004). No entanto, nem só o objetivo da venda está patente nesta forma de fazer jornalismo; também um papel em torno da responsabilidade social é atribuído a todo o processo noticioso quando se está a falar deste tipo de acontecimentos.

Abordar a dor, mostrando situações de sofrimento nos *media*, é uma forma de dar visibilidade aos cidadãos. São os meios de comunicação social que dão voz ao 'povo' em situação de miséria extrema, a familiares e amigos de uma vítima de acidente, a populares que sofrem com a falta de atendimento médico, etc. São também os *media* que dão espaço público à revolta dos cidadãos. Normalmente, mobilizam a ajuda que, frequentemente, acaba na resolução dos problemas (principalmente assuntos abordados na secção Local ou na imprensa

regional), sendo a proximidade com o leitor uma preocupação que qualquer jornal deveria contemplar.

Durante o período de estágio, ficou claro que algumas estórias são romantizadas. Mas, por outro lado, há todo um papel social neste tipo de cobertura noticiosa. Além de ter como base a experiência dos três meses que durou o estágio curricular, e ainda as teses de investigadores que trabalharam nesse âmbito (Sontag, 2003; Torres, 2007; Oliveira, 2006), algumas considerações e reflexões serão tecidas no sentido de uma possível ausência de auto-regulação aquando do tratamento de acontecimentos tidos como trágicos.

Este trabalho pretende dar conta de toda uma experiência como jornalista estagiária num órgão de comunicação nacional. Indo além da reflexão sobre a noticiabilidade da dor, o objetivo foi o de analisar, criticamente, a abordagem informativa dos jornalistas em situações trágicas, a partir do trabalho que foi desenvolvido durante o estágio: como é que se lida com pessoas em estado de choque, retirando delas testemunhos e declarações, que servirão para construir uma notícia (Hoijer, 2004; Dayan & Katz, 2005).

Durante este estágio, que foi o meu primeiro verdadeiro contacto com o mundo do trabalho, várias foram as questões que surgiram ao longo dos três meses que ele durou. O confrontar daquilo que se aprende no seio da comunidade académica, enquanto aluna, com aquilo que se faz, de facto, nas redações, foi um dos pontos de reflexão do trabalho. Assim, este relatório divide-se em quatro grandes partes:

- O primeiro capítulo recai sobre o Jornal de Notícias (JN): o seu percurso e o seu atual posicionamento como jornal nacional diário. Alguns pontos marcantes da história deste meio de comunicação, também alguns prémios e evoluções, registadas no percurso do JN, integram esta primeira parte.
- O segundo capítulo analisa e descreve a rotina do JN e a minha consequente adaptação e desempenho durante os três meses que durou o estágio curricular. Este capítulo será escrito num tom mais intimista e pessoal. Quase como um diário, a segunda parte deste trabalho pretende ilustrar, quase fielmente, o meu dia a dia enquanto estagiária: as dificuldades, as conquistas e até os pensamentos mais íntimos. Optei por um registo mais informal por ser uma parte do relatório de estágio onde posso descrever, na

primeira pessoa, a entrada no universo do jornalismo: o choque do confronto com o mundo do trabalho, o primeiro dia, a semana de adaptação, a primeira vez que fiz uma reportagem sozinha... Ao longo deste capítulo é também ilustrado o funcionamento da redação do JN: as rotinas, as dificuldades, as banalidades do dia a dia e a forma como me moldei à equipa e ao quotidiano.

- A terceira parte do relatório articula algumas teorias de investigadores que se dedicaram a estudar a dor na comunicação social. Isto passa por abordar a relação entre os jornalistas e as fontes, e a relação entre o público e as vítimas. Também a componente da imagem tem um papel fulcral neste capítulo, sendo descrita como um importante aliado do jornalismo na cobertura de situações trágicas.
- A quarta parte deste relatório consiste numa análise mais detalhada sobre algum do trabalho desenvolvido por mim, tendo em conta uma perspectiva teórico-prática. Ao longo do último capítulo levarei a cabo uma pequena investigação, tendo sempre em conta a reflexão acerca do que foi produzido por mim durante os três meses de estágio, assente em: perceber como certos temas foram tratados, os erros cometidos, as correções feitas e a comparação entre a minha forma inicial de escrever e o meu registo no final do estágio. Entre os artigos produzidos, aqueles que merecerão mais enfoque serão os diretamente ou indiretamente relacionados com o sofrimento das pessoas.

Além de compreender de que forma os assuntos são tratados, um dos objetivos deste relatório é também o de perceber que relação é estabelecida entre os jornalistas e as fontes de informação. Que perguntas são feitas, que técnicas são utilizadas para conseguir chegar às fontes num momento delicado, como contornar alguns contratempus e, finalmente, como tratar a informação obtida são alguns pontos essenciais na quarta parte. A par da análise do trabalho desenvolvido enquanto estagiária, será ainda apresentada uma pesquisa de teorias e investigações que sustentam as experiências relatadas. Deste modo, julgo estarem lançados os principais aspetos que norteiam este relatório.

1. O Jornal de Notícias: percurso e organização

Neste capítulo serão abordados os principais momentos vividos na primeira pessoa, ao mesmo tempo que explicarei o funcionamento da redação do diário portuense e a sua evolução ao longo dos últimos anos. Será, assim, feita referência à experiência adquirida durante o trabalho desenvolvido no JN.

1.1. Do Porto para o Mundo

É na Rua de Gonçalo Cristóvão, no Porto, que se ergue, atualmente, o edifício do Jornal de Notícias, também conhecido como JN. Manuel Tavares é o diretor do jornal generalista que já conta com 125 anos de existência. Tendo como lema “Dar voz aos que não têm voz”, afirma-se como o segundo diário mais vendido em Portugal, tendo um maior volume de vendas no norte do país, de acordo com dados da APCT.

Conforme informações retiradas do próprio *site* do jornal¹, o JN é considerado uma referência nos temas locais, desenvolvendo um jornalismo de proximidade, o que faz dele um meio de comunicação com várias filiais espalhadas por todo o país: Lisboa, Braga, Guimarães, Aveiro, Coimbra, Leiria, Santa Maria da Feira, Viana do Castelo, Vila Real e Viseu. O JN consegue, assim, fidelizar leitores, valorizando a cidade e a região e fornecendo, ao mesmo tempo, uma dieta informativa rica ao nível de assuntos do âmbito nacional.

Segundo as informações disponibilizadas pelo JN *online*, o jornal está integrado, desde 2005, na Controlinveste – um dos maiores grupos de *media* em Portugal, do qual fazem parte também os jornais Diário de Notícias e O Jogo, a rádio TSF, entre outros órgãos.

O Jornal de Notícias chegou às bancas, pela primeira vez, a 2 de junho de 1888, quando José Diogo Arroio era o diretor. Naquela altura, tinha apenas quatro páginas e uma delas era dedicada a anúncios. Custava dez réis e era vendido no Porto e arredores, Lisboa e Braga. As suas primeiras instalações situavam-se na Rua de D. Pedro, também no Porto. Redação, administração, composição e impressão, tudo era concentrado no mesmo edifício (Sousa *in* Ribeiro, 2012).

¹ <http://www.jn.pt/paginainicial/>

Tendo como aposta inicial a informação nacional e internacional, o 'jornal do norte' conheceu uma maior expansão no período pós 25 de abril, tornando-se num dos maiores diários de Portugal (Sousa *in* Ribeiro, 2012).

Com o objetivo de manter a proximidade com os leitores, o Jornal de Notícias chegou, em 2003, a ter quatro edições diferentes: Nacional (sediada no Porto), Minho, Centro e Sul. Estas edições comportavam capas e quatro páginas diferentes. Em 2007, as edições múltiplas foram reduzidas a três (Minho, Grande Porto e Centro) e as diferenças assentavam apenas na secção Local e na secção de Desporto (Sousa *in* Ribeiro, 2012). Atualmente, possui apenas uma edição.

Durante o seu longo percurso como jornal diário português, o JN sofreu alguns períodos menos positivos e mais conturbados. Por exemplo, durante a I Grande Guerra, em 1914, o JN deixou de ter edição às segundas-feiras. Também em 1951, durante a ditadura, o diário passou a ser considerado um órgão da oposição ao regime, sendo, meticulosamente, analisado pela censura antes de ser posto à venda. Após a revolução dos cravos, o JN difundiu-se de uma maneira impressionante chegando, em 1978, a ser o jornal mais lido em Portugal (Aguiar, 2008).

1.2. Os desafios permanentes da atualidade

Tentando sempre inovar e aproximar-se dos seus leitores, o JN reinventou-se várias vezes ao longo dos seus 125 anos. A mais recente inovação deu-se em fevereiro de 2012. O JN apostou num novo grafismo, num tamanho mais pequeno, mais arrojado e colorido. O diário reafirmou, assim, o seu posicionamento como um jornal do norte, mas mais vanguardista. Atualmente, a versão impressa é dividida por 11 secções: Primeiro Plano; Sociedade; Segurança; Praça da Liberdade; Grande Porto e Norte-Sul; Política; Economia; Mundo; Desporto; Artes & Vidas; Útil & Fútil e Últimas.

Também às sextas-feiras, os leitores do JN podem contar com a revista 'Notícias TV'; aos sábados com os suplementos 'Dinheiro Vivo' e 'Notícias IN', e aos domingos com a 'Notícias Magazine'. Diariamente, o jornal traz ainda o 'JN TUTI Classificados'.

Com a recorrente crise da imprensa, em 2008 a aposta do diário recaiu sobre a *homepage* do generalista. Tendo em conta o desenvolvimento das edições *online*, o JN

modificou o seu visual: introduziu o vídeo e as infografias, que até então não existiam, e reforçou o plantel de jornalistas a trabalhar a componente multimédia. Atualmente, o *online* conta com as secções: Últimas; Política; Sociedade; Segurança; Economia; País; Mundo; Desporto; Cultura; Gente e Tecnologia.

Com alguns prémios de ciberjornalismo arrecadados, os mais recentes em 2012 na categoria de 'Videojornalismo Online' e 'Última Hora', entregues pelo Observatório de Ciberjornalismo da Universidade do Porto, o JN continua com uma franca aposta na *web* e nas redes sociais, como forma de aproximação e interatividade com e entre os leitores.

Esta aposta no *online* pode ser encarada como uma resposta às quebras que a publicação sofreu nos últimos anos. No relatório da Obercom² conseguimos compreender que o JN não escapou à razia que se verificou na circulação paga por edição, no segmento dos diários de informação geral. Podemos comprovar esta realidade quando fazemos uma comparação entre o ano de 2002 e 2013. Enquanto que, em 2002, de acordo com os dados da APCT³, o JN apresentava, no primeiro bimestre do ano, uma tiragem de 137.242 e uma circulação de 105.798, em 2013, no período homólogo, tem uma tiragem de 91.878 e uma circulação de 68.539. Para além disso, o diário portuense perdeu a hegemonia nesta categoria para o Correio da Manhã, que tem cimentado a primeira posição na tabela. Aos números de 2013 do JN, o CM responde com 157.627 tiragem e uma circulação de 118.740 exemplares, enquanto que em 2002, durante o primeiro bimestre, registava uma tiragem de 124.667 e uma circulação de 96.198.

No entanto, e de acordo com os últimos dados publicados pelo Observatório de Ciberjornalismo⁴, que datam de 2010, o JN é o jornal que aproveita da melhor forma as potencialidades da internet.

Depois de uma abordagem feita à evolução do JN ao longo do tempo, com um enfoque especial no que aconteceu nos últimos anos, vou partir para aspetos mais pessoais da minha caminhada como estagiária que teve a duração de três meses.

² http://www.obercom.pt/client/?newsId=12&fileName=imprensa_11_12.pdf Neste relatório está patente a crise que a imprensa escrita portuguesa tem sentido nos últimos anos. É possível ter uma percepção da evolução negativa deste sector através dos dados das diferentes publicações em Portugal.

³ <http://www.apct.pt/index.php> A APCT regista os movimentos de tiragem e circulação de vários títulos impressos nacionais.

⁴ <http://obciber.wordpress.com/estatisticas/> O Observatório de Ciberjornalismo mede a forma como os diferentes meios se comportam no universo online. Os dados sustentam a boa performance do JN neste contexto.

2. Quotidiano: como é trabalhar no Jornal de Notícias

A entrada naquele mundo que apenas conhecemos da sala de aulas é o momento a que qualquer estudante de jornalismo aspira. Depois de quatro anos de formação na Universidade do Minho, chegava o momento de consolidar todo o conhecimento com a realidade. Neste capítulo, serão abordadas as expectativas, as desilusões e, principalmente, os momentos mais importantes e que marcaram, de uma forma especial, a minha passagem pela redação deste diário nortenho.

Fazendo jus à ideia romântica que a generalidade das pessoas têm sobre o jornalismo, todos os dias no JN eram diferentes: desde as pessoas com quem se trabalhava até aos temas sobre os quais se escrevia. Conhecer pessoas novas e aprender diariamente tornou-se rotineiro, mas não monótono. Para mim, uma estagiária que ansiava pelo contacto com mundo real, a redação tornou-se numa caixinha de surpresas que nem sempre trazia coisas agradáveis, mas sempre surpreendentes e que me faziam mais ambiciosa.

Aquela sala, cheia de pessoas atarefadas, televisões ligadas, telefones a tocar e abafada pelo calor de dezenas de computadores, tinha uma estranha relação com o tempo: por vezes ele voava, outras vezes parece que congelava. A maior parte das vezes, voava. Principalmente às sextas-feiras durante a tarde e até à hora em que as notícias decidissem parar de aparecer. Já aos fins de semana, a sala, que durante os dias úteis não parava, ficava adormecida na voz de pouco mais de uma dezena de jornalistas. Os sábados e, principalmente, os domingos eram tediosos e sem grande agitação, a não ser que fosse fim de semana de chuva o que, normalmente, era sinónimo de acidentes.

Um dia normal no JN começava por volta das 8 horas. As primeiras pessoas a chegar eram as do Online e da Agenda. Mas, na secção Grande Porto, o trabalho começava por volta das 10 horas. A primeira coisa a fazer era consultar a agenda, que se encontrava afixada à entrada, perto da pilha de jornais a cheirar a notícias frescas. A agenda era feita por uma secção com o mesmo nome. Durante todo o dia, os jornalistas que faziam parte deste pequeno grupo, conciliavam horas, repórteres fotográficos, locais e jornalistas. Uma tarefa minuciosa e que nem sempre agradava a todos. Grande parte das vezes, os jornalistas só se apercebiam no dia seguinte de que não podiam conciliar os dois ou três trabalhos que lhes foram atribuídos.

Atrasos, imprevistos ou o prolongamento do próprio serviço eram os percalços que estavam na ordem do dia e que conferiam à profissão o prometido *stress*.

Os 'serviços', como são chamadas as deslocações dos jornalistas, aconteciam durante todo o dia, mas a maior parte deles tinha lugar da parte da manhã. Entrevistas, conferências, inaugurações, assinaturas de protocolos ou reuniões de Câmara eram alguns dos serviços que a agenda impunha. As deslocações eram feitas de táxi (se fosse para a zona do Grande Porto) ou num dos carros do JN (se fosse para fora do Grande Porto). Normalmente, o jornalista era acompanhado por um repórter fotográfico. Pessoalmente, ficava desmotivada quando a Agenda não me dispensava um. Habitualmente queria dizer que a notícia não era muito relevante e que não teria muito destaque na edição do dia seguinte.

Se houvesse tempo antes do serviço, ainda conseguia pesquisar alguma coisa sobre aquilo que ia fazer. Caso contrário, ia 'às escuras', tirando apenas algumas dúvidas com o editor responsável.

Algumas das ocupações durante um dia, na redação, consistiam em ler todos os jornais disponíveis e navegar, durante as horas que o tempo permitisse, nas versões *online* dos vários meios de comunicação. Jornal de Notícias, Público, Diário de Notícias, I e Correio da Manhã eram os suplementos da dieta informativa na redação do JN, e cada secção tinha a sua pilha de jornais a consultar.

Grande parte das vezes, era impossível ler de fio a pavio todos os diários. Enquanto estagiária, optava por ler atentamente a secção Local de todos os jornais, para assim conseguir comparar o que foi feito pelos meus colegas com o que foi feito pelos outros jornalistas de outros órgãos.

Depois de ter as informações e o serviço feito, o jornalista recolhia à redação e podia começar a escrever e a procurar mais informação para completar a sua notícia. Começando ao início da tarde, os paginadores desenhavam as páginas de acordo com o esboço que o editor de secção fazia, atribuindo às notícias o grau de importância que achassem melhor. Por vezes, o espaço dispensado para os trabalhos não era proporcional ao tempo e ao trabalho empregue nos serviços o que, normalmente, deixava os jornalistas não muito contentes.

As 18 horas marcavam a saída daqueles que entravam às 10. Mas isso era só em teoria. Hora para entrar havia, já a hora de saída era relativa. Às 14 horas entrava o segundo turno de jornalistas, que ficava até às 21. Os últimos a sair eram sempre os editores, que

ficavam até estarem todas as páginas ‘fechadas’ – termo que se utilizava quando as páginas estavam escritas, editadas e com fotos. Quanto a mim, normalmente, entrava por volta das 11 horas e saía sempre depois das 19. O que me dava tempo e espaço para conseguir trabalhar com os jornalistas de ambos os turnos.

Para mim, a redação era um local cheio de mistérios, coisas estranhas e pessoas que, por vezes, falavam uma língua com a qual eu não estava familiarizada. Nas últimas semanas já conseguia perceber algumas palavras, mas foi um processo lento e moroso. Um dos mistérios que encontrei, e que acabei por não conseguir resolver, era a forma como os editores de secção conseguiam ter vida além do jornal: dormir, comer e ir ao cinema. Todos os dias, os da minha secção, saíam entre as 21 e as 22 horas, o que perfazia quase sempre um total de 11 horas de trabalho.

Nos dias mais agitados, os almoços faziam-se em pouco mais de meia hora. Meia hora essa que tinha de ser dividida entre comer qualquer coisa e ler, com o máximo de atenção possível, o resto das secções dos jornais disponibilizados. Como estagiária, uma das minhas tarefas era a de ir buscar os vários jornais da concorrência, religiosamente, todas as manhãs.

Diariamente, por volta das 11 horas os editores de todas as secções e o diretor do jornal reuniam-se para falar da edição do dia e da abertura. Ao fim de semana, esta reunião passava para as 14 horas.

Trabalhando em contra-relógio, e sempre com um pé no amanhã e outro no presente, às 18 horas havia outra reunião, para que se estipulasse a agenda para o dia seguinte. Finalmente, às 20h, a direcção voltava a reunir para discutir a primeira página. Com tantas reuniões, a atenção que se dava a uma estagiária, ainda em estado embrionário, não era muita. Pode dizer-se que, durante o meu período de estágio, desenvolvi uma faceta auto didata.

Depois de todo o trabalho de redação estar completo, era a altura de imprimir o jornal. Algures na Maia, a partir da uma da manhã, uma reprografia ‘metia ao forno’ todas as notícias que iam colorir as bancas de jornais e alimentar os noticiários televisivos do dia seguinte. Este último aspecto nem sempre deixava os jornalistas muito satisfeitos. Não foram raras as vezes em que vi e acompanhei um jornalista em reportagem sobre um certo tema e, no dia seguinte, as televisões transmitiam a mesma reportagem, como se de um exclusivo seu se tratasse e sem fazer qualquer referência ao JN, o que também não deixava os jornalistas muito contentes.

2.1. As voltas

Por muito que os jornalistas reafirmem o quão difícil é desempenhar as suas funções, a verdade é que esse trabalho, hoje em dia, é muito facilitado, pelo menos ao nível da logística. O extinto telex deu lugar ao *email*. A máquina de escrever deixou-se substituir pelo computador e, se antigamente o jornalista tinha de se deslocar aos locais para recolher as notícias, hoje existem o telefone e a internet.

É neste contexto que surge a ‘volta’. Algo que eu nunca tive oportunidade de fazer, mas também não invejava os jornalistas que, impreterivelmente, às 10 horas, 14, 18, 20 e 22 horas pegavam no telefone e, durante largos minutos, ouvia-se, sistematicamente, as frases: “Boa dia/tarde/noite. Jornal de Notícias. Há alguma novidade?”. A resposta era, quase sempre, negativa: bombeiros e polícia. “Obrigada então, continuação de um bom trabalho”, desligava o/a jornalista. Por vezes, um ou outro oficial, já pela confiança ganha ao longo de tantos telefonemas de segundos, ousava uma graça.

A volta era um serviço de agenda; estava marcado desde o dia anterior o jornalista que teria de fazer a voltas de cada hora. Por vezes, quando o trabalho o permitia, os jornalistas ajudavam-se uns aos outros. Assim, a enorme página de contactos era rapidamente percorrida em 10 ou 15 minutos. Era um trabalho aborrecido e que os jornalistas não gostavam particularmente de fazer.

Durante a volta, caso houvesse alguma ocorrência (um acidente, por exemplo), era rapidamente dispensado um repórter que se pudesse deslocar ao local. Era nestas alturas que ter uma estagiária na secção dava certo jeito e eu, claro, agradecia o facto de poder sair sozinha. Por isso, e apesar de os jornalistas não gostarem da volta, para mim ela abria sempre a possibilidade de uma saída sozinha e de uma peça com destaque no dia seguinte.

Além da secção ‘Grande Porto’, também a ‘Segurança’ tinha as voltas como serviço de agenda. Estavam encarregues de contactar as diferentes esquadras da PSP e também da GNR.

2.2. O piquete

A posição de piquete não era ambicionada por nenhum jornalista dentro daquela redação, fosse qual fosse a sua secção. ‘Estar de piquete’ era sinónimo de entrar às 16 horas e sair às 23, um pouco antes do fecho do jornal (que acontecia por volta da meia noite). Esta tarefa rodava dentro da redação, não sendo algo que competisse apenas a uma secção. A cargo do piquete ficava, ainda, a volta das 22 horas. Se, durante essa volta se verificasse alguma coisa muito importante, podia sair na edição do dia seguinte, caso contrário, saía no *online* e era preparada a notícia para dali a dois dias. Como o piquete rodava por toda a redação e por todas as secções, o saber lidar com o *online* era obrigatório: saber atualizar o *site*, colocando uma reportagem, notícia ou fotografia quando necessário.

A generalidade dos jornalistas – nomeadamente os do Grande Porto – não gostavam desta tarefa. Isso porque, depois de ter saído do jornal, qual médico em serviço de urgência, tinham de se deslocar à redação, caso houvesse alguma notícia de última hora. Cinco minutos depois ter saído ou às três da manhã, o jornalista sacrificado tinha de se apresentar ao serviço, investigar e esmiuçar a estória, escrever, publicar no *online* e preparar a peça para o dia seguinte.

Contrariamente a algumas estações televisivas, a redação, durante a noite, não tinha ninguém a trabalhar o *online*. Após o seu fecho, nem as pessoas do *online* permaneciam. O trabalho de encontrar e escrever as notícias de última hora era, assim, reportado para o piquete.

Apesar da ‘inimizade’ que se sentia por esta posição, era raro haver notícias às 2 ou 3 horas da manhã. A maioria das vezes o piquete podia, de facto, dormir descansado. Caso houvesse alguma ocorrência, o piquete era contactado por alguém dentro do jornal (normalmente um dos editores da secção ou um editor executivo – que supervisiona a secção que está a seu cargo) sendo depois a chamada encaminhada para ele, que trataria a informação a partir dali. Infelizmente, a posição de piquete era algo que não se passava a estagiários. Por isso, a minha curiosidade relativamente a esta tarefa nunca foi satisfeita na totalidade.

2.3. O primeiro dia

Mesmo sem saber o que me esperava, as expectativas eram elevadas: evoluir na escrita, ver uma redação por dentro e, quem sabe, viver um romance tórrido com o jornalismo. Tudo isso se verificou. Numa segunda recebi o telefonema, na quarta fui à redação acertar últimos pormenores e na quinta já lá estava, de pedra de cal, mãos frias e coração a tremer.

A reunião de quarta-feira foi com o diretor adjunto do Jornal de Notícias, o jornalista Alfredo Leite. Fiz questão de me ‘arranjar’ como se de uma entrevista de emprego se tratasse. Tentar assemelhar-me, ao máximo, aos ‘jornalistas de verdade’ que, na minha cabeça, iam estar ali, naquele casulo, a ‘cozinhar’ as notícias do dia seguinte. De fato e gravata e as senhoras de saltos altos. Quando cheguei para a reunião tentei não dar muito nas vistas. Não queria que dessem pela minha presença, e não deram. Mas eu observava tudo. Vi que os fatos e gravata davam lugar a calças de ganga e t-shirts e os saltos altos substituíam-se por *All Stars* e sapatilhas de montanha. Fiquei mais descansada.

Ainda nervosa, mas disfarçando bastante bem, ao começar a reunião com o diretor adjunto falei-lhe da minha vontade de ir para a secção Sociedade ele disse-me que, se a minha intenção era ter um estágio ativo e sair da redação todos os dias para fazer trabalho de campo, o melhor seria optar pelo Online ou pelo Grande Porto. Fiquei reticente, mas acabei por aceitar ficar no Grande Porto. Foram-me prometidas saídas diárias, um estágio ativo e alguma evolução. Confirmou-se. Disse-me que a vida de jornalista era difícil e, ainda mais difícil, era chegar a ter essa vida de jornalista. “Isto está mau, não contratamos ninguém”, disse. Também se confirmou.

Apresentei-me ao serviço no dia seguinte, da parte de tarde, como me tinham indicado. Continuava sem querer que reparassem em mim, para poder observar as rotinas e a forma como aqueles seres se mexiam no seu *habitat* natural. Queria ser capaz de observar tudo, conseguir repetir os gestos e as palavras e, finalmente, tornar-me num deles.

Quando cheguei apresentaram-me ao jornalista Pedro Ivo Carvalho (editor executivo que supervisionava a secção), aos editores (Margarida Fonseca e Hugo Silva) e aos restantes jornalistas: Carla Luz, Ana Carla Rosário (editora adjunta do Norte-Sul), Hermana Cruz, Marta Neves, Dora Mota, Pedro Olavo Simões e ao Tiago Alves (colaborador). Umas semanas mais tarde chegaram o Miguel Gaspar e a Ivete Carneiro e, com eles, chegou a tarefa de arranjar um

computador para mim, no qual eu pudesse trabalhar. Não me explicaram o funcionamento nem me introduziram à rotina do jornal. A medo, ia perguntando aqui e ali. Agora não entendo o receio inicial que tinha em fazer perguntas, mas a verdade é que pensava que os jornalistas achavam que eu já deveria saber tudo antes de entrar para a redação. Achava que eles pensavam que eu devia ser autossuficiente e saber escrever sem erros e com a perspicácia de anos de experiência.

No primeiro dia fiquei ali, num canto, a ler jornais, a ver os jornais *online*, a tentar ouvir noticiários (outro dos mistérios que não consegui resolver é o facto de os jornalistas terem imensas televisões ligadas durante todo o dia, não ouvindo palavra do que elas diziam, a não ser quando algo de importante acontecia e aí parava tudo e olhava).

As horas foram passando e eu continuava ali, sem fazer nada. Achava que já chegava de trabalho de observação e queria começar a escrever. Então dirigi-me à minha editora e ela disse-me: “Ah, ainda aí estás? Pensava que já tinhas ido. Podes ir embora que hoje não tenho nada para tu fazeres”. Fiquei com o coração despedaçado. Esqueceram-se de mim. Vim embora mais do que triste, vim embora zangada. Zangada por não terem parado todo o trabalho e toda a edição do dia para me darem atenção, zangada por me terem atirado para um computador e me terem feito ficar ali horas, sem fazer nada e sem conhecer ninguém. Saí da redação arrependida de ter escolhido o JN. “Aposto que os meus colegas na TVI se estão a divertir muito mais”, pensei.

Não queria ir no segundo dia. Fartava-me de ouvir relatos de colegas a dizer que a vida de estagiário é aborrecida, que ninguém quer saber dos pobres girinos do jornalismo e que ‘somos só mais um’. Qual criança, fiz birra (comigo mesma) e não havia maneira de arranjar força ou motivação para ir no dia seguinte. Sítio estranho, pessoas estranhas, e uma vontade enorme de aprender e de ser jornalista durante algumas semanas, e fui. Podia dizer que o segundo dia foi melhor. Que fiz uma abertura de secção e que os meus colegas me fizeram uma visita guiada ao edifício. Que saí em serviço sozinha e fui parabenizada pelas minhas perguntas perspicazes na reunião de Câmara. Mas nada disso aconteceu. Apenas uma mísera breve, de poucos caracteres, e um raspanete do tamanho do Mundo (pareceu-me a mim) por não saber o nome da freguesia do proprietário do nabo gigante sobre o qual escrevia, como se de uma mudança no Orçamento de Estado se tratasse. Saí da redação mais chateada e com menos vontade de ser jornalista. O fim de semana passou e, com ele, amadureceu a ideia de que

deveria ter sido veterinária ou psiquiatra. Aquilo não era para mim. Não gostava das pessoas, não gostava do sítio e nem sequer uma cantina que servisse refeições quentes tinham. Além disso, trabalhava sem qualquer remuneração e tinha 2 horas de comboio para chegar a uma redação onde me mandavam fazer breves sobre nabos gigantes.

2.4. Os primeiros passos

Uma nova semana começava e, com ela, a vontade de aprender parecia renascer. Já não queria ser veterinária, advogada ou psiquiatra. Queria ser jornalista e, embora tivesse consciência de que não era ali que ia ficar, tinha a certeza de que era ali que ia começar. Estava determinada a fazer com que todos se encantassem comigo e com a minha escrita. Isso aconteceu (mais ou menos), mas não no primeiro dia, nem no segundo, nem no terceiro. Paciência era o que me faltava e alguma persistência também. Na segunda-feira conheci a jornalista Dora Mota, que tinha estudado na Universidade do Minho e, talvez por isso, senti-me um bocadinho mais em casa. Ela obrigou-me a trata-la por tu e, a partir daí, as coisas foram acontecendo naturalmente. Comecei a fazer um esforço por memorizar o nome de todos os que trabalhavam na secção e decidi que, até ao final da semana, eles iam saber o meu nome. Naquele dia, comecei a perceber que os jornalistas são pessoas também. Dizem asneiras (muitas!), zangam-se e riem-se. Naquele dia, tive também a consciência de que, se não fosse eu a falar e a lembrar que estava ali para trabalhar e não para ornamentar a secção, ninguém daria pela minha presença. Então decidi ser persistente e pedir trabalho de cinco em cinco minutos. Se não tivessem, inventavam alguma coisa para me dar.

O facto de estar sozinha, e ser a única estagiária da secção, deixava-me desconfortável e sentia-me um pouco perdida. Seria bom ter alguém na mesma situação que eu, a viver isto pela primeira vez. Alguém com quem pudesse falar e com quem pudesse tirar dúvidas. Alguém que, de preferência, não vivesse no Porto e aquilo fosse novo para ambos. Mas a realidade era outra. Estava sozinha e tive de aprender a lidar com isso e a ganhar a confiança dos meus colegas. Algumas dicas sobre como agir também teriam sido bem-vindas. Aquando da aceitação do meu estágio no JN, deveria ter vindo anexado uma espécie de 'Manual do Estagiário'.

Comecei então a pedir aos jornalistas para sair com eles quando fossem a algum serviço. Observar, tirar os meus apontamentos e depois escrever, em jeito de rascunho, para ser corrigida e comparada com o 'texto profissional'. Assim fiz.

A primeira vez que saí foi com a jornalista Carla Luz. Fomos ao campo de futebol do Amial que, em inícios de outubro, estava a ser reconstruído. Falámos com o presidente da Junta de Freguesia e com o presidente do clube. Dali saiu uma peça "um pouco académica", como ela criticou. E assim passei grande parte da semana. Saía uma, duas, às vezes três vezes por dia e escrevia coisas que repousavam no ambiente de trabalho do meu computador.

Sempre pensei que 'a fazer é que se aprende' e, por isso, sair para acompanhar nunca foi uma tarefa que me aliciasse muito. Mas estava errada. De facto, aprendi imenso naqueles dias em que saía apenas para observar (não só na primeira semana, mas também ao longo de todo o meu estágio). Via a forma como lidavam com as fontes, a forma como 'arrancavam' a informação e a extraordinária capacidade que tinham para se moldarem às pessoas com quem contactavam. Ora formais, ora coloquiais. A versatilidade passou a ser o meu objetivo: saber falar com presidentes e saber falar com cidadãos comuns.

Toda a rotina, ver a agenda, sair da redação, conseguir recolher o máximo de informação possível, voltar para o jornal, escrever o texto e – mais para o final do estágio – saber negociar com os editores o espaço para o meu trabalho rapidamente entrou no meu sistema. Tudo foi acontecendo naturalmente e a evolução parecia-me o único caminho a seguir.

Foi nessa mesma viagem de táxi até ao campo do Amial que comentei com a Carla Luz a situação que se vivia na minha cidade relativamente ao Centro de Saúde: falta de médicos que originava filas intermináveis e horas de espera que se prolongavam pela noite. "É uma boa estória, podes falar com o Pedro Ivo, tenho a certeza que ele vai querer pegar nisso. Aproveita!", disse-me.

2.5. Vou sozinha em serviço, e agora?

Ainda a medo, falei com o jornalista e editor executivo Pedro Ivo Carvalho. Expliquei-lhe a situação o melhor que conseguia. "Queres ser tu a fazer isso?", era tudo o que eu queria ouvir. O medo de falhar só veio mais tarde. Aceitei de imediato e a reportagem ficou marcada para o dia seguinte, durante a noite, para que conseguisse falar com todos os utentes que engordavam

a fila de espera. Como combinado, ia com repórter fotográfico. Senti-me importante, com medo, mas animada.

Apesar de durante todo o meu percurso como estudante ter colaborado com jornais académicos e alguns órgãos de comunicação regionais, quando chegou a hora de recolher as informações, falar com utentes, presidente e responsável pelo Centro de Saúde, não sabia o que perguntar. Apesar de ter perdido a conta aos textos que já escrevi, quando comecei a desenhar a reportagem, nem um *lead* sabia compor. Eram apenas nervos, fiz de conta que estava a escrever uma reportagem para o ComUM, de forma a tirar toda a pressão que me estava a bloquear. Uma abertura de secção de duas páginas de texto, fotos e declarações foi o resultado de quase uma tarde de trabalho.

Achei uma responsabilidade demasiado grande para uma simples estagiária com pouco mais de uma semana de vida. Mas, ao mesmo tempo, era a minha oportunidade. A minha oportunidade de mostrar o que sabia fazer, o que tinha aprendido e evoluído ao longo de anos em colaborações e aulas de laboratórios e ateliers de jornalismo na Universidade do Minho. Se conseguisse impressionar ou, pelo menos, se conseguisse chamar a atenção dos editores, talvez pudesse contar com mais votos de confiança que se traduzissem em aberturas de secção e, quem sabe, capas.

Escrevi, apaguei, voltei a escrever, pedi opiniões. Já suava. Estava genuinamente empenhada naquele trabalho, como se de um exame se tratasse. Queria ser capaz de escrever aquilo sem qualquer reparo ou crítica.

Habitualmente, as reportagens ou notícias eram escritas já na página desenhada pelos paginadores e ficava pronta para sair. Mas aquela foi diferente, talvez porque não sabiam bem o que esperar de mim. Pediram-me apenas para escrever o que tinha num documento *Word*, depois decidiriam o que fazer com aquilo. Assim fiz. Mandei o meu trabalho, empenho e esperança por *email* ao Pedro Ivo e fui embora de fim de semana. Esperei e ansiei por um *feedback* todas as horas daqueles dias. Apesar de nervosa, estava confiante no meu trabalho.

A chamada chegou, no domingo ao final da tarde. Para a primeira semana, ouvir um dos editores executivos dizer: “O teu texto estava impecável, vai sair como abertura de secção já na segunda-feira. Estava mesmo bom, parabéns!”, era tudo o que precisava, depois do fracasso com o nabo gigante.

Recordo este episódio do meu estágio como, talvez, o momento mais importante deste período. Lembro-me de o editor adjunto, o jornalista Hugo Silva, ter chegado no dia em que a minha reportagem saiu e me perguntar se eu já tinha saído com os jornalistas e se estava “a fazer alguma coisa ali dentro” e uma jornalista, em resposta, lhe passar o jornal do dia, com a página da minha reportagem aberta.

Mais do que expor a falta de médicos no Centro de Saúde de Felgueiras, este trabalho deu-me força, confiança e, finalmente, já todos na secção sabiam o meu nome.

2.6. As situações de dor: o primeiro trabalho

Quando se fala em perdas humanas ou materiais, a cobertura jornalística é sempre um assunto delicado. Como lidar com as vítimas? Que perguntas fazer? Como agir perante a dor? Como escrever sobre o sofrimento alheio? Estas foram algumas das perguntas que me surgiram ao longo do meu período de estágio. Habituada a escrever sobre eventos académicos, o tema ‘dor’ era algo com o qual eu não estava muito familiarizada, nem com o qual me sentia minimamente à vontade.

Uma velha ‘guerra’ entre os taxistas com e sem autorização para operar no Aeroporto Francisco Sá Carneiro foi a rampa de lançamento para a minha experiência na cobertura de temas que incluíssem vítimas, lesados, lágrimas, sofrimento e dor.

Nesse dia fui apenas acompanhar o jornalista Pedro Olavo Simões: observar que perguntas ele fazia, como as fazia e que tipo de linguagem utilizava. O ambiente que se sentia nas ‘Chegadas’ do aeroporto era calmo, mas nem por isso menos tenso. Percebi que os taxistas esperavam pelo jornalista com bastante ansiedade e expectativa. Mais do que um jornalista, os taxistas aguardavam pelo JN. As perguntas não foram muitas. A vontade de expor o problema era tanta, assim como a ânsia de inverter a situação, que bastou uma simples - e ampla - pergunta para que se ficasse a perceber toda a estória: “Então... quer contar-nos o que se tem passado aqui nos últimos tempos?”. “Ai... Olhe, o senhor nem imagina a nossa luta!”, respondeu o taxista, bombardeando-nos com factos e pormenores que rechearam a reportagem que saiu, no dia seguinte, como abertura de secção.

Ameaças de morte, agressões físicas e verbais e apropriação indevida de serviços eram as principais queixas. Aos poucos, os vários taxistas que ali se encontravam foram-se

aproximando. Cada um dava o seu testemunho, acrescentava uma frase e corroborava o que os restantes diziam. De vez em quando, o jornalista lá lançava mais uma pergunta, que servia de mote para novos testemunhos e mais duas ou três citações eram incluídas na reportagem.

A certa altura, surgiu a pergunta: “E que tipo de ameaças vos são feitas?”, ao que um dos taxistas respondeu, muito prontamente, que eram “coisas muito feias e que não podem ser ditas em frente ‘à menina’”. Independentemente dos meus protestos e esforços para mostrar que era uma profissional em trabalho, embora com pouca experiência, o meu colega e o taxista afastaram-se e lá conversaram. Indignação é a palavra certa para descrever o que senti ao ver o jornalista Pedro Olavo Simões a escrevinhar no seu caderno de notas aquilo que o taxista debitava. Escrevia algo que eu só saberia no dia seguinte, ao ler a edição do dia, isto se ele decidisse incluir aquele testemunho na reportagem. Naquele momento, compreendi que ser homem ou mulher jornalista era uma variável que poderia pesar na recolha de informação e, conseqüentemente, no produto final. Como seria se eu tivesse ido sozinha? Ficaria sem aquele dado importante só porque era ‘uma menina’ e não estava preparada para ouvir aquilo?

Além disso, e a partir deste trabalho, compreendi que, em situações de dor semelhantes àquela, o melhor para se conseguir informações preciosas é dar liberdade às fontes. Deixar que elas digam o que quiserem, o tempo que lhes apetecer. Barafustar e dizer asneiras são os desabafos desejados pelos jornalistas para tornar a notícia autêntica e quase como se tivesse sido escrita pela fonte.

Quando chegámos à redação eu escrevi a minha versão dos factos que, comparando com a do meu colega, estava muito, muito diferente. Além da visível (e previsível) falta de informação, o meu discurso era muito “floreado”, como me corrigiu, e “com falta de sentimento”. No entanto, as conclusões que tirei desse trabalho e o que aprendi, tanto por observação como por reprodução, deram-me bagagem para conseguir fazer outras notícias e reportagens sobre temas idênticos, mais adequadas ao estilo pretendido pelo JN.

2.7. O último dia: adaptação 99% concluída

Entre o primeiro dia e o último muita coisa aconteceu, muitas linhas foram escritas e muitas correções foram feitas. Senti uma evolução na minha escrita e na minha capacidade jornalística. Não posso dizer que aprendi tudo, mas tirei o máximo de proveito dos três meses em que fui a estagiária da secção Grande Porto, no JN. Conheci pessoas que me marcaram e vivi coisas que vou guardar. Fiz questão de absorver todo o conhecimento que podia.

Tudo naquela redação era novo para mim, e tudo era uma oportunidade de aprender. Mesmo quando não saía sozinha, mesmo nos dias que passava dentro da redação, aprendia sempre alguma coisa. Gostava de os ouvir falar, comentar coisas da atualidade, criticar notícias, capas e fotos. Gostava de os ouvir discutir a importância de uma ou outra peça que tinha sido passada para segundo plano em detrimento de outra. Ouvia tudo, atentamente, e tirava as minhas conclusões.

Se nos primeiros dias não queria sair de casa, na última semana já tentava conter a lágrima por saber que ia embora. Gostei das pessoas, do ambiente de trabalho, da rotina (que não existia). Gostei de ser jornalista durante aquele curto espaço de tempo. Se na primeira semana reclamava por ser a única estagiária, no final já tinha consciência de que foi a melhor coisa que me podia ter acontecido: obrigou-me a ser autossuficiente, a não me esconder atrás de ninguém e a fazer daqueles jornalistas os meus colegas de trabalho e apoios quando tinha dúvidas.

No final, já era emprestada a outras secções. Escrevi para 'Cultura', 'Praça da Liberdade' e até 'Política'. Acho que o facto de me mostrar sempre disponível, mesmo não estando a viver no Porto, e mesmo sendo condicionada pelos transportes, fez com que pudesse escrever bastante e quase diariamente.

Era a mais nova ali dentro e, claro, fui sempre a estagiária. Mas acho que consegui conquistar o carinho e a simpatia de várias pessoas e penso que se vão lembrar do meu nome, pelo menos até vir a próxima fornada de estagiários. O Facebook também se tem mostrado muito útil no processo de atrasar o esquecimento daquilo que foi o meu estágio.

Foram três meses demasiado intensos. Evolui como pessoa e evolui como futura jornalista profissional. Apesar de me ter esforçado para aprender o máximo nestes três meses, nunca ter recusado trabalho e até me ter proposto a trabalhar durante um fim de semana, foi

um período curto. Dependendo de pessoa para pessoa, é necessário algum tempo de adaptação. Pessoalmente, só passadas algumas semanas é que consegui estar completamente sincronizada com o quotidiano da redação. É necessário sentir um certo à vontade para conseguir propor trabalhos, fazer perguntas e até ter a confiança para escrever melhor. Três meses passaram a correr e foram insuficientes. Seria mais produtivo para o estagiário – e mesmo para o local que o acolhe – que esse período fosse prolongado. Por isso, sinto que, na semana em que me vim embora, foi a que mais me senti integrada. Mais tempo como estagiária só me faria evoluir e dar mais de mim ao jornal, fazendo um melhor trabalho.

Deste modo, fica concluída a abordagem à minha experiência enquanto jornalista estagiária. Foi possível explicar os principais momentos, tanto os negativos como os positivos, inerentes ao caminho trilhado entre setembro e dezembro de 2012. O contacto com um novo mundo, autonomamente funcional, em que o espaço para um novo elemento é condicionado pelas rotinas de trabalho, foi o principal desafio que enfrentei nesse período. Não obstante, esta maturação foi a chave para a forma determinada com que sempre procurei fazer parte desse mundo. Realizei uma série de trabalhos que me permitiram contactar com as mais diversas fontes de informação, o que motivou o trabalho que se vai desenvolver nos próximos capítulos.

2.8. Síntese

Como foi possível compreender, a minha experiência enquanto estagiária no JN ultrapassou as limitações físicas da redação e deu-me a possibilidade de ir atrás da notícia. Contactei com realidades distintas e com trabalhos igualmente diferentes. Mas foram os acidentes e os acontecimentos mais negativos aqueles que mais me marcaram e me fizeram questionar o papel do jornalista nessas mesmas situações. Por isso, julgo ser importante compreender como é que o jornalismo de proximidade desempenha o seu papel quando confrontado com notícias de morte e dor.

Durante este capítulo foi adoptado um registo mais pessoal e intimista, onde foi possível narrar, na primeira pessoa, o meu quotidiano enquanto jornalista estagiária: as dificuldades, a evolução enquanto parte da redação, e os pensamentos mais íntimos. Foi escrito quase em jeito de diário. Julgo que não fazia sentido ser de outra forma, uma vez que o estágio em questão foi rico em experiências e cheio de 'primeiras vezes'.

Durante o meu estágio, surgiram várias questões relacionadas com a forma como os jornalistas se devem relacionar com as fontes, no caso da cobertura de eventos trágicos. Para além disso, surgiu também o interesse em perceber quais são as temáticas relacionadas com a dor mais exploradas pela imprensa. Tratando-se de um assunto sensível, o jornalista é, muitas vezes, obrigado a contactar familiares e a entrar no mundo das vítimas.

No próximo capítulo, irei aprofundar teoricamente estas questões antes de enveredar por uma análise mais prática dos diferentes casos que vivenciei durante o meu tempo como estagiária.

3. Jornalismo em situações de dor: reflexões sobre um território sinuoso

Nas próximas páginas irei abordar uma série de conceitos relacionados com as fontes de informação e com a forma de atuar dos jornalistas em situações de tragédia, com uma atenção particular para o caso do jornalismo de proximidade.

Neste sentido, este capítulo está dividido num conjunto de pontos que nos permitem orientar a problematização da dor nos media de uma forma mais eficaz. Assim, no primeiro, 'A informação de proximidade', irei analisar a peculiaridade que a imprensa regional e local têm. Abordarei a importância que este tipo de meios tem para as populações às quais se dirigem, assim como as suas fragilidades. Em 'A tragédia', a intenção passa por compreender como é que situações trágicas são abordadas pelos media. Este ponto divide-se em outros cinco: 'O jornalismo em tempos de tragédia', 'A imagem', 'As emoções', 'A dor' e 'As vítimas'. Aqui, e com o apoio de exemplos concretos, como a queda da ponte em Entre-os-Rios e os ataques terroristas de 11 de setembro, tentarei analisar a forma como o jornalismo se comporta em tempo de tragédia, analisando a relação do jornalista com a sociedade. Vou também prestar atenção à importância que a imagem, e o modo como é utilizada, tem nestas situações. Haverá ainda espaço para o debate sobre a forma como as emoções e a dor são geridas pelos jornalistas e percebidas pelos cidadãos. Finalmente, destacarei a relação espectador-vítima que está adjacente ao tema da dor.

3.1. A informação de proximidade

Quando se fala de informação de proximidade, é quase inevitável não a associar à imprensa local e regional. Com uma vertente mais direcionada para a comunidade e para os seus problemas, a informação de proximidade tem no público local o seu alvo e a sua área de influência. Tendo como base a atuação do JN, vou procurar compreender a importância que este tipo de meio tem para a população local e os pontos que o distinguem de outros meios. A comunicação social de proximidade tem um papel e uma identidade próprias, que a permitem distinguir dos restantes:

“A comunicação social de proximidade pode distinguir-se da nacional pela sua capacidade de gerar informação mais útil e com impacto mais imediato no dia-a-dia das populações. Ou seja, é um segmento da comunicação social que revela maior proximidade ao cidadão e que, como tal, representa um importante capital de formação, socialização e, em última análise, de formação para a cidadania, factores na construção de massa crítica para o desenvolvimento local e regional” (Duarte, 2005: 14).

O JN é um jornal nacional, mas com uma forte componente regional, nomeadamente no norte do país, onde exerce a sua área de influência, que se traduz na secção ‘Grande Porto’, onde a informação de proximidade atinge o auge. Assemelhando-se à imprensa regional, a secção local de cada jornal nacional estabelece uma espécie de “compromisso com a região e as pessoas que a habitam” (Camponez, 2002: 19).

Duarte (2005: 92) defende que o jornalismo regional tem uma grande importância para o desenvolvimento económico, social e cultural das regiões onde exerce a sua área de influência. Sendo, por isso, necessário que Portugal “olhe para a informação de proximidade como um suporte estruturante do conhecimento, do desenvolvimento económico e da coesão e identidade nacional”. Segundo o autor, existe uma territorialização do público e uma proximidade relativamente aos agentes das notícias e às instituições existentes nesse espaço.

No entanto, para Componez, tanto o jornalismo/meios de comunicação de proximidade como o de massas, têm o mesmo objetivo: captar a atenção do maior número possível de pessoas: “Quer se trate de uma comunicação assente numa lógica de vizinhança ou proximidade – *narrow-casting* –, quer vise chegar aos confins da aldeia planetária, a estratégia é a de atingir o maior número possível, numa lógica de *atrappe-tout*” (Camponez, 2002: 99).

Durante o período de estágio, foi perfeitamente visível a importância do JN para as pessoas da cidade do Porto. A população local vê o jornal como uma possível solução para os seus problemas. Várias pessoas, diversas vezes ao dia, deslocavam-se até ao edifício e pediam para falar com algum jornalista, para assim lhe exporem o seu problema, na esperança de que a sua estória captasse alguma atenção e que a sua ‘tragédia’ se materializasse. Era então esperado que, por milagre do jornalismo, o problema se resolvesse. E é certo que vi alguns desses ‘milagres’, enquanto jornalista estagiária no JN. Não raras foram as vezes em que vi o jornalismo tornar-se veículo de petição. Ou seja, em certos casos, o jornalismo envolvia-se na defesa da comunidade. Esta função está relacionada com aquilo a que se chama “jornalismo

público” (Quadros, 2005: 46). De facto, a proximidade e a relação que as pessoas têm com este tipo de meios providenciam um conjunto de importantes possibilidades:

“A proximidade privilegia os *media* capazes de efectuar uma difusão ou uma distribuição de mensagens em direcção a audiências contidas nos limites de uma área geográfica: jornais locais, rádios de frequência modulada, sistemas de teledistribuição são algumas das formas privilegiadas para este tipo de comunicação” (Camponez, 2002: 99).

Segundo Camponez (2002), o lugar do jornalista é entre os cidadãos, a cultivar a proximidade. A principal personagem do jornalismo cívico são os cidadãos, a própria comunidade local com problemas e preocupações concretos. A função do jornalismo já não se reduz ao papel de observador, de *watchdog*. Como explica o autor, o jornalismo público é também conhecido como “jornalismo de contacto comunitário”. O jornalismo de proximidade assume uma espécie de compromisso com o cidadão, porque, primeiro de que tudo, é isso que o jornalista é: um cidadão com o poder de redinamizar a vida pública: “(...) um jornalista que se importa, da mesma forma que um jornalista que sabe; que está ciente das suas responsabilidades; não ficará neutralmente entre o bem e o mal, o certo e o errado, a vítima e o opressor” (Bell, 1998: 169, *in* Hoijer, 2004: 516)⁵. Os *media* tornaram-se, assim, numa espécie de ator humanitário.

Contudo, existe um lado dotado de certa perversidade, no que se refere à informação de proximidade. Ao longo de largas décadas e até aos dias de hoje, os jornalistas são acusados de falta de liberdade editorial e de dependência relativamente a órgãos políticos e/ou económicos (Peruzzo, 2005). E o mesmo problema é transportado para o jornalismo de proximidade: a contiguidade que existe com o público e com a comunidade acontece também em relação a entidades políticas e/ou económicas locais.

Todas estas questões lançam a discussão relativamente ao papel social do jornalismo e do próprio jornalista. “As noções da obrigação dos *media* para com a sociedade são frequentemente fracas ou contestadas por causa da reivindicação para contestar a liberdade e

⁵ Tradução da autora.

variam de um sociedade nacional para outra. Elas [noções] podem ainda ser contraditórias e motivadas a nível ideológico” (McQuail, 2013: 28)⁶.

O público cultiva expectativas relativamente ao jornalismo e aos próprios jornalistas, o que leva os *media* a prestarem contas da sua conduta, qualidades e efeitos. Dos jornalistas, é esperado que sigam a lei, contudo, não são obrigados por qualquer autoridade externa a fazer o ‘bem’. Os jornalistas são livres de escolher ou evitar uma variedade de objetivos e tarefas inerentes ao próprio jornalismo. Marc-François Bernier (*in* Camponez, 2002: 170) defende esta mesma ideia: “É necessário que os jornalistas reconheçam que são atores sociais, tendo responsabilidades quanto ao decurso da própria “vida pública””.

Este tópico de discussão, acerca da conduta do jornalista, ganha novos contornos quando confrontado com a busca pela objetividade, atrás da qual o jornalista se esconde da vida social. Segundo Carlos Camponez (2002), as teorias sobre o jornalismo são assim divididas entre duas correntes:

- O positivismo: defende que a realidade social é construída por factos indiscutíveis, que podem ser divulgados sem serem alterados.
- O construtivismo: defende que a realidade social e a própria informação é o resultado de construções e não apenas de factos observáveis.

O jornalismo acaba por ser assim uma entidade participativa na construção da realidade, contribuindo para o funcionamento social:

“(...) este facto «pressupõe a adopção de uma postura de cidadania» por parte do jornalismo: «dar sentido implica sobretudo uma responsabilidade social, na medida em que isso impõe ter em conta os efeitos sociais desse ato». Finalmente, esta função social transforma o jornalista num agente social de corpo inteiro e não apenas numa simples testemunha ou mediador colocado fora do jogo social” (Camponez, 2002: 171).

⁶ Tradução da autora

O jornalismo de proximidade tem como aliado o público que, por sua vez, encontra no jornalismo uma forma de resolver os seus problemas. Com uma forte componente social, a informação de proximidade conhece as especificidades da comunidade local e está fortemente ligada a ela.

Muito do que sabemos é conseguido através dos *media*. Exemplo disso são as tragédias que entram todos os dias em nossa casa, através da televisão, internet, rádio ou imprensa. Mesmo quando o acontecimento trágico decorre do outro lado do oceano, como o 11 de setembro, recebemos informação que nos permite viver a tragédia como se tivesse acontecido na nossa rua. Considero, portanto, ser ainda mais pertinente analisar a forma como a temática da dor é analisada por órgãos com uma identidade mais local. Em muitos casos, a vítima mora na casa ao lado, as fontes são os próprios vizinhos e a situação de dor tem lugar na nossa rua. Apesar de hoje termos a possibilidade de receber informação atualizada sobre acontecimentos do outro lado do planeta, tudo ganha uma maior proporção quando conhecemos a situação de forma pessoal. Isto mesmo foi constatado durante a minha experiência como estagiária e é uma das razões que suporta a minha intenção de abordar a questão da dor e da tragédia no âmbito da informação de proximidade.

3.2. A tragédia

Frequentemente abordada nos meios de comunicação social, atualmente, o termo tragédia é usado para descrever situações inesperadas e que causem o sofrimento. No entanto, também se pode referir a uma obra de arte. Foi no século XII que Otto Freising usou, pela primeira vez, o termo 'tragédia' para se referir a um acontecimento real e não a uma peça (Torres, 2006).

Segundo Torres (2006) a tragédia televisiva consiste no seguinte:

“conjunto de transmissões pela televisão generalista de um evento de âmbito nacional ou internacional de carácter inesperado, altamente improvável, provocando ruptura na ordem social ou política, envolvendo a morte violenta de uma celebridade política ou mediática ou de muitas pessoas desconhecidas, em resultado de atentado, ataque terrorista, acidente ou catástrofe natural, evento esse que origina e interage com uma transmissão televisiva

jornalística em direto que interrompe o normal fluxo televisivo, gera uma importante atenção pública, prolonga-se por um período de vários dias e adquire características semelhantes à tragédia como texto e espetáculo” (Torres; 2006: 23).

É por serem tão repentinas e inesperadas que as tragédias conseguem captar a atenção de todos os órgãos de comunicação. As tragédias nacionais podem ser definidas como interrupções da vida quotidiana e das normais transmissões diárias. Daí as repetidas imagens, testemunhos, entrevistas e comentários, durante semanas, de tragédias. Na queda da ponte de Entre-os-Rios, por exemplo, mais de metade dos noticiários dos canais generalistas portugueses foram ocupados, nos primeiros seis dias, com o tema; no 11 de setembro foram dedicadas cerca de 100 horas consecutivas de emissão sobre a tragédia nos primeiros quatro dias. “(...) a televisão recobre o evento de tragicidade de forma a dar-lhe uma dimensão transcendental, quer dizer, tornar o “irracional” aceitável, e uma dimensão humana, permitindo ao espectador identificar-se com as vítimas e dar importância e significado ao seu destino” (Torres, 2006: 78). Ao contrário dos eventos mediáticos como os Jogos Olímpicos ou casamentos reais, as tragédias nacionais são inesperadas e indesejadas: “A essência da tragédia é a perda humana. Para ser qualificada como uma tragédia nacional, o evento mediático precisa de vítimas em número substancial ou vítimas com valor simbólico excepcional para a comunidade” (Pantti & Sumiala, 2009: 124)⁷.

A tragédia exerce assim um poder de atração sobre o público. Segundo o autor, é normal tentar encontrar um responsável pelas tragédias, sendo também comum a aprendizagem com catástrofes anteriores. Desta forma, a cobertura mediática das tragédias e/ou catástrofes tem uma componente de consciencialização da sociedade em geral. Pantti & Sumiala (2009) defendem que uma abordagem mais tradicional da cobertura dos rituais promove um senso de coletivismo social que legitima a existência de uma ordem social e afirma valores sagrados comuns.

A partir da transmissão e difusão das tragédias, quer seja em televisão ou na imprensa, as pessoas tornam-se mais alerta, mais informadas, fazendo com que o público seja “omnipresente” (Torres, 2006: 25), vivendo a tragédia minuto a minuto. As transmissões em direto pelas televisões “absorvem a atenção do mundo” (Torres, 2006: 27). No entanto, em

⁷ Tradução da autora.

situações trágicas, o abuso dos diretos é frequente e, com isso, os intermináveis minutos em que não se noticia coisa alguma e há apenas o “aproveitamento primário das emoções ou da dor, ao seguidismo pacóvio, ao sensacionalismo em todas as suas dimensões” (Fidalgo, *in* Marinho, 2007: 168).

É durante períodos de tragédia que um sentimento de solidariedade e nacionalismo é criado, existindo, assim, uma ligação explícita entre o luto e a construção da solidariedade social. Os ataques de 11 de setembro, por exemplo, foram noticiados em todo o mundo, imagens e testemunhos foram difundidos por todas as comunidades, “fazendo desaparecer as distâncias” (Torres, 2006: 35). Verificou-se que o choque da tragédia se sobrepôs à dimensão nacional, ultrapassando as barreiras culturais, políticas e linguísticas.

No entanto, isto não significa que cada público não tenha a sua forma de interpretar. “(...) o problema do sentimentalismo, claramente depende da habilidade de decifrar do espectador” (Boltanski, 1999: 83)⁸. O facto de se globalizar uma tragédia não significa que se homogeneize também as leituras que cada sociedade faz dela. O público não é um “agente passivo de emotividade gerada pela informação. São as suas próprias emoções que, tecnologicamente estendidas, fazem da morte um dos pontos de focagem prediletos dos meios de comunicação social” (Oliveira, 2006: 1961).

Também o público e os meios de comunicação interagem de acordo com a percepção que cada um tem do outro. E é a partir dessa interação “que se deve entender a questão dos efeitos da comunicação, as estratégias, o recurso aos diferentes tipos de *media* e as formas comunicativas vigentes” (Camponéz, 2002: 96).

É muito fácil os jornalistas deixarem-se levar pela emoção aquando da cobertura de um acontecimento denominado trágico. Normalmente, o termo tragédia refere-se a mortes “violentas, inesperadas e inocentes ou injustas, eventos esses resultantes do acaso ou “destino”, da ação das forças da natureza ou por intervenção de agentes humanos ou tecnológicos, assim transformados em “forças do mal” (Torres, 2006: 30). É muito fácil romantizar o acontecimento: conferir-lhe um tom de negro em vez de cinzento e acrescentar-lhe lágrimas e sangue. Para isso, os jornalistas têm a tendência para apresentar a sua construção da atualidade (Le Blanc *in* Torres, 2006: 32). Outra componente que garante ‘sucesso’ nas notícias

⁸ Tradução da autora.

de catástrofes e tragédias é a generalização. Ou seja, a notícia sobre a tragédia diz respeito a toda a comunidade, criando a ideia de que toda ela está em perigo: “A televisão assume o papel de aglutinador, “nacionalizador”, do acontecimento” (Torres, 2006: 33).

A televisão torna-se fulcral para a transformação do facto em acontecimento e é indispensável para criar “a tragédia televisiva com impacto nacional acrescentado e criador de memória colectiva” (Torres, 2006: 34). Mais do que noticiar, os meios de comunicação consolidam o luto da comunidade.

Mas este papel da televisão pode também ser alargado à imprensa, principalmente se se tratar de eventos trágicos, noticiados num jornal nacional. A liberdade de aliar o som à imagem, dominando vários sentidos ao mesmo tempo, é a diferença mais flagrante entre a cobertura de um evento trágico pela imprensa e pela televisão, que pode fazer uso dos diretos, transportando as pessoas diretamente para o local: telepresença. A televisão acaba por ser um meio que desperta mais rapidamente e mais facilmente as emoções, transmitindo-as de forma diferente da imprensa escrita (Pantti & Sumiala, 2009).

Outro aspeto que não se pode descurar e que deve ser tido em conta é o próprio funcionamento dos diferentes tipos de jornalismo (televisivo e escrito). Os jornalistas de imprensa, que não estão sujeitos aos diretos, têm tempo de amadurecer o acontecimento, de se distanciar e refletir. No entanto, a emergência da internet como veículo mediático, e a necessidade de operar de um modo cada vez mais imediato, aproxima os jornalistas de imprensa dos que, quase como forma de apêndice, carregam consigo uma câmara ligada que serve de olhos à audiência. Sobre a cobertura feita pelas televisões da queda da Ponte Hintze Ribeiro, podia ler-se, na edição de 24 de março de 2001 do jornal Público, uma explicação do então Provedor do Leitor, Joaquim Fidalgo:

“Um jornal tem a vida facilitada. Os seus jornalistas não são obrigados a escrever «a quente», mesmo que em cima do drama: têm sempre algum tempo, minutos que seja, para pensar um pouco e distanciar-se dos acontecimentos que presenciaram. O seu texto raramente vai «para o ar» sem que outros colegas o leiam, alargando a reflexão. Entre o momento dos factos a sua chegada aos leitores vai um longo percurso, com intervenções variadas que ajudam a minorar os riscos de envolvimento excessivo numa fogueira de emoções e sentimentos. Algo que não tem o repórter de rádio ou TV, obrigado com microfone aberto e câmara em ação, a fazer tudo no imediato e sem rede: contar, improvisar, entrevistar, interpretar, aguentar o direto enquanto a chefia mande.

Assim, falhas ou excessos deste tipo nos jornais são em alguma medida mais graves, pois são mais fruto de ações ponderadas do que de lapsos e contingências do momento. Menos desculpáveis, pois“ (Fidalgo, *in* Marinho, 2007: 167-168).

Desta forma, os diretos excessivos e o ‘esmiuçar’ da dor podem ser justificados pela própria logística e funcionamento dos diferentes meios de comunicação social. A dor, o sofrimento, as emoções e a própria tragédia são assim parte do quotidiano dos meios de comunicação social. Imprensa, televisão, rádio ou *online* fazem uso (e às vezes abuso) de situações trágicas, o que levanta, frequentemente, algumas questões éticas.

3.2.1. O jornalismo em tempos de tragédia

Em tempos de crise e tragédias nacionais, ou mesmo internacionais, os cidadãos têm uma necessidade acrescida de informação e comunicação. O stress colectivo também tende a intensificar-se, o que contribui para o aumento das audiências dos media e para o possível aumento da expressão de opiniões, tanto ao nível dos cidadãos como ao nível dos próprios jornalistas (Torres, 2007).

É sempre em situações de crise e tragédia que a comunicação social adquire um papel fundamental e mesmo central, tornando-se não só o “*novo centro simbólico da sociedade*” mas também parte integrante no “*seio*” da própria sociedade (Torres, 2007: 30). É durante estes períodos que o jornalismo sofre algumas mudanças. A prática jornalística, assim como a sua ontologia, são questionadas e as diferentes capacidades do jornalismo são redescobertas. Também a profissão de repórter é valorizada – mas apenas temporalmente – e a informação tende a tranquilizar o público, tornando as televisões e os jornais cruciais para manter o equilíbrio da população. Por outro lado, o público, quando exposto em demasia aos comentários, notícias e reportagens sobre tragédias, tende a ficar inquieto e agitado.

Podemos perceber o efeito que os *media* têm na sociedade utilizando o exemplo da Gripe A em Portugal. Em 10 de julho de 2009, Alexandra Campos, jornalista do Público, escrevia o seguinte: “Os picos de procura de Saúde 24 registam-se sobretudo após as conferências de imprensa em que a ministra da Saúde faz o ponto da situação da Gripe A em Portugal e que são quase sempre transmitidos em direto pelas estações de televisão” (Lopes *et al.*, 2012: 146).

Pantti & Sumiala (2009) corroboram esta interpretação, explicando que os *media* têm uma posição privilegiada quando se trata de eventos trágicos, guiando as audiências nos rituais de luto. É em situações como o 11 de setembro (2001), a queda da Ponte Hintze Ribeiro (2001), os ataques terroristas de Boston (2013), ou o furacão de Oklahoma (2013), por exemplo, que a informação é valorizada. A rapidez no trabalho de informar passa a valer mais do que o profissionalismo com que se faz.

“Quer dizer, do ponto de vista dos usos e gratificações, o acto de ser informado, num momento em que a informação é absolutamente crucial para os indivíduos, sobrepõe-se à apreciação consciente ou reflectida do trabalho produzido pelos jornalistas. Para o receptor, mais do que como é feito, o importante é que o trabalho tenha sido feito” (Torres, 2007: 27).

Na sua análise sobre o 11 de setembro, Eduardo Cintra Torres (2007) regista algumas alterações na prática jornalística, sublinhando, ainda, que essas alterações podem verificar-se noutras situações de tragédia nacional ou internacional:

1. Transmissão em directo e impacto mundiais do evento;
2. interrupção das emissões normais de televisão e de rádio;
3. transmissão sem fim à vista (*blanket coverage*) nas televisões e nas rádios; edições especiais da imprensa;
4. eclipse da publicidade na televisão, incluindo canais exclusivamente dedicados às compras;
5. revalorização dos jornalistas em inquéritos de opinião;
6. regresso dos «foreign affairs» às *networks*;
7. grande presença do jornalismo opinativo;
8. exibição das emoções dos jornalistas;
9. tratamento visual da morte e do cadáver com atenção especial, evitando-se praticamente todas as referências visuais directas;
10. assunção consciente de um papel dos *media* no «tratamento» do trauma dos seus espectadores, ouvintes ou leitores;
11. o papel das imagens como *testemunho (histórico)* do evento;

12. introdução de formas de «jornalismo cívico» no New York Times, tratado pela primeira vez como matéria de notícia as biografias de «pessoas vulgares», no caso, cada um dos cidadãos desaparecidos no World Trade Center;
13. força arrebatadora da necessidade de «consenso», sem dissidências;
14. o aumento do consumo dos *media*;
15. aumento do uso da internet. Explosão dos *Web blogs*" (Torres, 2007: 29).

Como já foi dito anteriormente, é em momentos de tragédia nacional que o sentimento de nacionalismo e patriotismo despertam. Podemos assim perceber que a tragédia une o público de diferentes sociedades. É criado um sentimento de comunidade e as emoções acabam por levar a que certas coisas não se questionem, principalmente nas primeiras horas de crise. Nestes casos, é a opinião pública que tende a mudar a opinião dos repórteres, sem a distância característica da prática jornalística (Torres, 2007): "Os media comportaram-se como membros do público ou da suposta opinião pública maioritária, e não como seus informadores e líderes" (Torres, 2007: 40).

O jornalismo, objetivo e desprovido de qualquer comentário e opinião, é deixado de parte. A inclusão de relatos emotivos por parte dos *media* não é recriminada, nem o é a pouca diversidade de fontes de informação:

"Para substituir a inalcançável objetividade em estado puro, os jornalistas têm uma *arma* muito mais eficiente (porque concreta): a honestidade profissional na avaliação dos factos, na seleção das informações, na equidade de posições, na fiel transposição dos depoimentos, na confirmação e atribuição das afirmações e sentimentos à fonte... creível" (Meneses, 2003: 226).

Levadas pela emoção e pela dor de acontecimentos trágicos, o público esquece o pilar do jornalismo dotado de ética: a objetividade, que sempre se revelou uma utopia. Ao mesmo tempo, a necessidade de estarem continuamente ligados aos *media*, em tempos de tragédia, é uma constante, mesmo que nada de novo se noticie.

3.2.2. A imagem

Ocupando um lugar de pódio no jornalismo, a imagem, televisiva ou fotográfica, informa, noticia. Contudo, iremos perceber que nem sempre é imparcial e que pode sofrer alterações, transmitindo uma representação errada da própria realidade.

Ao longo das décadas, os jornalistas conseguiram desenvolver a sua capacidade de transportar o leitor ou tele-espectador para o local da tragédia. As captura de imagens evoluiu, assim como a habilidade escrita de relatar cheiros, cenários e sentimentos:

“Trazer a narrativa a cena não requer apenas o estabelecimento de novas estruturas discursivas, mas também a criação e fixação de um novo vocabulário que permita uma descrição precisa e quase técnica de factos físicos e de particular interesse para nós, de diferentes estados que afectem a sensibilidade do coração para o espetáculo do sofrimento” (Boltanski, 1999: 91)⁹.

Em televisão, mas também em imprensa (fotografia), escolher o ângulo perfeito, as palavras adequadas para descrever o caos, leva, muitas vezes, a que o cenário seja enfatizado.

Através da evolução da televisão e das suas técnicas, o público pode quase participar nas tragédias e nos rituais fúnebres. O repórter de imagem, ao mover a câmara de um lado para o outro, transmite ao público a sensação de estar, efetivamente, no local (Pantti & Sumiala, 2009). A fotografia revela-se um grande aliado para a imprensa, no que se refere à cobertura de tragédias. O grau de imediatismo com que uma foto pode ser tirada e, posteriormente, difundida, aumentou largamente a dependência das massas da cultura da imagem.

A imagem reúne dois aspetos contraditórios: se por um lado é ligada à objetividade, por outro, as fotografias têm sempre o ponto de vista de alguém. A fotografia consegue ser ao mesmo tempo um:

“(...) registo objectivo e testemunho pessoal, simultaneamente uma cópia fiel ou transcrição de um efetivo momento da realidade e uma interpretação dessa realidade –

⁹ Tradução da autora.

um feito a que a literatura sempre aspirou, mas nunca conseguiu atingir neste sentido literal” (Sontag, 2003: 33).

Segundo a autora, se por um lado a imagem aprofunda o nosso sentido de realidade, por outro o real pode não ser suficiente para captar a atenção do público, daí a necessidade de aumentar a vertente trágica dos acontecimentos. Nesse sentido, as imagens ajudam a trazer emoção às notícias. Isto alimenta a sociedade-espetáculo, tão debatida na contemporaneidade (Sontag, 2003).

Os *media* expõem imagens de vítimas distantes, que sofrem com guerras civis, genocídios ou massacres, publicitam o sofrimento humano e esperam que a audiência responda com a compaixão e o comprometimento moral, normal a qualquer bom cidadão (Hoijer, 2004).

Com o aumento da tragicidade nas imagens colocam-se, novamente, algumas questões. Para chamarem a atenção e mudarem condutas, as fotografias têm de chocar. Mas quanto tempo dura o choque? Qual a sua validade? Com o passar do tempo, o choque torna-se familiar. As pessoas tornam-se insensíveis quando expostas em demasia a imagens desagradáveis. A habituação torna-se normal: “Uma imagem é esvaziada da sua força dependendo do modo como é usada, de onde e de quantas vezes é vista. As imagens mostradas na televisão são por definição imagens que, mais tarde ou mais cedo, cansam” (Sontag, 2003: 110).

Também o repórter fotográfico tem um importante (para não dizer essencial) papel na definição do entendimento do público sobre a fotografia. É ele que determina o sentido da imagem. A fotografia é sempre o resultado daquilo que alguém escolheu, daquilo que alguém enquadrou, deixando outros planos de fora. É a vontade do fotógrafo que faz a fotografia que, por sua vez, “terá a sua própria carreira, impulsionada pelas paixões e fidelidade das diferentes comunidades que a utilizem” (Sontag, 2003: 45). De acordo com a autora, não é adequado fazer da fotografia um relato exato da realidade. É antes uma perspectiva (a do fotógrafo e do público) sobre os acontecimentos nela ilustrados.

Com o poder de fixar o momento, a imagem é, muitas vezes, responsável pelo sensacionalismo na imprensa, encerrando em si o poder de prender a atenção do público, de surpreender. À câmara fotográfica é-lhe concedido o poder de embalsamar a morte, fixar a tragédia: “A memória congela as imagens; a sua unidade de base é a imagem individual. Numa

era de sobrecarga de informação, a fotografia fornece um meio rápido de aprender uma coisa e uma forma compacta de memorização” (Sontag, 2003: 29).

Foi em 1940 – durante a II Guerra Mundial – que o fotojornalismo se afirmou como uma realidade autónoma e legítima. A II Grande Guerra deu oportunidade à fotografia de informar a população do horror nazi, tornando-se num meio de comunicação e informação credível e numa mais-valia para a imprensa escrita (Sontag, 2003).

Também no caso português podemos encontrar alguns momentos na história do jornalismo em que a fotografia teve um importante papel. Na queda da Ponte Hintze Ribeiro, quando o autocarro foi retirado do rio, várias foram as fotografias publicadas que ilustravam o acontecimento. O autocarro, puxado para fora de água, transportava consigo ainda o corpo de uma vítima. A nível internacional, nos atentados de 11 de março, em Madrid, o El País publicou uma fotografia com pedaços humanos espalhados pela linha de comboio. No 11 de setembro, inúmeras foram as imagens que ilustraram as vítimas, algumas a atirarem-se das torres, outras a serem retiradas dos edifícios. Podemos, por isso, dizer que: “As guerras são agora também imagens e sons de sala de estar” (Sontag, 2003: 25).

A ânsia de publicar algo que chame a atenção do público ou, simplesmente, a falta de tempo para repensar fotos e textos fazem com que a ética jornalística seja atropelada em situações trágicas. A interpretação que se faz das imagens que são mostradas na televisão ou nos jornais está intimamente ligada à compaixão que a audiência mostra pelos acontecimentos.

“O impacto das imagens fotográficas não é menos devido à reivindicação da verdade ligada a elas. Elas são percebidas como testemunhas oculares verdadeiras da realidade. A audiência muito raramente questiona o estatuto de realidade das imagens documentais, ou a vê como construções de situações ou eventos” (Hojer, 2004: 521)¹⁰.

Todos os dias os produtores de telejornais e os próprios editores fotográficos vão escolhendo imagens, vídeos, fotos e tomando decisões que delinham os limites daquilo que é aceitável e receptível pelo público. Estas questões têm levantado a polémica e levado a largas discussões ao longo de décadas.

¹⁰ Tradução da autora.

É impossível negar a destruição de uma cidade ou os corpos espalhados num cenário de guerra. As fotografias e as imagens dão um acesso direto a uma parte da realidade, sublinhando o caráter universal da fotografia (Hojjer, 2004). Mas será mesmo necessário mostrar tudo?

Numa cultura que privilegia a imagem, recordar uma história é ser capaz de recordar uma imagem. As próprias pessoas aspiram a ser imagens, representações: celebridades. E é neste ponto que a fotografia desempenha um importante papel, tornando reais as questões que os privilegiados e os que estão em segurança prefeririam ignorar. A revolta e a repugnância diante de fotografias de tragédias, de corpos mutilados ou de cenários de guerra são moralmente aceitáveis e até desejáveis. O grotesco convida o público a ser espectador e a deixar-se seduzir pelo mórbido. Por outro lado, podemos adoptar uma atitude cobarde, desviando o olhar, mas experimentando o sentimento de culpa. É assim aceitável que as pessoas desviem o olhar, não por indiferença, mas por medo:

“Que fazer com um conhecimento como o que as fotografias nos trazem de sofrimentos distantes? As pessoas são muitas vezes incapazes de suportar os sofrimentos dos que lhes são próximos. (...) Muito embora o fascínio voyeurista – e a possível satisfação de saber: Isto não me está a acontecer *a mim*. Eu não estou doente, Eu não estou a morrer, Eu não fui apanhado numa guerra – parece normal que as pessoas se esquivem a pensar nos sofrimentos dos outros, mesmo tratando-se de outros com quem seria fácil identificarem-se” (Sontag, 2003: 105).

Por outro lado, aquele que observa o sofrimento do outro sem indiferença, mas também sem que algo faça para mudar os factos, pode ser acusado de um certo interesse na visualização do sofrimento alheio, que possivelmente lhe concede algum tipo de prazer. O critério do discurso público é precisamente aquilo que nos inibe de distinguir entre:

“... uma forma de olhar que pode ser caracterizada como desinteressante ou altruísta, que é orientada para fora e que é motivada pela intenção de ver o fim do sofrimento, através de um olhar egoísta que está totalmente apoderado de estados internos como o espetáculo do sofrimento: fascinação, horror, excitação, prazer, etc.” (Boltanski, 1999: 21)¹¹.

¹¹ Tradução da autora.

A própria cultura de massas transporta consigo uma crescente violência: em filmes, jogos, músicas, banda desenhada... Imagens que há meio século fariam as pessoas recuar de medo, são hoje vistas por qualquer criança ou adolescente em salas de cinema ou mesmo em casa, sem qualquer entrave: “De facto, a violência é vista mais como entretenimento do que como chocante por muitas pessoas na maior parte das culturas modernas” (Sontag, 2003: 106).

Está na natureza do ser humano a atração pelo grotesco, pelo sádico. Conseguimos encontrar a beleza estética numa cena sangrenta, num campo de batalha ou em corpos mutilados. Encontrar o primor harmonioso num situação de guerra parece ser sinónimo de insensibilidade, mas a verdade é que um cenário bélico continua a ser um cenário. Há uma certa beleza na destruição: “Transformar é o que faz a arte, mas a fotografia que testemunha o que foi uma calamidade ou o que é repreensível será muito criticada se parecer «estética»; ou seja, se se parecer demasiado com a arte” (Sontag, 2003: 83).

Existe uma espécie de dualidade de critérios: impossível não achar uma fotografia de caos magnífica mas, ao mesmo tempo, há a ideia de que as fotografias de tragédias e calamidades não deveriam ser belas. Por tudo isso, Sontag (2003) deixa-nos com algumas questões relativas à fotografia e ao entendimento do público: Qual o objetivo de mostrar fotografias? Causar revolta e despertar tristezas? Alimentar o sentimento de impotência ou motivar a população a modificar condutas? Podemos interpretar as imagens que nos chocam diariamente como uma forma de nos chamar à atenção para aquilo que se passa no mundo à nossa volta, para modificarmos atitudes, pensamentos e questionarmo-nos acerca dos responsáveis pelas calamidades.

3.2.3. As emoções

Com a evolução do jornalismo, as emoções e sentimentos tornaram-se elemento central nas sociedades ocidentais. Descrever e relatar emoções tornou-se parte da comunicação social, da esfera pública e privada: “emocionalização da esfera pública” (Pantti, 2010: 168)¹². É

¹² Tradução da autora.

bastante comum encontrar informação sobre tragédias, que apelam aos sentidos de quem recebe esses conteúdos:

“Considera um espectador movido pela pena no espetáculo de um desgraçado. A impossibilidade de agir *ilico* liberta o espaço no qual esta emoção pode ser mostrada, expressada verbalmente e transformada. De facto, é parte da definição de pena que é transitória” (Boltanski, 1999: 47)¹³.

A compaixão pelo outro é considerada moralmente correta na sociedade contemporânea, assim como os crimes contra a humanidade são condenados pelas comunidades internacionais (Hoijer, 2004).

Se, nas tragédias mais antigas, as pessoas eram representadas como uma massa passiva, agora são representadas como mais espontâneas, mostrando compaixão e trazendo flores e velas para os locais da tragédia (Pantti & Sumiala, 2009).

É nas sociedades atuais que as emoções são, normalmente, associadas ao entretenimento e sensacionalismo, o que sempre causou algumas discussões éticas. Se, por um lado, a abordagem de emoções começou a ganhar espaço no jornalismo no sentido de se tornar um valor-notícia, por outro lado existe a ideia de que o jornalismo deve ser objetivo e desprovido de qualquer sentimento a fim de promover uma discussão racional (Pantti, 2010). O debate entre o jornalismo que apela diretamente às sensações, muitas vezes com objetivos de mercado, e o dito jornalismo de ‘qualidade’ é recorrente:

“Tanto a nível da investigação académica como do debate público, a emoção tipicamente representa um declínio nos padrões do jornalismo e um desvio do papel social do jornalismo; enquanto o jornalismo de ‘qualidade’ informa e educa os cidadãos apelando à razão, outros tipos de jornalismo focam-se em agradar às suas audiências apelando às emoções” (Pantti, 2010: 169)¹⁴.

É durante a cobertura de tragédias que surgem algumas questões e que a barreira entre a informação e o entretenimento se pode esbater. Frequentemente, podemos ver estórias no

13 Tradução da autora.

14 Tradução da autora.

noticiários televisivos e, no mesmo canal, ver o mesmo caso num programa de entretenimento. Os programas da tarde, ou da manhã, normalmente, são os que mais abordam tragédias ou situações de sofrimento alheio. Aliar o entretenimento à dor, através de programas de solidariedade social, também não é incomum. Como exemplo, temos o Natal dos Hospitais e o concerto Live Aid, entre outros (Hojjer, 2004).

A dicotomia emoção/razão está intimamente relacionada com a barreira entre jornalismo de qualidade e jornalismo popular, tabloide ou jornalismo cor-de-rosa. Enquanto o jornalismo de qualidade (*hardnews*) tem como principais linhas orientadoras as discussões racionais e críticas, o jornalismo popular enfatiza a vida quotidiana e privilegia as emoções. As *softnews*, jornalismo popular ou a ‘emocionalização’ das notícias são vistos como uma espécie de decadência da qualidade do jornalismo. No entanto, qualquer que seja o tipo de jornalismo, os *media* têm de obedecer e responder às forças de mercado (Pantti, 2010). Apesar do conflito ideológico apresentado, é reconhecido, e até possível de ser exacerbado pela crise financeira, o papel que o mercado tem nas ambições dos diferentes *media*:

“Desde os primeiros tempos da imprensa, as publicações são motivadas por uma variedade de razões, incluindo: lucro e emprego; um sentido de responsabilidade social; defesa de causas; partidos políticos ou ideologias; uma atração para o ofício da escrita e impressão. Ao mesmo tempo, as publicações têm sido acompanhadas por restrições assim como riscos, devido aos possíveis constrangimentos dos outros e da sociedade em geral” (McQuail, 2013: 27)¹⁵.

Uma maneira de responder a essas forças é utilizar o jornalismo dotado de sentimentos, captar a atenção do público. No entanto, a ‘espectacularização’ do sofrimento pode levar a que o público suspeite da veracidade do acontecimento, questionando se as emoções são simuladas ou não. Se os atores são capazes de produzir sinais externos de aflição, alegria, tristeza e são até capazes de chorar, por que motivo é as pessoas comuns não o podem fazer também? Existe assim uma dualidade relativamente ao uso ou não das emoções no jornalismo (Boltanski, 1999).

As tragédias a que o mundo tem assistido nas últimas décadas, como o 11 de setembro, o 11 de março, o tsunami de 2004 ou os atentados de Boston, têm acelerado o processo de tornar as emoções parte integrante e legítima da cultura jornalística (Pantti, 2010).

¹⁵ Tradução da autora.

Mervi Pantti (2010)¹⁶ defende três argumentos relativamente ao papel público das emoções:

- As emoções informam julgamentos políticos e morais (Marcus *et al.*, 2000 *in* Pantti, 2010; Nussbaum, 2001 *in* Pantti, 2010);
- As emoções são poderosos motivadores para a participação (Clarke *et al.*, 2006 *in* Pantti, 2010);
- As emoções são importantes para a construção da identidade colectiva, para a formação da solidariedade social (Ahmed, 2004 *in* Pantti, 2010).

Esta mudança na abordagem das emoções, adotada pelo jornalismo contemporâneo, não é tanto um desenvolvimento no qual os jornalistas tiveram uma parte ativa, mas é antes o reflexo da transformação de uma sociedade conectada à emotividade:

“Falando no contexto da cobertura de desastres ou acidentes, alguns jornalistas enfatizam as diferenças entre as suas antigas práticas éticas e a sua presente consciência negativa das consequências de uma completa amostra emocional. Parece que os jornalistas, que são frequentemente acusados de acrescentar sofrimento de vítimas de traumas, interiorizaram a mensagem da necessidade de compaixão enquanto compilam e disseminam informação” (Pantti, 2010: 173)¹⁷.

Segundo Pantti (2010), os jornalistas defendem que as expressões emotivas das fontes devem ser tidas em conta nas notícias, caso haja uma ligação significativa com a estória. As emoções não são a estória completa, mas desempenham funções na notícia: facilitam o seu entendimento e/ou adicionam uma mensagem à mesma. As mesmas regras que são aplicadas às opiniões são aplicadas às emoções: nem todas (ou de toda a gente) são importantes. São relevantes para as notícias aquelas que são excepcionais, inesperadas, coletivas ou expressadas por membros da elite. Por outro lado, as emoções constroem a forma como os espectadores veem as notícias. As emoções e os sentimentos no relato jornalístico acabam por ser uma provocação ao pensamento e uma forma de captar a atenção do público. Os *media* tendem, ainda, a despertar o sentimento de compaixão na audiência.

16 Tradução da autora.

17 Tradução da autora.

Tudo se resume, assim, à questão de perceber se o jornalismo usa as emoções para tornar a estória mais apelativa ou, por outro lado, para invocar sentimentos e conseguir mais público. “Nas notícias de qualidade, a emoção é escrava da razão mas em outro tipo de notícias é elevada ao papel de mestre” (Pantti, 2010: 178)¹⁸.

A autora defende que as emoções devem surgir naturalmente e não de uma forma forçada ou artificial. A ideia de que os jornalistas são, eles mesmos, o centro da emotividade, é rejeitada. A expressão das emoções é parte legítima da estórias, mas os jornalistas não devem interiorizar as emoções das pessoas ou do acontecimento que estão a noticiar. É assim posta de parte a ligação entre as ‘notícias emotivas’ e o apego emocional dos próprios jornalistas (Pantti, 2010).

Atualmente, o termo ‘emoção’ é tipicamente relacionado com o excesso de irracionalidade, ameaçando a objetividade. Lidar com as emoções requer cuidado e alguns constrangimentos. É sempre difícil dosear a quantidade de emoções a usar durante a redação de uma notícia ou montagem de uma peça jornalística em televisão, de forma a não lhe retirar qualidade. Assim, Pantti (2010) conclui que não há bom nem mau jornalismo relativamente ao uso das emoções há sim formas e motivações diferentes de utilizar as emoções.

“(…) os media não são bons Samaritanos que esperam pela palavra, nem são totalmente cínicos corruptos e agentes comerciais que vendem sofrimento humano. Há diferentes sistemas mediáticos, diferentes políticas noticiosas e diferentes jornalistas” (Hojjer, 2004: 529)¹⁹.

Torna-se assim possível compreender que existe uma grande discussão, que se perpetuará, em relação à mediatização das situações de dor nas notícias. Os riscos que o sensacionalismo acarreta para o cumprir do papel do jornalismo é a principal questão levantada a este nível. Também as lógicas de mercado, que se podem sobrepor ao papel do jornalista, são tidas em conta.

18 Tradução da autora.

19 Tradução da autora.

3.2.4. A dor

Neste ponto serão abordadas questões relacionadas com a dor: de que forma os espectadores lidam com a dor e a procuram na comunicação social e de que maneira os próprios jornalistas trabalham o sofrimento alheio, transformando-o em notícia.

Madalena Oliveira (2006: 1952) caracteriza a morte nos *media* da seguinte forma: “(...) um imperativo de participação coletiva na dor alheia”. Segundo a investigadora, em situações de morte, por exemplo, a dor deixa de ter um carácter individual e passa a ter um carácter universal, potenciado pelos meios de comunicação.

Desde os primórdios do jornalismo, os jornais e as televisões lidam com a morte, alcançando um certo estatuto de noticiabilidade e adquirindo critérios de tratamento informativo em situações como acidentes, tragédias, crimes, etc. Mas, se a morte é assunto velho para os *media*, a sua forma de tratamento tem evoluído ao longo do tempo: “(...) a experiência que hoje se tem da morte é radicalmente diferente da que se tinha quando a informação era veiculada sobretudo por escrito, em jeito puramente factual e com distanciamento efetivo do momento dos acontecimentos” (Oliveira, 2006: 1952). Esta mesma questão é alvo de uma abordagem por parte de outros autores:

“Durkheim desenhou a sua análise social de povos nativos, mas os rituais não perderam a sua importância nas sociedades contemporâneas. Pelo contrário, atividades de rituais permanecem críticas, não apesar mas por causa da crescente desintegração social. Enquanto os momentos de reunião se tornaram mais difíceis de atingir nas sociedades complexas, os rituais são criticamente importantes para sustentar e revigorar sentimentos coletivos (Alexander, 2004 *in* Pantti & Sumiala, 2007: 21). No entanto, estudiosos contemporâneos dos rituais alertaram para uma leitura simplista dos efeitos dos rituais públicos enquanto promotores de um sentimento de “nós”. Por um lado, os rituais sozinhos não podem criar união se não houver outra base para eles, e, por outro lado, os rituais também podem promover o conflito social construindo a solidariedade dentro de vários segmentos da sociedade em conflito (Bell, 1992: 216 *in* Pantti & Sumiala, 2007: 21; Kertzer, 1988: 75–6 *in* Pantti & Sumiala, 2007: 21)”²⁰.

²⁰ Tradução da autora.

Os rituais fúnebres, assim como os rituais religiosos, podem ser definidos num contexto de afirmação, negociação e contestação dos laços sociais. Esses rituais podem ser vistos como um veículo de grupos sociais, ideias e valores para ganhar legitimidade (Pantti & Sumiala, 2009).

Os meios de comunicação, com a constante evolução que sofreram ao longo das décadas, habituaram o público ao conceito da morte. Registrar a morte, congelar a morte numa imagem ou num texto, eternizar o desvanecimento da vida de uma personalidade pública é algo a que os *media* têm dedicado especial atenção: “Olhar a morte da Princesa Diana de Gales, de Madre Teresa de Calcutá ou de João Paulo II é participar da construção de um luto que se vive ficcionalmente na emoção produzida pelo aparelho mediático” (Oliveira, 2006: 1961). Servindo de alimento para este tipo de cobertura jornalística, as personalidades públicas que adoecem e acabam por morrer, e dão aos *media* a oportunidade de acompanhar todo o processo - como foi o caso do Papa João Paulo II -, fazem exatamente aquilo que os jornalistas anseiam: o acompanhamento da morte minuto a minuto, a venda da tragédia e do sofrimento alheio. “Transparecendo para os media e por eles especialmente potenciada, esta vivência passional ou sensacional, quer da morte quer de outros estados colectivamente efusivos, transcende os limites da individualidade” (Oliveira, 2006: 1955).

De acordo com Nussbaum (2001 *in* Pantti, 2010), envolvidas pela compaixão, as pessoas são levadas a sentir que a pessoa em sofrimento não merece a dor, tornando-a assim num ser inocente, vítima de terceiros.

Desta forma, a dor, que é individual, e a experiência de carácter sentimental privado deixam de o ser e tornam-se cada vez mais colectivas. Segundo Madalena Oliveira (2006), são os próprios rituais fúnebres que abrem o extremo da dor (morte) ao espaço público e que se permitem ser acossados pelos *media*.

Boltanski (1999) dá especial relevo à posição do espectador quando confrontado com situações de dor. O autor defende que a contemplação à distância de uma situação de sofrimento de alguém que não é conhecido, nem amigo, nem família nem inimigo do espectador, pode ser um espetáculo claramente problemático; podendo mesmo vir a ser o único espetáculo capaz de suscitar algum dilema social. Quando o espectador é confrontado com situações de outros espetáculos que ele próprio considera desinteressantes, tem a possibilidade de desviar a sua atenção: deixar de ler, desligar a televisão, deixar a sala, etc. Mas quando o

espetáculo em questão se refere ao sofrimento alheio, o processo não é tão simples, pois o espectador pode ser acusado – ou acusar-se a si mesmo – de indiferença. “(...) ter conhecimento do sofrimento aponta uma obrigação de dar assistência” (Boltanski, 1999: 20)²¹.

Esta vontade de perseguir a dor e de a transformar em colectiva, pode ter, como consequência, uma não diferenciação entre informação e sensacionalismo, informar e entreter, jornalismo e espetáculo. Os meios de comunicação servem de ‘estimuladores’ de sentimento e emoções, acentuando-as (Oliveira, 2006).

O sentimento de solidariedade social faz-nos menos culpados e menos cúmplices do sofrimento alheio. Ouvir as mágoas dos outros e sentir tristeza por eles, torna-nos inocentes.

Relativamente à tragédia de Entre-os-Rios, em 2001, as televisões foram as primeiras a chegar ao local e a darem voz a familiares, amigos e populares o que, momentos mais tarde, mobilizou o Governo para Castelo de Paiva. Por outro lado, a busca pelas audiências e pelo *show* televisivo marcaram presença nas semanas de cobertura intensiva, alertando as pessoas para um assunto que antes lhes era completamente indiferente. “Agora nada promove mais a formação de uma causa do que o espetáculo do sofrimento” (Boltanski, 1999: 30)²². Durante aquele período, os *media* orientaram a atenção do público para imagens do caos e da própria tragédia. A dor nem sempre pode ou deve ser evitada. Muitas vezes, os jornalistas são obrigados a explorar este tipo de situações:

“Consideramos, pois, que não devemos entender, à partida, a exibição da dor, do luto e da morte nas transmissões das tragédias televisivas, enquanto morbidez ou falta de ética. O que é criticável é a sua exploração (...) Parece-nos, sim, que é impossível não mostrar dor, luto e morte, quando o assunto é dor, luto e morte” (Marinho, 2007: 180).

Desta forma, é pertinente mostrar a dor dos familiares e amigos, que faz parte do desenrolar das estórias, que deverão ser mostradas com o devido respeito pelo luto dos envolvidos e a susceptibilidade dos telespectadores. Quando assim não é feito, há uma certa afronta à ética jornalística.

21 Tradução da autora.

22 Tradução da autora.

Mas nem só um atropelamento da ética da profissão e uma confusão entre o espetacular e a informação são registados nas coberturas de situações trágicas. Também a diferença entre a esfera pública e a privada se esbate. Os funerais, por exemplo, são uma celebração privada que se costuma tornar pública, quando se trata dos mortos de uma tragédia. Segundo Catherine Bell (*in* Pantti & Sumiala, 2009), os rituais fúnebres das sociedades contemporâneas intensamente mediatizadas são largamente afectados pelos *media*.

Os *media* alteram o procedimento dos rituais e também a forma como são experienciados pelo público. Os meios de comunicação social vão além do papel mediador. Eles interpretam e transformam os rituais públicos e gerem as emoções da audiência. Simon Cottle, (2006 *in* Pantti & Sumiala, 2009) usa o conceito de “rituais mediatizados” para salientar que os *media* fazem mais do que reportá-los.

Os jornalistas são agentes que têm o poder de atribuir significados aos eventos, de os dramatizar e de os tornar extraordinários: “O papel dos narradores, jornalistas e repórteres de imagem é contar a história trágica aos espectadores e fazer com que eles participem no ritual de luto representado nos *media*” (Pantti & Sumiala, 2009: 130)²³.

Olhar a morte ou o sofrimento dos outros é reconhecer que nós mesmos estamos sujeitos à fatalidade da vida, à constante eminência de dissipação de tudo o que conhecemos. Ou seja, a presença da dor nas notícias nem sempre é razão para questionar a qualidade jornalística.

3.2.5. As vítimas

Crianças, mulheres e idosos são normalmente vistas como os mais desprotegidos e frágeis em caso de tragédia, sendo considerados vítimas ideais, em detrimento dos homens adultos. No entanto, o estatuto de vítima varia de sociedade para sociedade e é uma construção cultural. Por exemplo, as mulheres que são violadas nem sempre são vistas como vítimas. Só há algum tempo é que, em situações de guerra, a violação de mulheres por soldados inimigos, foi condenada (Hojer, 2004).

²³ Tradução da autora.

Como audiência, somos principalmente tocados pelo sofrimento de uma criança, de um velho ou de uma mulher. Testemunhar esse sofrimento faz de nós socialmente e emocionalmente comprometidos com a dor dessa pessoa (Pantti & Sumiala, 2009). “As considerações do sofrimento modificam as condições de debate especialmente impondo uma urgência que exige um compromisso das pessoas por uma causa” (Boltanski, 1999: 30)²⁴.

Ver uma criança a chorar, triste ou numa situação miserável comove a audiência, fazendo da criança uma vítima com o poder acrescido de comover o espectador. Por um lado, invoca memórias da própria infância do público – quando ele mesmo era frágil e indefeso –, por outro lado desperta a vertente protetora dos adultos. “A morte de pessoas jovens não é uma coisa esperada na sociedade moderna, e por isso é normalmente ritualizada mais do que outras mortes” (Walter, 1991 *in* Pantti & Sumiala, 2009: 124)²⁵.

De acordo com Hoijer (2004), as mulheres reagem mais frequentemente e de forma mais emotiva às tragédias do que os homens, assim como as pessoas mais velhas reagem mais do que os jovens. Uma das razões que a autora apresenta como explicação para este último dado é o facto de os jovens estarem mais habituados a cenas de ficção que envolvam sangue e mortos. O desenvolvimento e a busca por uma personalidade podem ainda ser uma explicação para a pouca manifestação de emoção no que se refere a tragédias.

Distanciarem-se do sofrimento alheio pode ser uma forma de afastar uma visão pessimista sobre a vida. As pessoas mais velhas não sentem a sua identidade ameaçada pela dor dos outros, e têm uma experiência de vida mais vasta, o que lhes permite estarem mais abertas aos sentimentos e ao sofrimento global. Também as mulheres são mais recetivas a estes sentimentos de pena e compaixão do que os homens. A razão possível, explica Hoijer (2004), passa pelo papel da mulher no seio da família. Sentir solidariedade para com as vítimas não condiz com os ideais heroicos e bélicos dos homens.

De acordo com Hoijer (2004: 522-523)²⁶, existem quatro tipos de compaixão que o público pode sentir em relação à tragédia noticiada:

24 Tradução da autora.

25 Tradução da autora.

26 Tradução da autora.

- “Compaixão de coração terno”: que se concentra no sofrimento das vítimas e nas respostas de pena e empatia dadas pelo público como mero espectador;
- “Compaixão cheia de culpa”: que alia o sofrimento das vítimas a um sentimento de revolta e indignação, dirigidas normalmente para alguém que a audiência ache responsável pela situação;
- “Compaixão cheia de vergonha”: intimamente ligada a um sentimento de culpa e obrigação moral de ajudar a(s) vítima(s) em questão;
- “Compaixão impotente”: situação na qual o espectador tem total consciência da sua impotência e limitações, no que se refere a ajudar os lesados.

Mas nem só o espectador estabelece uma ligação com quem está a sofrer. A vítima, por sua vez, também ‘vê’ o espectador:

“Se o espectador imaginar as sensações daquele que sofre, o sofredor também imagina as sensações do espectador a imaginar a sua [do sofredor] dor. Esta relação de espelho reflexivo não é sequencial. Cada um antecipa como é imaginado pelo outro e a composição destas antecipações gera equilíbrio” (Smith 1998 *in* Boltanski, 1999: 39)²⁷.

Cada espectador tem uma forma diferente de ver a tragédia e um sentimento diferente em relação às vítimas, representado assim diferentes formas de compaixão para o mesmo caso. Birgitta Hoijer (2004) defende que há formas de virar as costas ao sofrimento alheio. Uma das formas é rejeitar a veracidade das notícias, alegando que são falsas. Criticar as próprias notícias, censurando a forma de as comercializar e o próprio sensacionalismo, também é uma forma de afastar as emoções das tragédias. Outra estratégia frequentemente utilizada é a desumanização das vítimas. A empatia é ‘abafada’ e a falta de envolvimento é racionalizada e legitimada: “Outra maneira de formar a distância é aplicar uma perspectiva nós-eles na qual a cultura, mentalidade e forma de viver e agir dos outros, isto é, do sofrimento das pessoas, é desumanizado” (Hoijer, 2004: 525)²⁸.

27 Tradução da autora.

28 Tradução da autora.

Podemos assim concluir que há formas efetivas de fugir ao sofrimento dos outros. Estabelecer uma certa distância ou desumanizar aquele que sofre são algumas das estratégias que o público utiliza para se proteger do sofrimentos alheio. Neste capítulo vimos ainda que as vítimas que mais apelam ao sentimento do público são aquelas consideradas mais frágeis e indefesas (crianças, idosos e, em algumas sociedades, as mulheres). A relação espectador-vítima não é uma relação unilateral, mas bilateral. Ou seja, o espectador interage com a vítima, de forma indireta. Ambas as partes imaginam o que o outro pensa e sente em relação à sua posição.

3.3. Síntese

Quando falamos de informação de proximidade, é forçoso falar de jornalismo regional (Camponez, 2002). Com um lado mais comunitário, o jornalismo de proximidade foca-se no público local, nos seus problemas e no seu quotidiano, exercendo a sua área de influência na própria localidade. Os *media* passam assim a ser uma ferramenta de resolução dos problemas da população local, tornando-se atores sociais. A população vê os jornalistas como aliados, da mesma forma que os jornalistas veem os cidadãos como fontes de informação do seu trabalho. A ligação entre ambos é inegável (Duarte, 2005).

No entanto, a conduta do jornalista é muitas vezes questionada. Em momentos de tragédia, os meios de comunicação tornam-se centrais na sociedade. A necessidade de informar urge e as rotinas de trabalho do repórter podem ser postas em causa. Testemunhos, imagens, notícias e reportagens são, não raras vezes, acusadas de invadir a privacidade e de desrespeitar a dor alheia. Transmitir o acontecimento da forma mais real possível por vezes leva os órgãos de comunicação social a serem rotulados de sensacionalistas, por se deixarem levar pelas emoções. Ao longo deste enquadramento teórico, pudemos compreender de que forma e quais são os erros cometidos por vários *media* aquando algumas tragédias, como a queda da ponte Hintze Ribeiro ou o ataque terrorista de 11 de setembro. É em todo este processo de construção de notícias relacionadas com a dor e a tragédia que a imagem tem um papel fulcral. Uma imagem, um vídeo podem dispensar palavras e captar, mais rapidamente, a atenção dos leitores e espectadores. E, mais uma vez, a ética tem uma posição, estipulando limites e constrangimentos que, como vimos, nem sempre são respeitados.

É nas sociedades contemporâneas que os sentimentos e as emoções são, normalmente, associados ao entretenimento, tornando-se um importante elemento nas sociedades ocidentais, assim como descrevê-las tornou-se parte do trabalho da comunicação social (Pantti, 2010).

Se, por um lado, os sentimentos são uma componente dos *media*, a objetividade é um valor da profissão de jornalista, entrando-se aqui numa discussão. Até que ponto é profissional mostrar corpos mutilados? Até que ponto não é sensacionalismo falar com familiares de vítimas de um desastre natural? Todas estas questões permanecem em debate.

Respondendo às forças de mercado, o jornalismo encontra-se numa delicada posição. A dicotomia qualidade/lucro tem gerado fortes discussões ao longo dos anos, no que se refere ao jornalismo sensacionalista e às chamadas *hard news* (Pantti, 2010). Em jeito de conclusão, Pantti (2010) diz não haver bom nem mau jornalismo, no que se refere às emoções. O que existem são formas e motivações diferentes para utilizar os sentimentos.

4. Noticiar a dor: reflexão sobre o percurso no Jornal de Notícias

Depois de um primeiro momento, onde o principal destaque foi dado ao JN enquanto instituição, seguiu-se um segundo capítulo, onde se refletiu sobre a minha experiência como jornalista estagiária e sobre as rotinas do trabalho. O terceiro capítulo teve como objetivo compreender e enquadrar, teoricamente, todo o trabalho jornalístico realizado ao longo dos três meses de estágio.

Neste período, foram vários os artigos que redigi relacionados com acontecimentos trágicos. Tive a oportunidade de publicar peças informativas que se debruçaram sobre acidentes, pessoas com problemas de saúde, mortes e consequências sociais da crise económica. Desta forma, e tendo sido produzido um elevado número de notícias relacionadas com a temática da dor e do sofrimento, decidi explorar esta mesma questão no meu relatório de estágio.

Por isso, o presente capítulo tem como principal propósito a análise das notícias, escritas por mim, enquanto jornalista estagiária, quando os temas envolviam situação de dor e tragédia. Com o objetivo de responder às perguntas orientadoras [ver 4.1], procedi à seleção de uma série de trabalhos, que se revelam uma amostra significativa da minha produção no JN.

Estando integrada na secção Grande Porto, acompanhei vários jornalistas em reportagem e eu própria redigi, sozinha, várias notícias e reportagens relacionadas com a dor. Sendo a secção Grande Porto de âmbito regional, e como foi já referido em capítulos anteriores, a proximidade com o cidadão era maior. Por essas razões, optei pela temática da dor, para guiar não só o relatório de estágio, mas também o estudo de caso.

Para proceder à observação, julgo ser pertinente a exposição de um modelo de análise e de algumas perguntas às quais procurei dar resposta e que orientaram o estudo.

4.1. Questões orientadoras

O objetivo destas questões é o de delinear uma série de parâmetros que consigam orientar a análise das notícias subordinadas à temática da dor. São elas:

- Relativamente ao assunto, que notícias que envolvem dor são mais abordadas?
- Quem são as fontes privilegiadas numa notícia que envolve dor?
- De que forma é utilizada a imagem?
- Tendo em conta as variáveis [ver modelo de análise], quais as diferenças entre uma notícia que envolve dor e uma sobre outro assunto qualquer?

Conseguir compreender quais são os assuntos predominantes, quando se trata de trabalhos relacionados com o sofrimento, e quais são as principais características diferenciadoras dessa notícia (relativamente às fontes e imagens utilizadas, por exemplo) foi o principal objetivo desta observação.

4.2. Critérios e Modelo de Análise

Para melhor conseguir analisar as notícias, relacionadas com a temática, redigidas por mim enquanto jornalista estagiária no JN, procedi à elaboração de um modelo de análise. Dividido em quatro grandes grupos, este modelo tem como principal objetivo uma orientação simples e eficaz na análise da abordagem e tratamento de informação relacionada com a mediatização da dor nos *media*.

Na variável '**assuntos**' serão divididos em quatro os temas das notícias que abarcam a temática principal: '**crise económica**', onde podemos encontrar relatos sobre situações causadas pela atual crise que o país atravessa; '**morte**' onde falecimentos e funerais terão lugar; em '**acidente**' estarão agrupados as notícias que se referem a desastres de viação e outros; e, finalmente '**retratos de situação**' que engloba notícias que se referem a situações específicas, como por exemplo, conflitos e acontecimentos que coloquem em causa a qualidade de vida dos lesados.

Como explicado ao longo deste trabalho, o uso da imagem é uma parte importante na imprensa, acontecendo ainda que algumas reportagens e notícias tenham mais do que uma imagem a ilustrar o texto. Mais do que isso, a componente visual tem um papel fulcral no que se refere à comunicação da dor. Dar ao leitor uma imagem do local da efeméride, da vítima ou do próprio cenário de dor é uma forma de o prender à estória, de tornar a dor mais real e mais presente. Na variável '**uso da imagem**' estipulei duas dimensões: '**foto da vítima**', sempre que esteja presente uma imagem do agente vitimado pela estória e '**foto da ação**' onde se pode ver a situação que o texto relata.

Todas as notícias relativas à temática da dor e do sofrimento têm uma vítima, alguém sobre quem o infortúnio caiu. A variável **'vítima'** contempla assim duas possibilidades: **'individual'**, quando se trata apenas de uma vítima (em casos de morte, por exemplo), ou **'coletiva'**, quando se trata de um grupo de pessoas (que reivindica algo, por exemplo).

Finalmente, importa saber quem é que os jornalistas escolhem para falar quando se refere ao sofrimento alheio. A variável **'fontes'** abarca três classificações possíveis: **'vítima'**, quando a própria vítima é convidada a falar e a expor o seu caso; **'família e amigos'**, quando a vítima está impossibilitada de falar (por falecimento, por exemplo) e os mais próximos são procurados pelos jornalistas; e **'fontes oficiais'**, quando entidades oficiais são solicitadas pelos media com o objetivo de dar uma explicação sobre o problema.

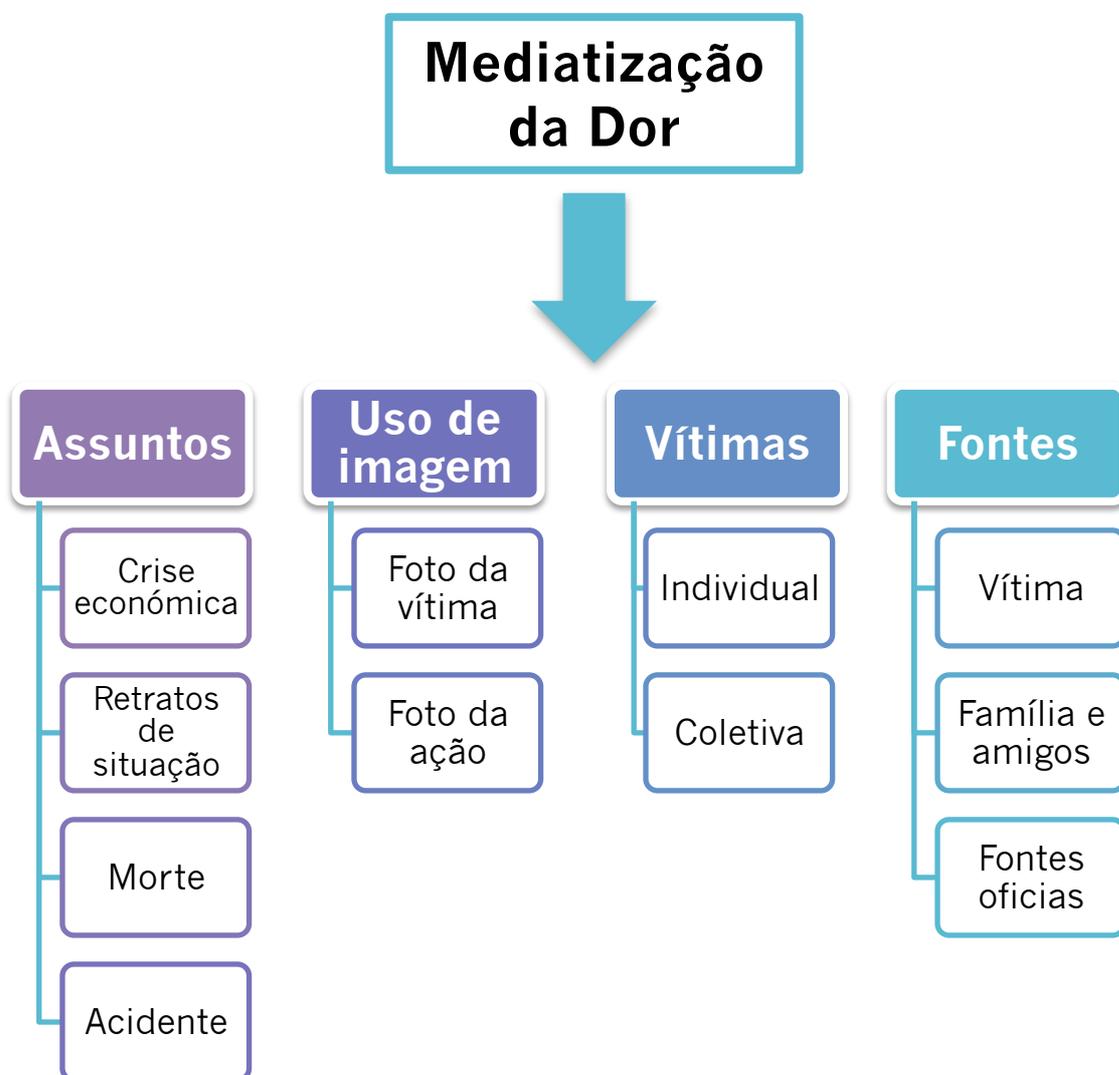


Gráfico 1- Modelo de análise

4.3. Notícias relacionadas com a dor

Para a análise foram escolhidas 16 notícias relacionadas com o sofrimento e a dor. Todas elas estão disponíveis na versão *epaper* do Jornal de Notícias, de onde foram retiradas e todas têm a minha autoria, coautoria ou acompanhamento ao local e respetiva redação:

- Táxis-piratas no aeroporto, *5 de outubro 2012*. (Ver anexo 1)
- Dormir na rua para poder ir ao médico, *8 de outubro 2012*. (Ver anexo 2)
- Vandalismo diário desespera dono de café, 19 de outubro 2012. (Ver anexo 3)
- Acidente mata bombeiro, *23 de outubro 2012*. (Ver anexo 4)
- Bombeiros de todo o país unidos na dor, *25 de outubro 2012* . (Ver anexo 5)
- Passam a noite à porta do IMTT para ter senha, *9 de novembro 2012*. (Ver anexo 6)
- Tem de ser levado ao colo para entrar nas instalações, *9 de novembro de 2012*. (Ver anexo 7)
- Posta na rua sozinha e sem dinheiro, *30 de novembro 2012*. (Ver anexo 8)
- Colisão mortal na Boavista, *1 de dezembro de 2012*. (Ver anexo 9)
- “Agradeço a Deus não ter morrido naquela hora”, *8 de dezembro de 2012*. (Ver anexo 10)
- Casa do Pai Natal em Baguim de luto, *14 de dezembro 2012*. (Ver anexo 11)
- Crianças de escolas de música levam Natal ao IPO do Porto, *18 de dezembro 2012*. (Ver anexo 12)
- Até os casacos de vison vende para ultrapassar a crise, *23 de dezembro 2012*. (Ver anexo 13)
- Crianças do São João passam Natal mais feliz, *24 de dezembro 2012*. (Ver anexo 14)
- Lixeira amontoada na rua devido a avaria nos carros de recolha, *28 de dezembro 2012*. (Ver anexo 15)
- Crianças em risco com extinção do autocarro 10, *29 dezembro de 2012*. (Ver anexo 16)

4.3.1 Notícias selecionadas para comparação

De forma a compreender melhor quais as diferenças na abordagem, redação e produto final entre uma reportagem/notícia abrangida pela temática da dor e uma não relacionada com o tema, foram selecionados nove trabalhos.

Escolhi especificamente estas reportagens pois, além de não estarem relacionados com a dor em nenhuma perspetiva, foram notícias também elas redigidas por mim enquanto jornalista estagiária no JN.

- Chá da Liga dos Amigos do Maria Pia com 400 pessoas, *28 de setembro 2012*. (Ver anexo 17)
- Prémios EDP beneficiam 155 mil pessoas, *20 de novembro 2012*. (Ver anexo 18)
- Marcha de pais natais junta 900, *13 de dezembro 2012*. (Ver anexo 19)
- 1,2 milhões para ajudar associações desportivas, *15 de dezembro 2012*. (Ver anexo 20)
- Empresa deixa tampas barulhentas em dez ruas, *15 de dezembro de 2012*. (Ver anexo 21)
- Aparelho ajuda idosos de Paranhos a pedir assistência, *18 de outubro de 2012*. (Ver anexo 22)
- Estufa histórica vai ser reabilitada, *19 de dezembro 2012*. (Ver anexo 23)
- Menezes satisfeito com apoio fora do PSD, *19 de dezembro 2012*. (Ver anexo 24)
- Zoo salva espécies ameaçadas com constituição de famílias, *20 de dezembro 2012*. (Ver anexo 25)

4.4. Dor vs outros temas: o assunto, as vítimas, as fontes e o uso da imagem nas notícias produzidas sobre a temática da dor

Com o objetivo de tornar a informação de mais fácil interpretação, foram elaboradas tabelas, em função das variáveis previstas no modelo de análise. Foram selecionadas várias notícias sobre o tema da dor, que representam a maioria das peças informativas que desenvolvi ao longo dos três meses de estágio no JN. A partir desta seleção desenvolverei uma análise que visa compreender as características exclusivas das notícias relacionadas com situações de dor.

| Assunto | Total |
|---------------------|-------|
| Crise económica | 1 |
| Retrato de situação | 11 |
| Morte | 4 |

Tabela 1- Análise da variável 'Assunto'

Verifica-se que o tema mais abordado, quando se trata de situações de dor e sofrimento, é o que se refere a 'retratos de situação'. Podemos encontrar situações específicas e pontuais, como filas de espera em serviços públicos, irregularidades no funcionamento de certas entidades e casos específicos da vida quotidiana. Este tema conta com 11 reportagens/notícias. Seguem-se a 'morte', com quatro notícias, que incluem acidentes, por exemplo; e o indicador 'crise económica', que contou apenas com um trabalho.

Não se contabilizaram notícias sobre 'acidentes'. Isto aconteceu pelo facto de todas as reportagens e notícias sobre acidentes comportarem uma morte, que era o principal motivo da peça. Desta forma, o indicador 'acidente' deixa de fazer sentido: embora muitas notícias abordem a temática, o acidente em questão só se tornava motivo de atenção por parte do JN porque existia uma morte.

| Vítima | Total |
|------------|-------|
| Individual | 7 |
| Coletiva | 9 |

Tabela 2- Análise da variável 'Vítimas'

No que se refere à variável 'vítimas', podemos verificar que a mais frequente é a vítima coletiva, estando presente em nove peças, revelando-se contudo uma diferença mínima, comparando com as individuais.

| Fonte | Total |
|-------------------|-------|
| Vítima | 17 |
| Famílias e amigos | 3 |
| Fontes oficiais | 15 |
| Outros | 13 |

Tabela 3- Análise da variável 'Fontes'

Nesta variável, considerei pertinente acrescentar a possibilidade 'outros'. Durante a análise, observei que várias eram as testemunhas que tinham voz numa reportagem sobre um acidente, por exemplo. De forma a evitar uma elevada dispersão dos dados, a categoria 'outros' inclui fontes com pouca representação, para a análise geral, como vizinhos, testemunhas oculares e outros envolvidos na situação.

Na amostra de 16 notícias, verificou-se que foi dado voz à vítima 17 vezes. As fontes oficiais ocupam o segundo lugar com 15 referências. Seguindo-se o indicador outros com 13 ocorrências.

| Uso da imagem | Total |
|----------------|-------|
| Foto da vítima | 13 |
| Foto da ação | 7 |
| Local | 10 |
| Testemunhas | 6 |
| Outros | 6 |

Tabela 4- Análise da variável 'Uso de Imagem'

Também nesta variável, considerei fulcral acrescentar a possibilidade 'outros'. Deste modo, evitamos que os dados se dispersem tornando a informação redundante. Nesta categoria, representada em seis ocasiões, considerei um conjunto de fotos, tais como fotos de fontes oficiais e de representações da própria ação. As fotos das vítimas foram as mais representadas

nesta variável, com 13 casos. Em notícias de acidentes mortais, por exemplo, podia ver-se uma foto da vítima com uma pequena identificação da mesma. Durante a análise foi necessário criar mais duas categorias. As fotos do 'local', presentes dez vezes, representam o lugar onde se deu o acontecimento noticiado. A categoria 'testemunhas' (seis casos) foi criada para englobar as fotos das pessoas presentes nos diferentes acontecimentos. Finalmente, podemos contar sete fotografias da 'ação': por exemplo, as filas de espera, os funerais e as lixeiras amontoadas. Observei ainda que, em todos os trabalhos selecionados, se verificou, pelo menos, a existência de uma fotografia.

Para conseguir compreender melhor de que forma as notícias relacionadas com a dor são elaboradas, considerei, na quarta parte deste relatório de estágio, uma comparação entre peças com a temática do sofrimento e trabalhos com outros temas. Para esta pequena análise, selecionei nove notícias/reportagens, também elas escritas por mim enquanto jornalista estagiária no JN. São trabalhos cujos temas se distanciam da dor. Desta forma, não foi possível manter o anterior modelo de análise, sendo necessário criar outro modelo.

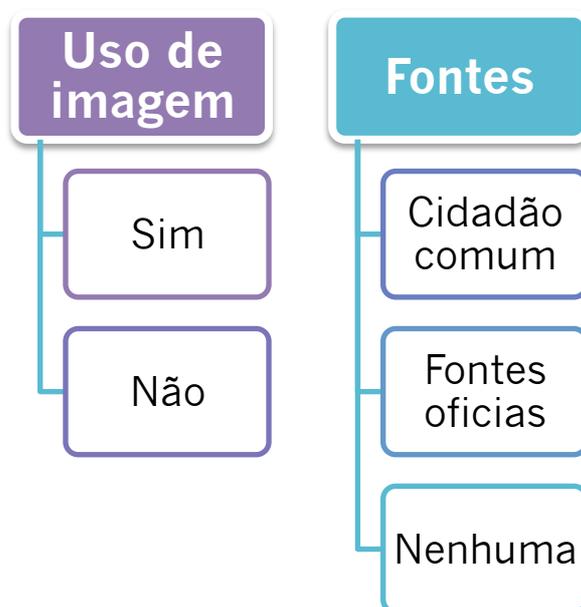


Gráfico 2- Modelo de análise de outras notícias

Para esta segunda parte da observação tive de encontrar pontos mais ou menos comuns no modelo de análise, que me permitissem analisar, comparar e, posteriormente, apontar as diferenças entre os dois tipos de trabalhos realizados.

| Uso da imagem | Total |
|---------------|-------|
| Sim | 6 |
| Não | 3 |

Tabela 5- Análise da variável 'Uso de Imagem'

Numa amostra de nove notícias/reportagens, a maioria apresenta fotografia (seis). Apenas três saíram na edição impressa sem qualquer imagem, o que difere totalmente da análise das notícias de dor, na qual não houve uma única reportagem que não fosse acompanhada por uma fotografia. Tal facto, atrevo-me a concluir, está intrinsecamente ligado com a importância que a imagem tem para notícias relacionadas com situações de dor. Nestes casos parece ser importante apelar aos sentidos, envolvendo o leitor no próprio acontecimento.

| Fontes | Total |
|-----------------|-------|
| Cidadão comum | 3 |
| Fontes oficiais | 13 |
| Nenhuma | 2 |

Tabela 6- Análise da variável 'Fontes'

Na variável 'fontes', 'fontes oficiais' foram citadas 13 vezes, contrastando com o 'cidadão comum', com apenas três. Em nove peças analisadas, duas não utilizaram qualquer fonte.

Quando procuramos comparar os dois grupos analisados – as notícias sobre dor e as outras notícias – compreendemos que não se registam grandes diferenças. Se nas notícias de dor as 'fontes oficiais' estão presentes em segundo lugar, depois das próprias vítimas, nestas notícias são a categoria mais representada. Podemos ainda verificar que existe uma categoria 'nenhuma', que engloba duas notícias nas quais não foi citada qualquer fonte. Este aspeto difere das notícias relacionadas com a dor, em que todas as reportagens comportavam, pelo menos, uma fonte.

Deste modo, é seguro afirmar que, e apesar da diferença de temas e fontes, existem semelhanças, na forma como as notícias são construídas.

Torna-se importante explicar que o objetivo patente no meu trabalho era desenvolver uma pequena ilustração, através de um pequeno número de artigos, sem qualquer pretensão estatística, da forma como as notícias sobre a dor são desenvolvidas. Procurei igualmente tecer uma comparação entre as notícias de dor e as relacionadas com outros temas. Foi possível verificar que não existe uma diferença substancial entre os dois grupos. Para além da distinção que verificada no uso da imagem, são mais as semelhanças do que as diferenças.

Durante o meu estágio apurei que os jornalistas que habitualmente escreviam sobre acidentes e outros acontecimentos trágicos eram os mesmos a trabalhar artigos relacionados com assuntos de política local, por exemplo. Eu própria (ver anexos 4 e 25) desenvolvi trabalhos relacionados com diversos temas. Desta forma, julgo ser possível justificar estes resultados pelo facto de existirem rotinas de trabalho inerentes e que são cumpridas independentemente do tema.

4.5. Reflexões sobre o processo de construção noticiosa

Antes de proceder às conclusões e respetivas reflexões, importa salientar que o objetivo da análise, até agora desenvolvida, é meramente ilustrativa. Para desenvolver uma análise quantitativa seriam necessários mais artigos, que resultariam numa maior amostra. Porém, mais importante do que dados estatísticos, o importante aqui é um estudo com perfil qualitativo.

Podemos perceber que, nas notícias de dor, não há uma grande diferença entre um grupo como protagonista principal ou uma vítima individual. Relativamente aos assuntos, o retrato de situação é o mais utilizado: situações pontuais de mau funcionamento de órgãos públicos, doenças... Como é referido ao longo do enquadramento teórico, a imagem tem um importante papel quando se trata da dor e sofrimento alheios. Confere realidade à situação e aproxima os leitores da própria estória. Sendo assim, e durante a análise, verifiquei que todas as notícias selecionadas comportavam uma fotografia. Grande ou pequena, da vítima ou do local, todas as peças eram ilustradas por uma imagem. Sendo que a categoria 'vítima' é a mais representada. Finalmente, a variável 'fontes' foi talvez a que mais me surpreendeu relativamente aos resultados. Podemos verificar que as mais solicitadas pelos jornalistas são as 'vítimas',

seguidas das 'fontes oficiais'. Esperava que, tratando-se da temática do sofrimento, as mais solicitadas fossem, de facto, as vítimas, mas que se seguissem 'família e amigos'. Penso que tal conclusão se deve o facto de, num acidente, por exemplo, que provoque uma morte, o jornalista tem a necessidade de procurar e relatar as causas do infortúnio. Por isso, dirige-se a fontes oficiais, como a Polícia, os Bombeiros ou médicos.

Numa outra dimensão da análise, de pendor mais qualitativo, conseguimos compreender que nas notícias sobre a dor é recorrente um elevado grau de adjetivações. É comum encontrar vários adjetivos ao longo destas notícias, o que assume uma maior preponderância quando comparamos com outras notícias de diferentes temas. Também conseguimos encontrar, nas notícias de dor, um maior espaço dedicado às fontes, que contribuem com mais informações do que quando estão presentes noutros artigos. É igualmente perceptível a utilização de figuras de estilo. Tratando-se de situações carregadas de sentimento, o recurso a figuras de estilo, muitas vezes acompanhadas por adjetivos, contribuem para a dramatização e para o envolvimento dos leitores neste tipo de notícias.

Para além disso, podemos ainda compreender que, em todas as notícias de dor, estão presentes fotografias, que contribuem para o exacerbamento de uma identidade dramática, própria das situações em que o sofrimento tem lugar. Deste modo, compreendemos que, apesar da aparente semelhança detetada no primeiro nível de análise, entre as notícias sobre situações de dor as peças informativas sobre outros temas, é possível identificar alguns traços distintos entre os dois grupos.

A questão do drama e a necessidade de envolver os leitores num assunto direccionado para os sentidos, são questões relevantes e que me foram apresentadas durante o estágio. Várias foram as ocasiões em que os meus textos foram alterados pela falta de adjetivos, figuras de estilo e outros elementos que "puxem a lágrima", tal como era frequentemente referido pelos editores. De facto, senti uma grande diferença sempre que apresentava um artigo sobre um acidente ou sobre um assunto que não envolvesse qualquer tragédia. A pressão para carregar este tipo de textos com componentes que contribuíssem para um perfil mais dramático era evidente e nem sempre fácil de executar.

Enquanto estudante de Jornalismo e Informação na Universidade do Minho, sempre escrevi em jornais académicos. Raras foram as vezes que tive de escrever sobre tragédias, acidentes ou mortes. Entrevistar pessoas que sofriam com a perda de um familiar ou amigo, ou

peessoas que foram postas na rua, por falta de dinheiro para pagar rendas, nunca foi algo que tivesse de fazer. Esses assuntos delicados, que recheiam as páginas do JN diariamente, foram para mim uma novidade. Só no final do estágio consegui encontrar um meio termo quando trabalhava esses assuntos. Via o trabalho dos meus colegas e não me achava capaz de apelar (tanto e tão exageradamente) aos sentimentos da forma que eles o faziam. Quando comecei a escrever para o jornal, a crítica que mais ouvia era a de que tinha de escrever com mais liberdade. Captar a atenção e, sobretudo, mexer com as emoções dos leitores. Esforcei-me e passei para a fase de escrever as notícias com demasiado sentimento e recurso a demasiados adjetivos e figuras de estilo. Só depois de acompanhar muitos jornalistas e de ler e escrever bastante é que consegui acertar no estilo do jornal. Embora cada profissional tenha a sua maneira de escrever, uns mais emotivos outros menos, regra geral os trabalhos sobre sofrimento recorriam frequentemente a adjetivos e descrições do local, da vítima e do ambiente envolvente.

Das notícias selecionadas, recordo especialmente três que me foram particularmente difíceis de executar. A primeira foi “Bombeiros de todo o país unidos na dor” (Anexo 5), que descrevia o funeral de um bombeiro, morto num acidente de viação. Fui sozinha, um mês depois do meu estágio ter iniciado. Não tinha bem a certeza se estava preparada para aquilo. Passei quatro horas num funeral, a ouvir choros e sirenes de carros de bombeiros. Não sabia se devia perguntar alguma coisa a alguém e muito menos sabia o que perguntar. Confesso que me senti um tanto culpada por estar de bloco e caneta em punho, no meio daquele cenário desolador. Limitei-me a registar as horas que a cerimónia demorou e as corporações de bombeiros presentes. Escondi os utensílios de jornalista aprendiz e ouvi, solenemente, a homilia. Quando cheguei à redação estava exausta, física e psicologicamente. Sentia que todas as minhas forças de uma semana tinham sido sugadas naquela tarde. Mas, pior do que isso, foi escrever acerca de algo sobre o qual não havia muito a dizer. Não sabia sequer o que mencionar e a pirâmide invertida, naquele dia, pareceu-me um hexágono desproporcional. De todas as reportagens e notícias que escrevi ao longo dos três meses, penso que esta foi a que mais alterações sofreu. Segundo o editor, estava pouco apelativa e fria, até. Foram, então, feitas transformações a esse nível. Mais adjetivos, mais citações e mais descrições, sempre apelando às emoções do leitor. Este foi, sem dúvida, o trabalho mais custoso que tive de executar.

“Casa do Pai Natal em Baguim de luto” (Anexo 11) foi outra reportagem que me foi especialmente difícil de escrever. O objetivo da notícia era explicar que, devido à morte, com cancro, da proprietária, a conhecida Casa do Pai Natal, naquele ano, não exibiria as habituais luzes e animações natalícias. Antes de sair vi reportagens televisivas sobre a famosa casa. Saí da redação com as diretrizes da editora, que me ‘sugeriu’ que falasse com a família e vizinhos. Quando cheguei ao local o cenário era, de facto, diferente daquele que tinha visto em fotos e vídeo. Conversei com comerciantes e vizinhos que me falaram da alegria que era a época natalícia naquela pequena rua de Baguim do Monte, que me explicaram o quão difícil estava a ser para a família aquela perda e que, inclusive, iam passar o Natal fora de Portugal, para amenizar a dor.

Depois dos vários testemunhos, a minha vontade de tocar naquela campainha não era nenhuma. No entanto, tinha presente a insistência do corpo editorial. Naquele momento, estava com o maior dilema de vida nas mãos. Acabei por optar vir embora sem falar com os familiares. O respeito pelo sofrimento alheio falou mais alto do que ter algumas lágrimas a adornar o meu trabalho de estagiária.

Apesar de não se ter verificado grandes alterações no produto final, foi perceptível uma certa ‘desilusão’ por parte dos editores quando, ao lerem o artigo, foram confrontados com a falta de declarações de fontes mais próximas da vítima (família e amigos). No entanto, com as informações que consegui recolher (de vizinhos e comerciantes da zona), e apesar da falta de fontes próximas, o artigo manteve a sua base inicial.

Finalmente, outro dos trabalhos que recorro com especial clareza foi “Colisão mortal na Boavista” (Anexo 9), que escrevi juntamente com a minha colega de seção, a jornalista Dora Mota. Um jovem padeiro, pai e marido, tinha perdido a vida naquela manhã, quando saía para mais um dia de trabalho. A sua carrinha havia sido abalroada por um outro veículo, causando a morte instantânea do jovem. Saímos da redação diretas à rua onde habitavam os pais da vítima. Tocámos a várias campainhas, falando com diversos amigos e perguntando aqui e ali onde era a casa. Estava relativamente confortável com a situação até batermos à porta da família do rapaz, de onde nos saiu uma tia transtornada e se ouve choros e soluços. A Dora Mota tomou a posição da frente e encarregou-se das perguntas enquanto eu registava, timidamente, algumas palavras. “Tens de dizer que sentes muito pela perda e perguntar se não se importam de falar um bocadinho para o Jornal de Notícias. Só aí é que comesças a fazer as perguntas... Que idade

tinha, se já tinha família e que tipo de pessoa ele era...”, disse-me a minha colega, quando saímos em direção à funerária para pedir uma fotografia. Depois, fomos ao local do acidente e, aí, tomei eu a posição de liderança, procurando testemunhas do acidente, entrando em todos os restaurantes, cafés e lojas da zona, até ter aquilo que queria. A redação da notícia não foi difícil, uma vez que tinha as linhas orientadoras da Dora Mota, que me guiou e corrigiu naquele trabalho, retirando, até, alguns adjetivos e excesso de emoção.

Relativamente a estes trabalhos, aprendi muito e aquilo que para mim era novidade passou a ser parte do quotidiano. Acidentes, mortes e tragédias eram algo com que lidava, direta ou indiretamente, no JN. Percebi que, naquele órgão, a barreira entre a exploração da dor e o sensacionalismo era ténue. Concluí que é difícil respeitar a dor e o luto das pessoas e, ao mesmo tempo, conseguir um trabalho que emocione o leitor. Aprendi que a melhor forma de ser o mais objetivo possível, na execução deste tipo de trabalhos, é deixar as fontes falarem: dizerem aquilo que o jornalista gostava de escrever e que o leitor gostava de ver escrito.

5. Considerações finais

Diariamente, os *media* são obrigados a lidar com emoções. Reportagens sobre mortes e situações críticas invadem as páginas dos jornais todos os dias. Relatar emoções, histórias complexas que comprometem a integridade física e psicológica dos sujeitos é um desafio para os jornalistas. A dicotomia emoção/qualidade da notícia é uma realidade, debatida desde os primórdios do jornalismo, que subsiste até aos nossos dias. A necessidade de conservar a objetividade, como parte da ética jornalística, é algo que os repórteres têm e terão de enfrentar ao longo dos próximos tempos.

Conseguir compreender como abordar as fontes ou as próprias vítimas em situações delicadas foi algo que tive de aprender, enquanto jornalista estagiária, no Jornal de Notícias. Como lidar com a dor e como transmitir a tragédia ao público, não invadindo o espaço de quem sofre, nem desrespeitando certos rituais de luto.

Através do enquadramento teórico e da análise dos textos que produzi durante o estágio, percebe-se que a imagem tem um forte papel, revelando-se uma importante ferramenta quando se trata de noticiar assuntos relacionados com o sofrimento.

Ainda, ao analisar alguns casos específicos de cobertura noticiosa de tragédias, foi possível compreender a dimensão e as mutações que o jornalismo sofre. A objetividade, principalmente, parece deixada para segundo plano, enquanto as emoções tomam o seu lugar, apelando aos sentimentos do público. Sendo inexequível medir a emoção de uma forma quantitativa, é possível confirmar o elevado grau de adjetivação e de alguma subjetividade por parte dos jornalistas nas notícias de dor. Nas outras notícias, as fontes, apesar de estarem presentes, não encontram o mesmo espaço que lhes é providenciado nos artigos que retratam situações mais trágicas. Eu própria, tal como já foi anteriormente explicado, senti diferença nas orientações que me foram dadas quando ia cobrir situações mais trágicas ou outro tipo de questões.

No entanto, a dicotomia sensacionalismo/notícias de qualidade continua a ser um motivo de discussão no seio da comunidade jornalística e académica, não se chegando a um consenso. Quais os limites? Como reportar uma tragédia? Estas perguntas encontram diferentes respostas, dependendo do órgão de comunicação social, dos jornalistas e do próprio público-alvo. O público não é uma massa homogênea, que interpreta e tem a mesma sensibilidade

uniforme para todos os assuntos; para cada sociedade ou estrato social, a interpretação é diferente.

Não obstante, o jornalismo de proximidade tem um importante papel no que se refere a este tema. Quanto mais próximo o jornalista está do público, mais difícil se torna um distanciamento objetivo. Sendo, inclusive, dotado de certa perversidade: se, por um lado, se encontra próximo do público e dos seus problemas reais, por outro também está perto das entidades políticas/económicas locais.

Não ignorando a crise dos órgãos de comunicação portugueses, considero, ainda, importante não esquecer a variável das forças de mercado. Não raras as vezes, a ética e a vontade do jornalistas têm de se submeter às regras da economia.

Finalmente, confessando a minha profunda admiração pelo jornalismo e, em especial, pelo Jornal de Notícias, compreendi que o interesse público, muitas vezes, tem de ser cruzar com o interesse do público. Se o mercado muda, o jornalismo tem de mudar assim como os jornalistas, que são obrigados a acompanhar esse processo.

Bibliografia

Aguiar, M. (2008) *Jornalismo Online: Evolução e Desafios*. Tese de Mestrado, Universidade do Minho, Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade.

Boltanski, L. (1999) *Distant Suffering: Morality, Media and Politics*, Cambridge: University Press.

Camponez, J. (2002) *Jornalismo de proximidade: rituais de comunicação na imprensa regional*. Coimbra: Minerva.

Dayan, D. & Katz, E., (2005) As construções do luto após a morte de Diana. *Revista Caleidoscópio*, no 5: 2004/2005, 65-68.

Duarte, F. (2005) *Informação de Proximidade: Jornais e Rádios*. Lisboa: Âncora Editora.

Hojjer, B. (2004) The discourse of global compassion: the audience and media reporting of human suffering. *Media, Culture & Society*, vol. 26 (4), 513-531.

Lopes, F., Ruão, T., Marinho, S., Araújo, R. (2012) A saúde em notícia entre 2008 e 2010: retratos do que a imprensa portuguesa mostrou. *Comunicação e Sociedade*, Número Especial, 129-170.

Marinho, S. (2007) 'A queda da ponte de Entre-os-Rios: Exibição em directo da dor e do luto' in Pinto, M. & Sousa, H. (org.) (2007) *Casos em que o jornalismo foi notícia*, Porto: Campo das Letras, Editores, S.A, pp. 163- 184.

Meneses, J. P. (2003). *Tudo o que se passa na TSF*. Porto: Edição Jornal de Notícias.

McQuail, D. (2013) *Journalism and Society*. London: Sage.

Oliveira, M. (2006, 20 e 21 de Outubro de 2005) Olhando a morte dos outros. Paper apresentado na 4º Sopcom: Repensar os Media: Novos Contextos da Comunicação e da Informação, Universidade de Aveiro.

Pantti, M. (2010) The value of emotion: An examination of television journalists' notions on emotionality, *European Journal of Communication*, 25 (2), 168-181.

Pantti, M & Sumiala, J. (2009)- Till death do us join: media, mourning rituals and the sacred centre of the society, *Media, Culture & Society* , 31 (1), 119-135.

Peruzzo, C. (2005) Mídia regional e local: aspectos conceituais e tendências. *Comunicação & Sociedade*, no 43, 67-84.

Quadros, C. (2005) Jornalismo Público, Rádio e Internet: Uma combinação possível?, *Comunicação e Espaço Público*, 5 (1), 42-54.

Ribeiro, S. (2012) *A implicação da política editorial no tratamento noticioso – O caso do Jornal de Notícias*. Tese de Mestrado, Universidade do Minho, Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade.

Sontag, S. (2003) *Olhando o sofrimento dos outros*. Lisboa: Gótica.

Torres, E.C. (2007) '11 de Setembro: As quatro fases do evento mediático' in Pinto, M. & Sousa, H. (org.) (2007) *Casos em que o jornalismo foi notícia*, Porto: Campo das Letras, Editores, S.A, pp. 17-46.

Torres, E.C. (2006) *A Tragédia Televisiva: um género dramático da informação audiovisual*, Lisboa: ICS.

Uribe,R., & Gunter, B. (2004) Research Note: The Tabloidization of British Tabloids. *European Journal of Communication*, 19 (3): 387-402.

Outras referências

[http://www.infopedia.pt/\\$jornal-de-noticias](http://www.infopedia.pt/$jornal-de-noticias) (consultado em 20/01/2013)

<http://www.jn.pt/info/fichatecnica.aspx> (consultado em 20/01/2013)

<http://www.apct.pt/index.php> (consultado em 1/02/2013)

http://www.obercom.pt/client/?newsId=12&fileName=imprensa_11_12.pdf (consultado em 14/02/2013)

<http://www.controlinveste.pt/Pt/Media/Jornais.aspx?item=Jornal%20de%20Not%EDcias> (consultado em 21/02/ 2013)

<http://obciber.wordpress.com/estatisticas/> (consultado em 3/03/2013)

<http://cimjn.newspaperdirect.com/epaper/viewer.aspx> (consultado em 20/07/2013)

Vilaça, R. (2012, 23/10). “Acidente mata bombeiro”, *Jornal de Notícias*

Vilaça, R. (2012, 8/12). ““Agradeço a Deus não ter morrido naquela hora””, *Jornal de Notícias*

Vilaça, R. (2012, 18/10). “Aparelho ajuda idosos de Paranhos a pedir assistência”, *Jornal de Notícias*

Vilaça, R. (2012, 23/12). “Até os casacos de vison vende para ultrapassar a crise”, *Jornal de Notícias*

Vilaça, R. (2012, 25/10). “Bombeiros de todo o país unidos na dor”, *Jornal de Notícias*

Vilaça, R. (2012, 14/12). “Casa do Pai Natal em Baguim de luto”, *Jornal de Notícias*

Vilaça, R. (2012, 28/9). “Chá da Liga dos Amigos do Maria Pia com 400 pessoas”, *Jornal de Notícias*

Vilaça, R. (2012, 1/12). “Colisão mortal na Boavista”, *Jornal de Notícias*

Vilaça, R. (2012, 18/12). “Crianças de escolas de música levam Natal ao IPO do Porto”, *Jornal de Notícias*

Vilaça, R. (2012, 24/12). “Crianças do São João passam Natal mais feliz”, *Jornal de Notícias*

Vilaça, R. (2012, 29/12). “Crianças em risco com extinção do autocarro 10”, *Jornal de Notícias*

Vilaça, R. (2012, 8/10). “Dormir na rua para poder ir ao médico”, *Jornal de Notícias*

Vilaça, R. (2012, 15/12). “Empresa deixa tampas barulhentas em dez ruas”, *Jornal de Notícias*

Vilaça, R. (2012, 19/12). “Estufa histórica vai ser reabilitada”, *Jornal de Notícias*

Vilaça, R. (2012, 28/12). “Lixeira amontoada na rua devido a avaria nos carros de recolha”, *Jornal de Notícias*

Vilaça, R. (2012, 13/12). “Marcha de pais natais junta 900”, *Jornal de Notícias*

Vilaça, R. (2012, 19/12). “Menezes satisfeito com apoio fora do PSD”, *Jornal de Notícias*

Vilaça, R. (2012, 9/11). “Passam a noite à porta do IMTT para ter senha”, *Jornal de Notícias*

Vilaça, R. (2012, 30/11). “Posta na rua sozinha e sem dinheiro”, *Jornal de Notícias*

Vilaça, R. (2012, 20/11). “Prémios EDP beneficiam 155 mil pessoas”, *Jornal de Notícias*

Vilaça, R. (2012, 5/10). “Táxis-piratas no aeroporto”, *Jornal de Notícias*

Vilaça, R. (2012, 9/11). “Tem de ser levado ao colo para entrar nas instalações”, *Jornal de Notícias*

Vilaça, R. (2012, 19/10). “Vandalismo diário desespera dono de café”, *Jornal de Notícias*

Vilaça, R. (2012, 20/12). “Zoo salva espécies ameaçadas com constituição de famílias”, *Jornal de Notícias*

Vilaça, R. (2012, 15/12). “1,2 milhões para ajudar associações desportivas”, *Jornal de Notícias*

Anexos

Anexo 1

//Porto



Câmara do Porto manda abater oito árvores

PORTO A Câmara do Porto começou ontem a abater oito choupos "de grande porte e idade avançada" na Avenida do Marechal Gomes da Costa, por estarem numa situação de "grande e irreversível fragilidade". As árvores, que eram monitorizadas pelo Departamento Municipal de Espaços Verdes e Higiene Pública, não serão substituídas para "o melhor desenvolvimento e alinhamento central de lâminas" existentes na avenida.

PORTO 07/30
NORTE/SUL 02/34

Maia Angariação ilegal de clientes é um velho problema, aumentado pelo incremento do turismo • **Motoristas** de outras paragens aliciam clientes e cobram-lhes em dobro

TAXIS-PIRATAS NO AEROPORTO

Pedro Clavo Simões
psimoes@tp.pt

Tão velho é o mal como a falta de soluções. No Aeroporto Francisco Sá Carneiro, taxistas sem direito de ali operar angariam e "experimentam" clientes, prejudicam os colegas legalizados e zombam da Polícia.

São 43 os táxis com licença para operar no Aeroporto Francisco Sá Carneiro. Escarpada nos automóveis, a localidade "Moreira - Aeroporto" não deixa dúvidas. Somam-se-lhes, semanalmente, dez outros carros de praça do concelho da Maia, cumprindo uma escala de refresco. E há os outros taxistas, que não podem ali estar, mas param nos parques de estacionamento e outros locais fora da portara, entrando no aeroporto para angariar clientes incautos.

"Apertam-nos lá dentro, nas chegadas, e perguntam se precisamos de um táxi e para onde vão. Se forem para perto, mandam-nos para aqui, se forem para longe..." - Mota Pereira, taxista no aeroporto há 32 anos, desfilia histórias tocambolucas, que se vão sabendo por clientes apanhados na matosca. Resumindo, se a corrida for longa, levam eles os clientes para os seus carros, táxis verdadeiros, mas de outras paragens (São do Porto, maioritariamente, mas até um de Santa Maria da Feira está entre os referenciados), que os levam ao destino e cobram em dobro. Se a corrida vale cem euros, chegam ao fim e pedem 200, por causa do re-



Negócio dos táxis do aeroporto perturbado por quem vem de fora da portara. Associação fala em falta de fiscalização

torno, que, na verdade, está incluído na conta que o taxista mostra.

Se, por acaso, o cliente pede recibo, pode ser que o usurpador faça como o motorista que entregou um papel dobrado à cliente. Esta só o abriu mais tarde e leu, no lugar da quantia, a tão portuense frase "anda-me acaçar".

"É um problema de falta de autoridade. Não há fiscalização, não há nada", diz Carlos Lima, vice-presidente da Federação Portuguesa do táxi, que tem dado algum apoio. Também António Rodrigues, que preside à Livre & Espontâneo - Associação de Profissionais de Táxi, criada há cerca de um ano pelos taxistas do aeroporto, nota que

POLÍCIA SABE QUEM SÃO

► "Os infratores em causa, quando são interessados por elementos policiais, têm vindo a assumir uma atitude provocadora e de afronta", lê-se numa informação prestada pela esquadra de trânsito da PSP no aeroporto, em que cinco dos perseguidores reincidentes são claramente identificados. Nesse documento, em que se dá conta de que já ali têm sido feitas denúncias, não apenas pelos taxistas locais, mas também por clientes a quem foi cobrado dinheiro em excesso por serviços com partida do aeroporto. A

Polícia conhece bem o modo operacional dos angariadores ilegais ("escondem-se por trás dos pilares, dos elevadores, dos gabinetes das rent-a-car e outros, de onde controlam a atividade dos agentes policiais, selecionando as suas 'vítimas' clientes, a quem oferecem os serviços, alegando os maiores dispendios possíveis"). Porém, a informação, deixando claro que a Polícia continuará a agir, faz notar que as crimes terão de ser aplicadas "em tempo oportuno", para acabar com o sentimento de impunidade.

"A Polícia trabalha, mas ninguém dá seguimento aos autos".

Quase, as multas ficam esquecidas, ficando por perceber se a competência é da Câmara da Maia, dos municípios de origem dos angariadores ilegais ou do Instituto da Mobilidade e dos Transportes Terrestres. Cenas de pagilans, carros pessoais de polícia vandalizados ou insultos e ameaças improdutivas são marcas da infiltração desta pirataria, mais acentuada com o grande crescimento de movimento do aeroporto ("um perigo que atrai muita gente", diz Carlos Lima), mas também visível em estações ferroviárias ou terminais rodoviários. ■



"Movimento e impunidade na aplicação das coimas trazem mais gente desta ao aeroporto"

António Rodrigues
Ass. táxis aeroporto

FORMENORES

A espera do provedor
Criada para dar formação aos taxistas do aeroporto (ensino de inglês, por exemplo), a Livre & Espontâneo - Associação de Profissionais de Táxi tem alertado para o problema todas as entidades imagináveis. A ação do provedor de Justiça é, hoje, a principal esperança destas pessoas.

Voos de emigração
Os angariadores legas têm preferência especial pelos voos originários de locais de emigração. Por exemplo, idosos que tenham ido ao estrangeiro visitar as suas famílias são alvos muito apetecidos.

/Norte-Sul

65

MIL PESSOAS VIVEM EM FELGUEIRAS

Das quais 30 mil não possuem médico de família. Situação que tão cedo não deverá inverter-se, a julgar pelo défice de médicos a trabalhar no centro de saúde.



Todas as noites o cenário é este: utentes ficam ao relento para ganhar vida.



FLASH

"Situação que se vive é gritante e preocupante"

Inácio Ribeiro, Presidente da Câmara de Felgueiras

Felgueiras Centro de saúde só tem um clínico permanente ● **Utentes** ficam 18 horas na fila ● **Hoje** há manifestação

DORMIR NA RUA PARA PODER IR AO MÉDICO

ali passam a noite, ao relento, até à abertura, no dia seguinte, às 8 horas (o que perfaz 18 horas). Matras, almofadas, cadeiras de praia e até estofados. Quem ali pernoita vai preparado. De acordo com a população, apenas um médico está em permanência, podendo atender um máximo de 20 doentes por dia. Outros dois clínicos irão dia sim, dia não.

Emília Leite tem 68 anos e está à porta do centro de saúde desde as 17,30 horas. O marido foi embora e ela acabou-se no seu banco portátil, onde passou a noite. Emília é uma entre os cerca de 15 mil utentes que não têm médico de família (de um total de uma população de 65 mil pessoas). A situação agravou-se há anos mas, no último, tem-se agravado.

Novo concurso em março?

"Quem não morre no hospital vem morrer aqui à porta", queixa-se José Pereira. A sua vez está guardada desde as 20 horas. Conta já com dois enfartes no histórico clínico. "No dia que sai de internamento do hospital de Guimarães, vim para aqui, para conseguir ajuda médica... Agora estou aqui de novo".

Quando o relógio marca a meia-noite, as luzes apagam-se e os utentes ficam a coçar as horas pela madrugada. Alguns recolhem-se nos carros, outros acomodam-se no chão. Quem chega depois das duas da manhã arrisca-se a ir embora sem ser.

A população exige uma mudança radical. O porteiro, que distribui cerca de 20 senhas, para evitar confusões, alerta que cada utente apenas tem direito a duas. Júlio Azeites, coordenador do Conselho de Utentes do Centro de Saúde de Felgueiras, explica que a situação é "caótica". "Idosos, crianças e até mulheres grávidas passam as noites à porta, sem qualquer segurança nem higiene. Esta situação é a pior possível".

Contractada pelo JN, a Administração de Saúde do Norte (ARS Norte) diz não encontrar "lógica no cenário criado ao longo de mais de 12 anos". Corroborendo que "a compensação possível tem passado pela contratação de empresas de serviços externos". Então previram mais concursos para "os meses de março ou abril de 2013". ●

RAFAEL VENDE SENHAS COMO MODO DE VIDA

Passa as noites à porta do centro de saúde. "As pessoas pedem-me... vim a minha casa e pedem-me que eu tire uma senha", conta Rafael Ribeiro. O pagamento fica à vontade do comprador: "Aceito o que me derem. Há pessoas que até me dão coisas para casa". Sem receber ajuda da Segurança Social, tem clientes todos os dias. A minha esposa nem o salário mínimo recebe. Eu tenho de ganhar algum".

Atualmente, quantas pessoas estão sem médico de família em Felgueiras?

Felgueiras é um município com cerca de 65 mil habitantes, apenas 30 mil têm médico de família. Esta situação é gritante e preocupante. É um problema crónico. E não é justo que Felgueiras, sendo um município que contribui tanto para o país - somos o maior produtor de caiação e kiwis e os segundos na produção de vinho verde - esteja nesta situação.

Como é que se chegou a este extremo?

Há cerca de dois ou três anos, isto tem-se agravado. Cinco médicos ficaram aposentados, médicos esses que por vezes vêm aqui trabalhar, genericamente. A ARS contratou alguns médicos a 280 horas por mês e esse contrato foi rescindido.

Que esforços é que a Câmara tem feitos?

A Câmara tem sido incooperativa. Mas a responsabilidade é total e integralmente da ARS. Reunimos com a Secretária de Estado da Saúde e o que nos dizem é que brevemente serão abertos concursos para empresas de contratação de médicos. Mas eu já não me comovo com o brevemente.

"Problema é crónico. Não é justo que Felgueiras esteja nesta situação"

Rita Vilaça
lrcasil@tp.pt

Mais de metade da população de Felgueiras não tem médico de família. Uns passam a noite à porta do centro de saúde, outros preferem "comprar" senhas. Hoje, às 10 horas, os utentes vão manifestar-se.

S às 22 horas e, à porta do centro de saúde da cidade, já se encontram, exatamente, 15 pessoas. Vão chegando a partir das 14 horas e

"Isto é uma vergonha! Preciso de exames e já é a terceira noite que venho".
— Rita Vilaça, Uteuta

"Sou o número 17. Já é a segunda noite que aqui estou. Cheguel às 21 h".
— Manuel Lopes, Uteuta

Vandalismo diário desespera dono de café

MAIA Grupo de jovens parte vidros e insulta clientes à porta do Kanimambo. Dono já foi agredido

Rita Vilaça
locais@jn.pt

VIDROS PARTIDOS, paredes riscadas e agressões – é este o menu diário do café Kanimambo, em Águas Santas, na Maia. José Quintas Moreira é o proprietário do estabelecimento que, todos os dias, sofre com o vandalismo de um grupo de rapazes na casa dos 20 anos.

É com um olhar triste que José Moreira, de 46 anos, descreve a situação que tem vindo a agravar-se há dois meses: "Todos os dias os rapazes ficam aqui à porta do café a causar descatos: fazem barulho, insultam as pessoas e, se for preciso, até lhes batem".

Ontem, quando chegou ao estabelecimento, tinha os vidros partidos: "Além de me partirem os vidros, urinam



Proprietário e moradores não se sentem seguros

contra a parede e mostram os genitais", explica. Com esta situação, o proprietário vê-se obrigado a fechar o estabelecimento mais cedo: "Tenho de encerrar o café antes da hora, quando os vejo a che-

GRUPO DE RAPA-
ZES JUNTA-SE,
TODAS AS
NOITES ATÉ ÀS 5
DA MANHÃ, A
PORTA DO CAFÉ

gar", lamenta. José conta que já foi agredido, violentamente, por tentar impedir o grupo de causar distúrbios: "Bateram-me e tive de ir para o hospital. Se não fosse um cliente ajudar-me, matavam-me".

Na origem dos descatos mais recentes estará uma rusga da PSP feita há uma semana: "A polícia esteve aqui e levou alguns membros do grupo e eles pensam que fui eu que denunciei", explica.

Com 75 anos, Maria das Do-

"Tenho este café há 18 anos e nunca vi tal coisa. Põem-se aqui à porta a fazer cenas obscenas e a mostrar os genitais."

José Moreira
Proprietário

res não se sente segura em casa: "Vivo aqui por cima do café há 15 anos e sempre houve alguns problemas. Mas agora está pior". Maria fala em "falta de educação" e "vandalismo". "Outro dia foram chamados à atenção porque estavam a fazer barulho e, como resposta, arrancaram as campainhas do prédio..."

Antes de sair do café, José chega a ter de pedir proteção até casa. A polícia já esteve no local várias vezes, mas a situação mantém-se. ●

//Porto 5

BOMBEIROS já morreram em serviço desde o início deste ano em acidentes e combate a fogos.

Comandante da Aguda confirma haver derrame de gasóleo na zona do acidente

Olimpio Pereira, comandante dos Bombeiros da Aguda, confirma que no local do acidente (A29, km 45, sentido sul-norte) havia combustível derramado na pista. "Era gasóleo! A mancha ainda é visível na estrada. Na nossa opinião, foi isso que provocou o acidente", disse Olimpio Pereira. O comandante revela que "é frequente haver ali derrames dos camiões que vêm com depósito cheio" e que "devido à inclinação da estrada", deixam verter combustível. "É uma situação que urge resolver", diz.



Gaia Despiste de ambulância na A29 fere gravemente outro bombeiro da Aguda e doente que transportava • **Derrame de gasóleo no piso**

VÍTIMA
Fernando Manuel Oliveira Reis / 49 anos / Serzedo, Gaia

ACIDENTE MATA BOMBEIRO

José Miguel Gaspar
jgsp@jnp.pt

Gasóleo no piso: é a causa provável para o acidente de ambulância que ontem, na A29, em Gaia, matou um bombeiro de 49 anos e feriu gravemente outro e a doente que transportavam. A GNR vai investigar.

O que está escuro e silencioso, o ar é grave, os bombeiros passam de cabeças curvadas, cara fechada, há muitos olhos marejados. Estão de luto os Bombeiros Voluntários da Aguda: ontem, o seu mais novo comandante, promovido este ano, Fernando Manuel Oliveira Reis, 49 anos, morreu dentro da ambulância que conduzia no socorro a uma doente.



O sinistro, que envolveu despiste, piões e choque violento da ambulância contra pilões e divisórias de cimento da autoestrada A29, deu-se às 10 horas, km 45 (sentido sul-norte), em Arcozelo, Gaia. Além do comandante morto, os outros dois ocupantes da viatura ficaram feridos com gravidade: o bombeiro Diogo Mitos, 21 anos (bacia partida, fratura exposta numa perna, contusão torácica); e a doente

que transportavam para o hospital, Amélia Vieira, 46 anos, de Arcozelo (Jesões na coluna, ombro partido, contusão pulmonar e renal). Nenhum corre perigo de vida.

"O acidente foi brutal, parecia uma bomba!", diz Paula Marques, que mora alguns metros abaixo da zona do embate e viu a carrinha Mercedes aos piões até desfazer duas divisórias de cimento da A29. "Os tijolos [projetados] amas-

"O estrondo foi como uma bomba quando a ambulância bateu no muro. Levei com tijolos em casa e no carro"

— Paula Marques Moradora

saram-me o carro e tenho buracos na parede da casa. Que susto", diz ela.

Com boa visibilidade na zona, sem inclinações acentuadas ou curvas perigosas, o acidente é difícil de explicar, concorda o comandante dos Bombeiros da Aguda, Olimpio Pereira, que adianta uma razão: "Havia gasóleo na estrada! Foi por isso que ele desatou de repente aos piões" (ler em cima). Mas outro motivo é

apontado: do lado oposto da A29 havia outro acidente e o condutor pode ter-se distraído. "Eu descarto essa hipótese. Pelo que conheço do Manuel, ele nunca se distraía", diz Olimpio. O corpo de Manuel Reis, que deixa mulher e uma filha de 22 anos, também bombeira - as duas estão a receber apoio psicológico - está em câmara ardente no quartel. O funeral será amanhã.

COM RITA VILÇA

Printed and distributed by **Associação JNP**
www.jornaldenoticias.com Tel: 21 1 11 100 100 Email: info@jnp.pt

Bombeiros de todo o país unidos na dor

GAIA Centenas no funeral de Fernando Reis, dos Voluntários da Aguda, numa homenagem sentida

Rita Vilaça
locais@jn.pt

BOMBEIROS de vários pontos do país uniram-se na dor e, ao lado da família de Fernando Reis, despediram-se, ontem, do chefe dos Voluntários da Aguda (Gaia), que na passada segunda-feira morreu num acidente na A29. A consternação, marcada por muitas lágrimas, tomou conta das centenas de pessoas que acompanharam a cerimónia fúnebre, desde o quartel da Aguda até ao cemitério de Serzedo, onde Fernando Reis foi sepultado. "Que esta situação não represente um desalento, mas

sim um incentivo e um motivo de admiração perante todos aqueles que dão a vida pelo serviço aos outros", ouviram, na homilia proferida na igreja de Serzedo.

Palavras de esperança destinadas a todos os bombeiros, mas também à família de Fernando Reis. A mulher e a

filha, de 22 anos, também ela bombeira, eram o rosto do desespero que tomou conta da comunidade após o trágico acidente de segunda-feira.

Fernando Reis morreu ao volante da ambulância que conduzia, rumo ao Hospital de Gaia. O colega Diogo Matos, de 21 anos, continua internado nos Cuidados Intensivos do Hospital S. João, em estado grave. Também a doente que seguia na ambulância aquando do despiste sofreu ferimentos graves.

O chefe Fernando Reis foi o quinto bombeiro a morrer em serviço em 2012. Ontem, também o secretário de Estado da Administração Interna, Filipe Lobo d'Ávila, fez questão de estar em Vila Nova de Gaia para lhe prestar homenagem. Assim como elementos da GNR e da PSP. E bombeiros, muitos bombeiros. Todos unidos na dor da perda de mais um companheiro. ●



AUTARQUIA LEMBROU CHEFE REIS

A Câmara de Gaia aprovou um voto de pesar pela morte de Fernando Reis, na sua reunião de ontem.



Família, amigos e colegas não esconderam a emoção. Muitas lágrimas na despedida ao chefe Reis

FOTOS: JOÃO CARVALHO/AGÊNCIA LUSA

Porto Avaria nas máquinas e falta de pessoal afetam serviço ● **Senhas** esgotam antes das 9.30 horas e há quem as venda

PASSAM A NOITE A PORTA DO IMTT PARA TER SENHA

Rita Vilaça
locais@jn.pt

Falta de pessoal e filas intermináveis. Para conseguir uma senha de atendimento, os utentes chegam a passar a noite à porta do Instituto da Mobilidade e dos Transportes Terrestres (IMTT), no Porto.

A fila começa a formar-se antes das duas da manhã e, algumas vezes, chega às mil pessoas. Às 9.30

horas já não há senhas disponíveis. É este o quotidiano do IMTT, na zona industrial do Porto. As máquinas de senhas não funcionam há mais de um ano e a funcionária da caixa de pagamentos não está sempre disponível, o que obriga os utentes a voltarem mais tarde para saldar as dívidas. O facto de só ser dada uma senha por pessoa agrava a situação, dizem os utentes. Indignados, os pedidos passaram a exigências: "Eu já escrevi no livro de reclamações, e todos deviam fazer o mesmo", confessa Carlos

Vaz. "Vim de Esposende para pedir uma anulação de matrícula", afirma. Já tinham passado seis horas desde a chegada de Carlos, que ainda tinha 14 pessoas à sua frente. Falta de bancos, cheiros "nauseabundos" na sala de espera e poucas pessoas no atendimento são as queixas que o utente sublinha. "As coisas mais simples deviam ser feitas online", conclui. Fonte interna do IMTT do Porto afirmou ao JN que as câmaras de vigilância registam uma maior afluência por volta das 4 horas da manhã,



Longas são as esperas para quem tem de tratar um assunto no IMTT, no Porto

contando, na semana passada, 1035 pessoas aquando da abertura. Se em 2008 havia 96 funcionários, atualmente os utentes contam com metade, acrescentou a mesma fonte.

Mas há também quem consiga lucrar com a situação. Segundo alguns utentes, há quem venda senhas a quem esteja disposto a trocar algo de valor por largas horas de espera.

O responsável do IMTT do Porto remeteu esclarecimentos para a direção central, em Lisboa. Apesar das tentativas, o JN não conseguiu obter resposta deste serviço. ●

FOTOS: JOÃO CARVALHO/AGÊNCIA LUSA

Anexo 7

REPORTAGEM Rampa de acesso a deficientes está avariada e à espera de reparação há meses

Tem de ser levado ao colo para entrar nas instalações

António Novais é apenas o rosto que ilustra a situação de inúmeros deficientes que têm de se deslocar às instalações do IMTT. Quem usa cadeira de rodas não consegue entrar no edifício sem ajuda. A rampa elétrica existe, mas encontra-se in-

ativa há meses. "A minha tristeza é não conseguir entrar sozinho e ter de pedir aos seguranças que me carreguem", lamenta. O utente, que já fez duas reclamações - uma em setembro e outra em outubro - fala em "humilhação" e "falta de respeito" para com quem é incapacitado.

Como resposta às reclamações, a direção do IMTT informou que "o orçamento que visa a reparação da rampa" já foi enviado para os serviços centrais, no dia 21 de agosto, encontrando-se a entidade "a aguardar autorização para a sua breve reparação". Não satisfeito com a carta, o ape-



António Novais tem de pedir ajuda aos seguranças

lo de António, que veio em forma de protesto, pretende "ser um incentivo à luta em prol da defesa de toda a gente que se encontra na mesma situação".

No ano passado, um acidente de viação atirou António para uma cadeira de rodas. "Coisas simples, como a construção de uma rampa, são grandes ajudas para nós, que enfrentamos barreiras diariamente", confessa.

Em tratamento no Hospital da Prelada, António diz nunca ter visto a rampa em funcionamento. O utente revela que estas situações são "constrangedoras" e "difícil" ainda mais a adaptação". ●

Anexo 8

Posta na rua sozinha e sem dinheiro

MAIA

FUGIU DE Cascais aos 17 anos e veio para o Porto. Consigo, trouxe os maus tratos do pai, na mala apenas umas roupas velhas e nos braços uma filha de meses. Sandra Fernandes tem agora 33 anos e está desempregada há quatro. A renda da casa onde vive, em Águas Santas, Maia, deixou de ser paga em 2009 e a dívida já ultrapassa os seis mil euros. A ordem de despejo chegou há um mês, por parte do tribunal, e está marcada para amanhã.

Uma casa fria e despida é o que Sandra tem para mostrar. "Não tenho nada. Vendi todas as mobílias para ter dinheiro para comer. Se sobre-



LEONEL DE CASTRO / GLOBAL IMAGES

QUER FILHAS DE VOLTA

A procura por um emprego não é recente. Todos os dias, nos últimos quatro anos, Sandra sai de casa e vai de porta em porta, na esperança que alguém lhe estenda a mão. Cafés, lojas e até lares de terceira idade, Sandra já fez de tudo. Agora, diz, quer um emprego que lhe dê estabilidade: "Quero trabalhar, quero as minhas filhas de volta, sustentá-las."

vivo, devo-o à caridade de terceiros". Sandra já perdeu a conta às vezes que pediu ajuda à Segurança Social: "Cortaram-me o RSI e agora não tenho rendimentos". As duas filhas, menores, também lhe foram retiradas e vivem agora numa instituição. Sozinha e sem dinheiro, Sandra diz só querer um emprego: "Quero arranjar um trabalho para pagar a dívida da renda."

Contactado pelo JN, Vitor Reis, senhorio, diz não ter conhecimento da ordem de despejo. O processo, que já se arrasta em tribunal há dois anos, tem agora um ponto final: "Não quero que pague a dívida, quero que saia", diz. "Também tenho os meus compromissos, preciso de alugar a casa", conclui. **RITA VILAÇA**

Colisão mortal na Boavista

PORTO Hugo Francisco Teixeira, de 25 anos, natural de Gaia, deixa mulher e um filho de dois anos

Rita Vilaça e Dora Mota locais@jn.pt

Um JOVEM de 25 anos morreu ontem, de forma violenta, numa colisão frontal no cruzamento da Avenida da Boavista com a Rua de Santa Isabel, no Porto. Hugo Francisco Teixeira, natural de Santa Marinha, Vila Nova de Gaia, que conduzia a carrinha na qual fazia distribuição de pão, deixa mulher e um filho de dois anos.

A consternação tomou conta da Rua Mesquita, na zona de General Torres, também em Gaia, onde mora a mãe de Hugo Francisco, que em filho único e deixa órfão um menino de dois anos.

Os familiares uniram-se na dor e acorreram para confortar os pais de Hugo, que ficaram em estado de choque. De

acordo com uma tia, o jovem estaria a trabalhar como padreiro temporariamente.

O acidente aconteceu de manhã cedo, pelas 6.50 horas. No cruzamento, junto ao antigo Hospital de Maria Pia, há semáforos na Avenida da Boavista e na Rua de Santa Isabel. Segundo fonte da PSP/Porto, estariam a funcionar normalmente.

Não se sabe ainda qual das viaturas terá passado o sinal vermelho, mas o desfecho foi trágico: Hugo Francisco, que estava a distribuir pão, foi projetado para fora da carrinha pelo vidro lateral contra um poste. Não resistiu aos graves ferimentos e faleceu no local do acidente.

Na outra viatura, um jipe, seguia um bancário de 26 anos, residente no Porto, que

JOVEM DE 25 ANOS TERÁ SIDO PROJETADO POR UM DOS VIDROS LATERAIS DA CARRINHA



Cruzamento onde aconteceu o acidente ficou com marcas da operação de limpeza

sofreu ferimentos ligeiros e foi transportado ao hospital pelo INEM. A vítima mortal foi levada para o Instituto de Medicina Legal do Porto e o caso, segundo a PSP, seguirá para o Ministério Público.

Estrondo brutal

O estrondo da brutal colisão

ouviu-se a muitos metros dali, referiu um comerciante. Um dos que ouviram o barulho foi José Leitão, proprietário de um pão quente:

"Apercebi-me do estrondo mas, quando lá cheguei, o corpo já estava a ser removido". Segundo José Leitão, a carrinha da vítima mortal fi-

cou junto à parede de um dos prédios da Rua Santa Isabel. O jipe, explicou, imobilizou-se em cima de um passeio da Avenida da Boavista.

As operações de socorro obrigaram a condicionar o trânsito até cerca das 8 horas. Os Sapadores do Porto também acorreram ao local. ●

“Agradeço a Deus não ter morrido naquela hora”

PORTO Carro derruba muro e pedras quase atingem homem e duas crianças

Rita Vilaça locais@jn.pt

COMO TODOS os dias, às 9 da manhã, Mohammed Ghouse, comerciante de roupa indiano, ia levar os filhos do pai-ão à escola mas, ontem, o habitual percurso foi interrompido. O jovem de 27 anos e as crianças, dois meninos de nove e dez anos, não ganharam para o susto – quase foram atingidos por três blocos de betão e parte de uma grade, derrubados por um carro desgovernado. O automóvel era de um po-

licia e estava estacionado junto ao antigo edifício da PSP, na Rua das Portas do Sol, no Porto. Destravado, embateu no muro, fazendo com que os pedregulhos caíssem para a Rua de Saraiva de Carvalho (na zona da Batalha).

"Agradeço a Deus não ter morrido naquela hora, nem quero pensar se o carro tivesse sido cuidado", desabafou, ao JN, Mohammed Ghouse, que vive em Portugal há pouco mais de seis meses. "Mal cheguei e já me acontecem estas

TRÊS PEDRAS E VEDAÇÃO FORAM DERRUBADAS POR UM AUTOMÓVEL DESTRAVADO

coisas", contou o comerciante. Com um português ainda mal amanhado, Mohammed diz-se "abençoado por um milagre".

O percurso, outrora feito de forma despreocupada e quase mecânica, agora, confessa o comerciante, será feito mais cautelosamente.

"Evitou-se uma tragédia" Teresa Cardoso, que trabalha no posto de turismo perto do local do acidente, ouviu as crianças a gritar. "Vim ver logo o que se passava. Foi mesmo por um triz", recordou. Ainda mal feita do susto, Teresa não sabe se foi sorte ou milagre: "Quando sai do posto, estavam já as pedras no chão e o senhor ao lado delas, a sacudir o pé. Evitou-se uma tragédia." ●



As pedras do muro derrubado caíram para a Rua de Saraiva de Carvalho



"Felizmente ninguém se magoou. Acho que fui abençoado por um verdadeiro milagre".

Mohammed Ghouse Comerciante



Casa do Pai Natal em Baguim de luto

GONDOMAR Habitação era ícone natalício, mas proprietária morreu há um mês. Vai ser homenageada

Rita Vilaça
locais@jn.pt

A RUA António Correia de Oliveira, em Baguim do Monte, Gondomar, está mais escura nesta quadra natalícia. A casa no Pai Natal não vai ter a iluminação festiva que, nos últimos anos, encantou miúdos e graúdos. No dia 23, serão velas a iluminar a rua, prestando homenagem a Filomena Pereira, proprietária da casa "mágica", que faleceu há cerca de um mês.

"Há imensa gente a perguntar pela iluminação e, como gesto de gratidão, cada um dos admiradores do trabalho da D. Filomena irá colocar uma vela à porta da Casa do Pai Natal", explicou, ao JN, Nuno Coelho, presidente da Junta de Freguesia de Baguim.

Fazendo jus à tradição ame-



STEFANO MALINCHI/STEFANO MALINCHI



APRIL MUNDING/GETTY IMAGES

Casa do Pai Natal não vai ter as iluminações que, nos últimos anos, faziam as delícias de milhares de pessoas

ricana, Filomena e o marido, emigrantes nos Estado Unidos, enfeitavam a sua casa com diferentes adereços natalícios todos os anos.

"Havia sempre uma surpresa para os pequenos", recordou Manuel Mesquita, vizinho da família. "Era tanta gente que nós tínhamos dificuldade em entrar para a garagem. Mas era um espetáculo, disso não há dúvida", contou. Além das iluminações, a casa do Pai Natal recebia cartas de crianças, que tinham sempre resposta.

Natal nos EUA

Neste ano, o cenário é outro. Apagada e fria, a casa não é mais o ponto turístico da pequena rua. Nuno Coelho explicou que Camilo Pereira, agora viúvo, vai passar o Natal com o filho aos EUA. A falecida mulher, Filomena, será homenageada no dia 23. Iluminar a casa que deu alegria a tantos natais é o objetivo, que comoveu toda a família. Talvez para o ano, diz Nuno Coelho, a alegria volte àquela casa da Rua António Correia Oliveira. ●



Alunos da instituição Valentim de Carvalho deram o arranque ao programa

Crianças de escolas de música levam Natal ao IPO do Porto

Natal 2012

"Semana Musical" oferece vários tipos de concertos a meio da manhã na unidade hospitalar

Rita Vilaça
lvila@iia.pt

"É PRECISO que as pessoas percebam que o hospital não é nenhuma casa dos horrores". É assim que Laranja Pontes, presidente do Conselho de Administração do IPO, Porto, dá o primeiro acorde da "Semana Musical". Obedecendo ao espírito natalício, durante os próximos dias, o hospital vai ser invadido por canções de Natal, nas vozes de dezenas de miúdos, de quatro escolas de música. Doentes e funcionários juntaram-se para assistir aos pequenos concertos. Ora, a iniciativa contou com a esco-

la de música Valentim de Carvalho, do Porto. A iniciativa termina na sexta-feira. "Noite feliz", "A todos um bom Natal" ou ainda "Jingle bells" são as melodias que se podem ouvir, durante as próximas manhãs, nos corredores do IPO. Realizada pela primeira vez neste ano, a "Semana Musical" vem contrastar com o normal ambiente do hospital. Os mais de mil doentes, que frequentam diariamente o ambulatório, vão ser surpreendidos com a atuação de crianças e jovens que trazem o Natal nas suas vozes e instrumentos.

"Apesar de ter uma conotação negativa, o IPO pode ser um lugar com alguma alegria", afirma Laranja Pontes. Para 2013, diz o responsável, a música e a animação são para repetir. Proporcionando momentos de descontração às centenas que esperam uma consulta, estes pequenos concertos não serão, porém, alargados a áreas de internamento, onde estão doentes mais debilitados.

A começar a semana, esteve o coro infantil da Escola

OPINIÕES // PACIENTES SATISFEITOS



"Acho que esta iniciativa é muito boa. Num hospital, é importante haver um pouco de alegria, ajuda a passar melhor o tempo".
Maria Meireles
Mãe de uma paciente



"Estas crianças vêm dar mais vida, mais amor e acho que a quem aqui está. Este tipo de atividades faz nos muito bem".
Fernando Ribeiro
Paciente

30

crianças, por dia, vão animar as salas de espera do hospital

DIARIAMENTE, um grupo de crianças vai marcar a diferença no dia a dia do IPO. As Escolas de Santa Cecília, Costa Cabral, Valentim de Carvalho e o Conservatório de Música do Porto são os convidados para os concertos, que preenchem as manhãs. Além das vozes, os pequenos cantores trazem ainda clarinetes, guitarras portuguesas e sazes-fones.

Valentim de Carvalho, que voltará a estar presente na próxima quinta-feira.

Tiago Oliveira é o professor que acompanha os pequenos cantores. "É uma iniciativa muito bonita, que recebemos de braços abertos. Para o ano, se nos convidarem, cá estamos". Justando a vontade de cantar à vontade de ajudar, o porta-voz da turma diz "existir na música uma responsabilidade social".

A escola, habituada a colaborar com instituições de solidariedade, considera o convite um desafio. "É a primeira vez que estamos aqui, mas estamos a adorar, até porque a acústica é fantástica", refere ainda o professor.

Hoje, é a vez dos alunos da Escola Santa Cecília animarem a manhã desta unidade hospitalar. O grupo de sazes-fones da Escola Costa Cabral mostra, amanhã, todo o seu espírito natalício. E, por último, a fechar a semana, na sexta-feira, clarinetes e guitarras portuguesas, pelas mãos de alunos do Conservatório do Porto, vão terminar a "Semana Musical".

#DESEJO

O que gostava de ter no sapatinho?



Alfredo Bruto da Costa
Comissário de Justiça e Paz

Para este Natal peço uma profunda reflexão a todos os que têm algum poder sobre como podem atenuar o sofrimento daqueles que faltam de recursos mínimos. E peço, ainda, que todos os portugueses fortaleçam o seu espírito de solidariedade para com o próximo.

#SEJA SOLIDÁRIO

DONATIVOS PARA OS MAIS CARENCIADOS EM LISBOA

Termina a recolha de donativos para os mais necessitados, projeto solidário Caritas Metropolitana. Na Av. António de Aguiar (Autocarro da Linha do Alameda) e estação do Marquês, em Lisboa.



NATAL PERMANENTE DA LEIÇÃO DA BOA VONTADE

400 famílias do Porto recebem alimentos e brinquedos, no âmbito do "Natal Permanente da LBV - Solidariedade Sem Fronteiras". As 15.00, na Rua Comandante Roldão de Araújo, n.º 104, Porto.

#SUGESTÃO

FESTA DE NATAL SÊNIOR NA ROTA DOS MOVÊS

Câmara de Paredes organiza a habitual Festa de Natal dos Seniores, uma iniciativa direcionada aos idosos com idade igual ou superior a 60 anos e que junta perto de 2 mil pessoas das 24 freguesias do concelho.

Festa de Natal Sênior
Pavilhão Municipal Rota dos Movêes, Paredes
Data/hora: Hoje, às 15.00

Printed and distributed by Imprensa Nacional da Casa da Moeda

Até os casacos de vison vende para ultrapassar a crise

PORTO Flea Market é uma forma de sustento para quem perdeu emprego

Rita Vilaca
locais@jn.pt

CASACOS de vison, coletes de raposa e malas com mais de duas décadas. O lugar número 71 do 6.º piso do silo auto, no Porto, esteve recheado, ontem, de roupa antiga e usada que outrora ocupou estantes de várias lojas conceituadas. Velharias para uns, relíquias para outros, dezenas de vendedores encheram o parque de estacionamento com os mais diversos objetos, em mais uma edição do Flea Market Porto.

Não é por opção que Maria Isabel Costa vende as peças mais caras do seu armário. O desemprego a isso a obrigou. "Comecei por vender quase tudo o que tinha na Feira da Vandema, depois de ficar de desempregada." A falta de trabalho foi o impulsionador de Maria Isabel, que começou em diversos mercados, a vender as suas roupas e acessórios. Antiga vendedora de cosméticos e joias, agora o

ouro é substituído por bijuterias e os cremes por casacos de pele. Objetos usados, "mas de qualidade" é o que se pode encontrar na "Lojinha da Is", como é conhecida a banca nas feiras.

Vender o que está a mais Mas nem só de roupa e acessórios usados o Flea Market é feito. Discos em vinil de bandas que fizeram sucesso em décadas passadas, máquinas fotográficas, de escrever e até capacetes antigos de soldados - podia encontrar-se um pouco de tudo na feira de objetos em segunda mão.

E, para um este mercado de artigos, maioritariamente vintage, é um sustento, para outros é apenas uma forma de "ganhar uns trocos". "Eu e a minha irmã fizemos uma limpeza em casa dos nossos pais e avós e encontramos muitas coisas que iam para o lixo, mas que agora estão

"NAVETTE" E COBERTURA DO SILOAUTO PARA ENERGIA

O candidato do PS à Câmara do Porto, Manuel Pizarro, sugeriu ontem formas de tornar o siloauto mais do que o parque de estacionamento da Baixa e do mercado do Bolhão. Sugeriu a criação de uma "navette" (veículo de ligação) entre o parque e o mercado do Bolhão e a criação de uma central de compra, à semelhança do que acontece noutros mercados europeus. A central de compra trataria de levar as compras até ao siloauto, aliviando os clientes da carga.

O aproveitamento energético da cobertura do siloauto, através da instalação de painéis solares, foi outra ideia avançada por Manuel Pizarro. Segundo o candidato socialista, será possível gerar 700 mil KW/hora por ano, o que corresponde a energia suficiente para alimentar, em média, 200 habitações. **ORA VOTA**



Maria Isabel Costa vive da venda das suas roupas e acessórios em segunda mão

VENDEDORES // OBJETOS COM HISTÓRIA



"Já é a sexta vez que vim ao Flea Market e ao mesmo tempo reciclo alguns discos de vinil. Tenho desde Beatles até música angolana dos anos 60." Rita Matos, Vendedora



"Estou a tentar fazer algum dinheiro e ao mesmo tempo reciclo alguns discos de vinil. Tenho desde Beatles até música angolana dos anos 60." Paulo Couto, Vendedor



"Queremos despachar algumas roupas e sapatos que não usamos mais. Como estudantes, isto é uma boa maneira de ganharmos algum dinheiro." Sorala Almeida, Vendedora

agui", revelou Rita Matos. "É uma forma de vender coisas engraçadas e fazer algum dinheiro", confessa. Também quem visita o Flea Market, grande parte da vez, não procura nada em específico. Coisas que não se

encontram nos habituais centros comerciais, peças de roupa únicas ou mesmo livros escolares de 1973, o mercado é uma oportunidade para reviver o passado.

"Sempre que viço procuro este tipo de feiras. Hoje, procuro, essencialmente, coisas vintage", afirmou Marta Quintão que visitou, ontem, o Flea Market, acompanhada pela família. "Este tipo de iniciativas é bom para quem compra e para quem vende", concluiu. ●

18 // PORTO

LIGA E GANHA

GANHE LIVROS
a esfera e dor livros

JOÃO PAULO II SANTO
LIGUE 760 301 312
A cada 15 chamadas oferecemos um livro. Temos 30!

Jesus de Nazaré
LIGUE 760 301 313
A cada 15 chamadas oferecemos um livro. Temos 30!

MAIS PASSATEMPOS EM: www.ligaeganha.pt



Voluntários animaram a manhã da Pediatria do hospital

Crianças do São João passam Natal mais feliz

PORTO Associação Cor é Vida levou prendas à Pediatria da unidade hospitalar

Rita Vilaca
locais@jn.pt

"JÁ É um pouco feliz hoje", e esta é a máxima da investidora Cor é Vida que, entre outros, fez o Natal de dezenas de crianças, internadas no Hospital São João, mais acolhedor. Piçamas, livros e jogos foram alguns dos presentes distribuídos, ontem, no Espaço Joãozinho. A colação aconteceu desde 2003, a associação visita a sala pediátrica do hospital todos os domingos, proporcionando uma ma-



"Temos prendas, música e muita alegria para oferecer às crianças que estão aqui a sofrer. Queremos vê-las sorrir."

Manuela Pinheiro
Presidente da Cor é Vida

nha diferente e pais e filhos. "Desejamos mais recidivantes", é assim que Manuela Pinheiro, presidente da Cor é Vida, adverte o seu trabalho. Desempregada há um ano, a associação social dedica-se, agora, intensamente à instituição.

Intervendo cerca de 60 voluntários, a Cor é Vida tem também serviço ao doente, onde é prestado apoio a crianças e jovens em tratamento oncológico.

Música, prendas e palhaçadas preencheram a manhã de ontem. "Se repararem, os presentes são personalizados, cada criança tem aquilo que se identifica mais com ela", explica a responsável.

A COR É VIDA LEVA A SORTE ÀS CRIANÇAS DOENTES, TODOS OS DOMINGOS, DESDE 2003

Diogo Soares é apenas um dos muitos adolescentes internados. Com apenas 15 anos, tem dois tumores. Explica a mãe, Cristina Moura, que estas visitas são "uma ajuda nos tratamentos." "O Diogo não sempre está como disposição mas, mesmo quando não quer, é obrigado a ir", conta.

Especialmente durante a quadra natalícia, pais e filhos precisam de alegria e esperança, diz a JN, Manuela Pinheiro. Com o objetivo de minimizar o sofrimento de quem está doente, a presidente faz ainda de uma tentativa de "humanizar os hospitais."

Agora, com um protocolo assinado com o Hospital S. João, a Cor é Vida cria laços afetivos com as crianças, que penduram mesmo depois do fim dos internamentos. ●

"Fervilhar" da cidade anima comerciantes

PORTO

O PRESIDENTE da Associação dos Comerciantes do Porto, Nuno Camilo, afirmou, ao JN, que este é um dos melhores Natais dos últimos anos, no que concerne à afluência de pessoas às lojas de rua da cidade. O empresário está convencido que ao fim do ano não será estranha a aposta na iluminação festi-

va, que deu mais alegria às ruas da Bracara.

"Vimos a cidade fervilhar como não se via há muitos anos. A iluminação determinamos para cativar as pessoas e para incentivar os comerciantes", sublinhou Nuno Camilo. O dirigente salvaguarda que a maior afluência não corresponde um aumento exponencial de vendas, sendo, em contra, até, a atual falta de poder de compra.



Nuno Camilo sublinha que uma cidade sem iluminação não é convidativo nem para os clientes nem para os próprios comerciantes

"Mas há sempre pessoas que vêm à cidade passear e depois acabam por comprar alguma coisa", refere.

Nuno Camilo destaca o esforço efetuado este ano para iluminar mais ruas. Se em 2013 apenas cinco ruas ficaram decoradas na época natalícia, neste ano foram mais de 25, fruto do protocolo firmado entre a Associação de Comerciantes e a Câmara do Porto. O investimento em iluminação ligou inclui a árvore de 25 metros instalada na Avenida dos Aliados) ascendeu a 29500 euros, contabilizado o presidente da Associação de Comerciantes do Porto, N. S.

Lixeira amontoada na rua devido a avaria nos carros de recolha

GONDOMAR Desde domingo que não é feito o serviço em algumas freguesias

Rita Vilaça
lvaca@jn.pt

OCENÁRIO repetir-se por diversas ruas de Gondomar: embaldes vazios, sacos de lixo e restos de comida espalhados pelo chão. Os moradores queixam-se do cheiro e da "vergonha" que é ter contentores a abarrotar de resíduos, que não são recolhidos desde domingo. Depois do Natal, dizem moradores e comerciantes, a situação agravou-se. Abundam os papéis de embrulho e as caixas de presentes. A Câmara de Gondomar justifica a situação: tem muitos carros de recolha de lixo esvaziados.

Nas quatro dias que os contentores de algumas freguesias não são despejados, lixo amontoado com a quantidade de resíduos, os moradores fazem o que podem para minimizar o problema. "Já andámos a juntar o lixo que está espalhado por aí", afirmou Maria Miranda, moradora da Rua da Ranha, em Rio Tinto. Mas essa zona não é a única: algumas ruas acima, os montes de lixo e os caixotes cheios repetem-se. Perto do Centro de Saúde de Rio Tinto,



Junto ao Centro de Saúde de Rio Tinto, o contentor está a abarrotar

to, na Rua de Fernão Magalhães, vários são os animais que se alimentam e que espalham o lixo aí deixado, provocando a indignação nos transeuntes.

Também na freguesia de Fátima, multiplicam-se as queixas em relação ao mau cheiro e à falta de higiene. "É uma tristeza. Estamos a pagar uma taxa de lixo para quê?", questiona, revoltado, Leonel Martins, dono do café Picolé, na Avenida General Humberto Delgado.

Com meios reduzidos, a recolha de lixo pelos serviços municipais foi afetada apenas em alguns pontos do concelho. Na zona junto à Câmara, por exemplo, não se via contentores a abarrotar.

Contactado pelo JN, Joaquim Castro Neves, vereador do Ambiente da Câmara de Gondomar, explica que "devido a factos imprevisíveis" verificou-se "um fenómeno anormal de avarias nas viaturas de recolha de lixo", sem capacidade para assegurar a reparação dos veículos "em tempo útil". Joaquim Castro Neves prevê que a situação possa ser resolvida ainda durante o dia de hoje. ●



Na Rua da Ranha, há lixo amontoado desde domingo

"Desde domingo que não recolhemos o lixo. Aqui não é o único sítio que está assim. É uma vergonha".

Leonel Martins
comerciante



"Isto é uma autêntica lixeira. Incómoda tanto quem vive como quem trabalha nesta rua. Até parece mal".

Aniceto Ferreira
comerciante



População uniu-se contra o fim da carreira 10

Crianças em risco com a extinção do autocarro 10

GONDOMAR

OS MORADORES de S. Pedro da Cova, Gondomar, uniram-se, ontem, numa manifestação contra o fim da carreira 10, que atravessa a freguesia. A extinção do transporte, dizem os moradores, vai obrigar a que as crianças, que frequentam a EB 2, 3 de S. Pedro da Cova, tenham de sair no Largo da Covilhã, numa rotunda com muito movimento, e caminhar até à escola.

"Não há bermas nem sinalização para que as crianças possam atravessar em segurança", explica Daniel Vieira, presidente da Junta. Mais de 200 alunos utilizam, diariamente, a linha 10, que os deixa no portão da escola. "O que está a acontecer é verdadeiramente dramático, muitos acidentes vão acontecer se a extinção não for impedida", afirma Abel Alves, presidente da associação de pais.

Mas nem só as crianças são afetadas. Elisabete Sousa diz-se indignada: "Os meus pais têm 80 anos e vivem do outro lado da freguesia, preciso de os visitar quase diariamente. Esta carreira era a minha única opção."

Avistados no dia 20, por uma empresa privada de transportes, que a carreira ia ser suprimida já em janeiro, os moradores decidiram promover uma ação de protesto que juntou centenas de pessoas. "Dissem-nos que a parceria entre a STCP e a Gondomarense ia acabar, mas que os cidadãos não iam sofrer com isso", explicou o presidente

da junta. Durante a manifestação, circulou um abaixo-assinado requerendo a anulação da medida. "Avisáramos em cima da hora porque pensamos que não íamos fazer nada, mas vamos lutar até ao fim para que a carreira não seja extinta", afirmou Daniel Vieira. **RITA VILAÇA**



"Não utilizo a carreira 10 mas vou assinar a petição na mesma, por solidariedade. Isto é muito mau e quem vai sofrer são as crianças que têm de ir para a escola."

Ana Santos
moradora



"Sou reformado e utilizo o autocarro muitas vezes para ir ao posto médico. É o melhor que nós temos aqui, não percebo porque querem acabar com ele, não é por falta de gente."

Manuel Marques
morador

AFONTAMENTO

4

dias sem recolha de lixo em algumas freguesias

JÁ PODE CHAMAR UM TAXI ATRAVÉS DE UMA APP. Para iPhone, iPad e Android.

RESERVAS DO PORTO
+351 225 073 990 • +351 255 085 085
+351 962 868 • +351 212 992 000

taxiLink

JNPT
AGENCIAMENTO DE VIAGENS
RESERVAS DE PASSAGENS
+351 267 762 000 (m. e. 18h)
+351 267 762 001 (m. e. 18h)
www.jnpt.pt

Chá da Liga dos Amigos do Maria Pia com 400 pessoas

PORTO

SÃO JÁ 400 os convidados no chá de beneficência que a Liga dos Amigos das Crianças e Famílias - Rainha Maria Pia, agora integrada no Centro Hospitalar do Porto, vai organizar amanhã, a partir da 16 horas. Aurora Cunha, Sónia Araújo, Cláudia Jacques e a cantora Cátia Tavares são algumas presenças asseguradas no evento solidário. A iniciativa, que tem como objetivo angariar fundos para crianças e famílias carenciadas, terá lugar no Hotel Sheraton. A liga presta ajuda em transportes, alimentação, medicamentos, vestuário, material lúdico e dá acomodação na "Casa das Mães". ●



Prémios EDP beneficiam 155 mil pessoas

NORTE

EM MURÇA, uma escola vai ter apoio para cerca de 600 crianças com deficiências. Em S. Bento de Arnóia, os idosos já não estão mais sozinhos e desamparados. E mais hortas biológicas são criadas em Alfândega da Fé, para colmatar a crise.

Estes são apenas alguns dos projetos vencedores do prémio da 4ª edição EDP Solidária Barragens 2012, que vai financiar nove iniciativas sociais, prestando apoio a 155 mil pessoas. Os projetos são promovidos por instituições em regiões onde se situam as novas centrais hidroelétricas da empresa.

António Ferreira Costa, administrador da EDP, explica que "o objetivo dos prémios atribuídos é combater situações de risco de exclusão social". Em vigor desde 2009, a EDP Solidária Barragens tem como público-alvo idosos, pessoas com deficiência, crianças, jovens e desempregados. José Pacheco, diretor do agrupamento de Escolas de Murça e responsável pelo projeto LEQUE, de apoio a crianças com deficiências, revela que "ajudar mais de meia centena de crianças é muito gratificante". **RITA VILAÇA**



JOSE MOTA / GLOBAL IMAGENS

GAIA MARCHA DE PAIS NATAIS JUNTA 900 Cerca de 900 pequenos pais natais encheram a EB 2,3 Teixeira Lopes. Alunos do quarto ao nono ano, das seis escolas do agrupamento, trocaram as aulas da manhã por uma marcha rumo à escola-sede. Para promover o desporto e o convívio, a atividade contou ainda com a participação do antigo jogador do F. C. Porto Carlos Secretário. **RITA VILAÇA**

1,2 milhões para ajudar associações desportivas

MAIA A Câmara vai ajudar 45 grupos e dois projetos de desporto federado

Rita Vilaça
localis@jn.pt

DOIS PROJETOS individuais e 45 associações de desporto federado vão ser ajudadas pela Câmara da Maia com 1,2 milhões de euros. Num período em que a conjuntura nacional não encoraja investimentos, Bragança Fernandes, presidente da Autarquia, diz que a Maia está "numa boa situação económica". Os representantes das associações assinaram, ontem, os contratos-programas de apoio financeiro, logístico e material.

São 4800 os atletas federados das associações e coletividades a beneficiar deste apoio. "Consideramos que isto não é um custo, mas sim um investimento", afirmou Bragança Fernandes. Frisando a importância do desporto como atividade motivadora em tempos de crise, o autar-



Grupo que foi contemplado com verbas camarárias

"Este subsídio representa uma grande ajuda para o Acro Clube da Maia."

Manuel Barros
Presidente do clube



"É de louvar a ajuda que a Câmara da Maia está a dar ao desporto."

Jorge Bártolo
Líder associativo

ca frisou que "apoiar o desporto é apoiar a ação social."

Também para Hernâni Ribeiro, vereador do Desporto, "investir nestas associações é investir numa cidadania equilibrada e formar jovens com princípios." "Incentivamos valores, como o cumprimento de regras e o respeito mútuo", afirmou o vereador.

Apesar do investimento ser menor do que o do ano passado (cerca de 20% menos), os milhares de atletas, divididos por 18 modalidades, vão ainda usufruir, gratuitamente, de instalações desportivas e apoios de transporte. Também na tentativa de suceder a Guimarães, e desenvolver o desporto, a Maia candidatou-se, para 2014, a Capital Europeia do Desporto.

Jorge Bártolo, presidente da Associação de Moradores da Granja, mostrou-se satisfeito com as ajudas: "É um incentivo." Também Manuel Barro, líder do Acro Clube da Maia, que recebeu 20 mil euros e tem reputação internacional em ginástica acrobática, parabenizou a Autarquia: "A Maia é das únicas a promover o desporto, e isso é ótimo." ●



Na Rua de Júlio Dinis sinalização cria caos no trânsito

Empresa deixa tampas barulhentas em dez ruas

PORTO

NA RUA de Júlio Dinis está uma tampa sinalizada há mais de três semanas, na Avenida de Fernão Magalhães existe uma com um desnível e na Rua de Santo Ildefonso são quatro. Ao todo são dez ruas e 18 tampas com irregularidades espalhadas pelo Porto. Barulhos constantes e pneus furados são frequentes nas horas de ponta. A Ar Telecom, empresa responsável pelas tampas, diz serem "situações normais." A Câmara do Porto fala em "demasiado tempo [por parte da empresa] a resolver diversas situações."

São duas as tampas barulhentas na Avenida da Boavista, mesmo em frente à loja de Maria Bastos, na interceção com a Rua d'O Primeiro de Ja-

neiro. Embora não estejam vedadas, o ruído que os carros fazem ao passar torna-se insuportável: "O barulho é tanto que os moradores do prédio, do outro lado da avenida, têm de dormir nas salas."

Também na Rua de Santo Ildefonso, junto à Travessa da Poça das Patas, há duas tampas ruidosas. Neste caso há dois anos, os vizinhos já reclamaram: "Puseram borachas mas não adiantou", conta Laurentino Fernandes, lojista. "Quando passam autocarros até irrita", desabafa.

A Câmara já ameaçou a empresa, dizendo que, se não resolver os problemas, colocará lajes em betão por cima das tampas, afirmando ainda que a empresa "tem demorado demasiado tempo a resolver diversas situações de anomalia." Contactada pelo JN, a Ar Telecom diz tratar-se de "situações normais." "Somos rápidos a resolver estes problemas", explicou a responsável pela comunicação da empresa. "Por vezes a demora é porque são necessárias permissões para anar no local", conclui. **RITA VILAÇA**

**CÂMARA
AMEAÇA POR
LAJES CASO A
ARTELECOM
NÃO RESOLVER
OS PROBLEMAS**

Aparelho ajuda idosos de Paranhos a pedir assistência

PORTO

MARIA SERRO tem 83 anos e foi a primeira a beneficiar do sistema de teleassistência ontem posto em prática na freguesia de Paranhos, Porto. Embora tenha seis filhos, Maria passa muito tempo sozinha: "Isto será a minha salvação", confessa.

A "Teleassistência para Idosos" faz com um aparelho pouco maior do que um relógio de pulso, onde estão concentradas funcionalidades que podem salvar vidas. Basta carregar num botão e rapidamente o aparelho é ligado a um call center, constituído por enfermeiros preparados para responder às necessidades dos mais velhos.

"Se o idoso tiver uma insónia e quiser falar com alguém às 3 horas, pode fazê-lo. Se sair e se perder pode ligar e, através do sistema de GPS, alguém o irá buscar", explica António Sousa, representa-

te da empresa produtora do dispositivo. Também Alberto Machado, presidente da Junta, considera que "um nível de segurança mais elevado" é disponibilizado aos idosos.

O aparelho será distribuído pelos maiores de 65 anos, mediante os seus rendimentos. Os preços variam desde 150 euros, tendo uma mensalidade de 12 euros, até aos que o poderão tê-lo grátis. A Junta de Paranhos terá um stock de 20 aparelhos aumentando, a 1 de Janeiro, o número para 40. **RITA VILAÇA**

HÁ 10 MIL IDOSOS NA FREGUESIA

Cerca de 25% dos idosos de Paranhos vivem sozinhos e podem agora recorrer à teleassistência disponível 24 horas por dia, 365 dias por ano.

Estufa histórica vai ser reabilitada

GAIA

FOI ONTEM apresentada a candidatura ao próximo quadro comunitário de apoio da reabilitação da estufa e do jardim romântico da Quinta da Lavandeira, em Vila Nova de Gaia, que se traduz em cerca de 250 mil euros. "De valor patrimonial único" o espaço, afirmou Luis Filipe Menezes, terá um "destino rentável."

"Durante o meu mandato, os espaços verdes aqui de Gaia já foram triplicados", afirmou o autarca que tem como objetivo o alargamento da Quinta da Lavandeira.

A estufa, espaço que será reabilitado, e que data de meados do século XIX, encontra-se quase destruída, conservando apenas a enorme estrutura em ferro. Futuramente, diz Menezes, será recuperada e aproveitada para "uso polivalente para diversos eventos", sem pertur-

bar o ambiente sereno que envolve o parque mais central da cidade.

A necessitar de outras reformas, as obras na Quinta da Lavandeira terão de esperar até à vinda dos próximos fundos do QREN em 2014/2020. **RITA VILAÇA**



ESTUFA TEM MAIS DE UM SÉCULO

Datada de 1883, a estufa da Quinta da Lavandeira foi mandada construir pelo conde de Silva Monteiro, juntamente com o lago, jardim e mata.

Menezes satisfeito com apoio fora do PSD

"**AINDA BEM** que não tenho o pleno do PSD" – foi assim que Luis Filipe Menezes, candidato à Câmara do Porto, respondeu ontem aos jornalistas, quando questionado sobre o facto de algumas pessoas dentro do partido não o apoiarem. "Isso significava que não teria os votos tanto de socialistas como de comu-

nistas", declarou o atual presidente da Câmara de Gaia. No Parque da Lavandeira, o autarca social-democrata deixou, no entanto, o recado: "O primeiro-ministro foi o meu primeiro apoiante".

"Há pessoas dentro do partido que têm uma visão muito à direita e, por isso, não concordam com algumas

medidas que eu fui tomando ao longo do meu mandato", referiu Luis Filipe Menezes. Entrega gratuita de livros escolares e outros apoios sociais, diz o autarca gaiense, não são bem aceites por alguns elementos do PSD.

Relembrando o facto de ter outras cores partidárias a elogiarem as suas iniciativas, Luis

Filipe Menezes rotulou de "positivo" o apoio externo ao PSD.

"Como é que eu tinha tantos votos socialistas, comunistas, do Bloco de Esquerda, se toda a gente do meu partido me apoiasse?", interrogou o candidato à presidência da Câmara do Porto.

RITA VILAÇA

//Porto

PORTO //14-19
NORTE/SUL //20-25



Cria de veado-ladrador pode ser visitada

ZOO DA MAIA Nasceu há pouco mais de um mês e foi abandonada pela mãe dias depois. A fêmea recém-nascida, agora com cerca de dois quilos, teve de ser amamentada a biberão pelos tratadores, quatro vezes ao dia. O novo veado, que ainda se encontra na maternidade do Zoo da Maia, já pode ser visitado. Esta espécie, oriunda da China, quando se sente ameaçada, emite sons semelhantes a latidos, para afastar os predadores.

6 ESPÉCIES //DEZ NOVOS ANIMAIS CHEGARAM A AVINTES

| | | | | | |
|---|--|--|--|---|---|
|  <p>Chita África do Sul Conhecidas pela velocidade que atingem, estes grandes felinos eram utilizados para caça durante o século XVIII. Lamai e Hakkarri são os dois novos machos do zoológico.</p> |  <p>Mabeco África do Sul Confundido com a hiena, este canídeo é muito vulnerável a doenças como a raiva e a esgana. O Scotch chegou na passada quinta-feira de um zoológico francês.</p> |  <p>Niála África do Sul Ishami é o nome da nova fêmea. Habitados a pântanos, estes antílopes são muito docéis e sociáveis. Mais de 70% da população existente vive em cativeiro.</p> |  <p>Gazela-dama Norte de África Ameaçados pela caça excessiva, existem apenas 500 exemplares em liberdade. Berlim, Lionel, Kafi e Hores-tes são os pequenos antílopes que chegaram a Avintes.</p> |  <p>Lontra-asiática Ásia Alvim é o novo e simpático macho. Apesar de não serem exigentes com o habitat, estes animais veem os seus espaços destruídos pela crescente urbanização.</p> |  <p>Lémur-vermelho Madagáscar Como noutras espécies, são as fêmeas que mandam na família. Helen será líder do grupo que inclui mais dois machos. 80% da sua alimentação é à base de frutos.</p> |
|---|--|--|--|---|---|

Zoo salva espécies ameaçadas com constituição de famílias

● **Espaço de Gaia** está incluído em mais de 40 programas de reprodução europeus de espécies

● **Preservar animais** em extinção e estudar os seus comportamentos é missão do Zoo de Santo Inácio

Rita Vilaça
locato@jn.pt

Dez animais de seis espécies chegaram ao Zoo de Santo Inácio, em Gaia, e agora poderão ser salvos da extinção quando constituírem família. A partir de segunda-feira, far-se-ão os "casamentos".

Já lá vai o tempo em que os zoológicos eram equiparados a circo, onde os animais serviam para divertir as famílias. Agora, preservar espécies e alertar para o valor da biodiversidade são as metas a alcançar. Ameaçados pela extinção, os novos membros do Zoo de Santo Inácio estão incluídos num programa de reprodução em cativeiro, que tem como objetivo aumentar a população destas espécies.

"Deixámos de ser uma mostra e passámos a ser uma instituição que preserva animais quase extintos", explica Hélder Fernandes, veterinário responsável pelo zoo.

Tendo a paixão pelos seres vivos como profissão, o médico refere que salvar animais passou a ser o propósito dos jardins zoológicos, que cooperam no sentido de alargar programas de reprodução: "São feitas trocas entre os membros da Associação Europeia de Zoológicos e Aquários, meticolosamente supervisionadas". Nada pode falhar. Acasalamentos entre membros da família ou entre espécies diferentes podem causar danos severos nas crias. "É um esforço muito grande da nossa parte, coisas que os visitantes nem chegam a perceber", afirma o responsável.

Namoros vão começar
Segunda-feira os exemplares serão postos em convivência com os animais já residentes. "Pode ser algo perigoso, principalmente para os carnívoros. Por isso, escolhemos o dia em que o zoo está fechado para o fazermos". Se tudo correr bem, no prazo de alguns meses novas crias nas-



Entre os animais recebidos estão quatro machos de gazelas-damas

ANUALMENTE, O ZOO DE SANTO INACIO RECEBE 120 MIL PESSOAS, GRANDE PARTE CRIANÇAS

cerão, trazendo consigo a esperança das espécies. Os dez exemplares, diz Hélder Fernandes, foram esperados com ansiedade por todos os colaboradores: "Estivemos seis anos à espera das chitas, por exemplo". O macho resi-

dente, Ronaldo, terá de partilhar o espaço com mais dois machos adultos. O estudo de animais raros é outro dos objetivos do Zoo de Santo Inácio. Com mais de 300 espécies em cativeiro, conhecer o comportamento

INVESTIR NAS ESPÉCIES

► **Espécies em reprodução**
Das 300 espécies que o Zoo de Santo Inácio alberga, 15% já se encontram incluídas em programas de reprodução europeus. Quando atingirem a maturidade, alguns exemplares serão postos em liberdade.

► **Milhares investidos**
Só no transporte das duas chitas foram gastos quatro mil euros. A soma das despesas de aquisição dos dez novos animais ultrapassa "largos milhares", como refere Hélder Fernandes, veterinário do zoo.

dos diferentes exemplares é "fulcral para a preservação da biodiversidade", refere o veterinário. No próximo ano, as "contratações" passarão por um casal de leões asiáticos, cujas instalações já estão concluídas. ●

